

DÉBORA DE CARVALHO PEREIRA GABRICH

**AMAZÔNIA TRANSNACIONAL: AS REDES AMBIENTAIS NA INTERNET
E A PADRONIZAÇÃO DA NATUREZA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

G__a
2007

Gabrich, Débora de Carvalho Pereira, 1976-
Amazônia transnacional: as redes ambientais na internet
e a padronização da natureza / Débora de Carvalho
Pereira Gabrich. – Viçosa : UFV, 2007.
xii, 135f. : il. ; 29cm.

Orientador: José Norberto Muniz.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 126-129.

1. Amazônia transnacional. 2. Redes ambientais.
3. Internet. 4. Natureza. I. Universidade Federal de Viçosa.
II. Título.

CDD 22.ed. 332.71

DÉBORA DE CARVALHO PEREIRA GABRICH

**AMAZÔNIA TRANSNACIONAL: AS REDES AMBIENTAIS NA INTERNET
E A PADRONIZAÇÃO DA NATUREZA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 1.º de março de 2007.

Júlio Pinto

Geane Carvalho Alzamora

France Maria Gontijo Coelho
(Co-orientadora)

José Benedito Pinho
(Co-orientador)

José Norberto Muniz
(Orientador)

“Mas, na mesma botada, puja a definição de “rede”: - “Uma porção de buracos, amarrados com barbante...” – cujo paradoxo nos traz o ponto de vista do peixe”. (João Guimarães Rosa – Tutaméia).

AGRADECIMENTOS

Por acreditarem e ajudarem a realizar essa pesquisa, agradeço especialmente ao Eduardo, João, Sebastião e Carolina.

Agradeço a Antonio Cezar e Heloísa, Expedito e Zita, Maria Esther, Caio e Lu, Tales, Esther e Bernardo, Ana Paula e Vítor, viva a nossa família!

Agradeço a natureza, na 'pessoa' das plantas: *Banisteriops caaps*, *Psychotria virids* e *Camelia sinensis*.

Agradeço à vontade do professor Norberto de arriscar uma nova pesquisa.

Agradeço às minhas tribos: Colégio da Bandeira (Flor do Céu), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos – Neip e aos amigos da Luz do Firmamento/Viçosa.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realização do curso.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

BIOGRAFIA

DÉBORA DE CARVALHO PEREIRA GABRICH, nasceu em Belo Horizonte em 1976. Formou-se em Comunicação Social pela PUC Minas em 2001.

Em 2003 obteve o título de Especialista em Comunicação Contemporânea e Informação Visual pela mesma universidade. É pesquisadora do Núcleo de Estudos Pró Amazônia da UFV/NEPAM e colaboradora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos/NEIP.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Redes e novas tecnologias: padronização e diversificação cultural	1
1.2. Dois tipos de redes trans-institucionais	5
1.3. Comunicação ambiental na Amazônia – alternativa ou transnacional: a negociação em torno de mitos cíclicos	8
1.4. A democracia e a retórica que justifica a conservação	12
1.5. Objetivos	16
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1. Processos de produção de sentido	19
2.2. Redes transnacionais na formação de demandas globais na Amazônia	22

	Página
3. DELINEAMENTO DE PESQUISA	28
4. REPRESENTAÇÃO VIRTUAL DO WWF	31
4.1. A rede transnacional	31
4.2. O site do WWF-Brasil	45
4.2.1. A construção trans-semiótica das notícias: exemplos de tradução	55
4.2.2. A influência da construção simbólica do WWF na política ambiental brasileira	60
5. A REDE GTA: ANÁLISE SEMIÓTICA E MATERIALIDADE DOS OBJETOS DA INTERNET	65
5.1. Usabilidade e arquitetura da informação: ferramentas para de- mocratizar a rede	74
5.2. Análise de notícias	81
6. O PRODUTOR DE INFORMAÇÃO DA REDE AMBIENTAL: COM- PARAÇÕES ENTRE ENTIDADES DAS REDES	84
7. IDENTIFICAÇÃO DE REDE DE ENTIDADES AMBIENTAIS NA INTERNET SOBRE A AMAZÔNIA	96
8. CONCLUSÕES	108
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	118
ANEXO A – Relação das entidades da rede identificadas na Amazô- nia Legal, divididas por estados	119
ANEXO B – Relação das entidades da rede identificadas no Brasil (podendo ser transnacionais), de acordo com as cidades em que estão localizadas	122
ANEXO C – O caso CEFLI	124
ANEXO AVULSO – Cd rom da rede de entidades identificadas, incluídos os vídeos das vídeo-instalação triádica “REIA” apresentadas na defesa.	

LISTA DE TABELAS

	Página
1 Semiose da representação imagética do site do WWF	42
2 Semiose da justificativa de investimentos ambientais do WWF	43
3 As três tricotomias da semiótica peirciana	49

LISTA DE FIGURAS

	Página
1 Logomarca do WWF	7
2 Página inicial da rede transnacional do WWF	32
3 Cabeçalho do WWF-Austrália	33
4 Cabeçalho do WWF-Itália	34
5 Cabeçalhos dos WWFs México, Hungria, Turquia e Tailândia	35
6 Imagem do site do WWF-México	36
7 Imagem do site do WWF-Brasil	37
8 Arte visual para notícia sobre relatório ambiental	38
9 Animação do site do WWF-Austrália	39
10 Animação do site do WWF-Japão	39
11 Animação do site do WWF-Hong-Kong	40
12 Página inicial do site do WWF de 2005	46
13 Seções do site do WWF de julho de 2005 a agosto de 2006 ..	47
14 Página inicial do site do WWF de agosto de 2006 até hoje	48

	Página
15	Imagem da Amazônia no site do WWF-Brasil 50
16	Imagem de furacão no WWF-Brasil 51
17	Foto do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas 53
18	Divisão da página inicial do site do Grupo de Trabalho Amazônico 66
19	Partes que compõem o cabeçalho do site do GTA, separadamente 67
20	Partes que compõem o cabeçalho do site do GTA, reunidas .. 67
21	Parte que compõe o cabeçalho do site do GTA 69
22	Variações imagéticas do site do GTA 70
23	Arquitetura da informação primária do site do GTA 72
24	Enquetes do site do GTA 79
25	Gráfico da natureza das instituições da rede 97
26	Gráfico da natureza da informação institucional da rede 98
27	Entidades ambientais identificadas na Amazônia Legal, relacionadas detalhadamente no Anexo A 99
28	Entidades da rede com sede fora da Amazônia Legal, relacionadas detalhadamente no Anexo B 100
29	Sites de entidades que utilizam imagens de crianças 105
30	Página do programa piloto de conservação da floresta amazônica brasileira do Banco Mundial 106
31	Alterações do design do site do CEFLI 112
32	Alterações do design do site do CEFLI 113
33	Mapa de localização de Capixaba 119

RESUMO

GABRICH, Débora de Carvalho Pereira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2007. **Amazônia transnacional: as redes ambientais na internet e a padronização da natureza**. Orientador: José Norberto Muniz. Co-orientadores: France Maria Gontijo Coelho e José Benedito Pinho.

O surgimento de padrões ambientais que definem, no início do terceiro milênio, regras de convivência do homem com a natureza é o principal resultado do contato entre redes, como as que compõem a brasileira Grupo de Trabalho Amazônico e a transnacional WWF. Este trabalho faz uma análise semiótica dos sites destas duas redes, com o objetivo de encontrar tendências para a formação de uma visão que direciona políticas ambientais. Complementada com entrevistas, essa análise ilustra a dinâmica do movimento da informação ambiental, ou seja, quem são realmente os autores de novas informações, quais os que copiam, alteram e reproduzem, e como essa bricolagem influencia a preservação da Amazônia. São apontadas tendências para a nova ordem ambiental mundial, inferidas a partir da análise de estratégias midiáticas, que podem influenciar desde deliberações políticas, como a criação de uma lei ambiental, até, de maneira mais abstrata, na construção de um 'percepto', segundo Peirce, um juízo perceptivo, uma série de enunciados que determina uma visão de mundo, ou o que Keck e Sicking chamam de '*common frame of meaning*'.

ABSTRACT

GABRICH, Débora de Carvalho Pereira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March 2007. **Transnational Amazônia: the Environmental Networks in the Internet and Standardization of the Nature.** Adviser: José Norberto Muniz. Co-Advisers: France Maria Gontijo Coelho and José Benedito Pinho.

The appearance of environmental standards to define, at the start of the third millennium, rules for the relationship of men with nature is the general result of the contact between networks, like the Brazilian Grupo de Trabalho Amazônico and the transnational WWF. This study makes a semiotic analysis about these networks, to find tendencies that shape a political environment and guide vision. Complemented with interviews, the research design focuses on the dynamic of the social information movement, asking who are the ones that really make the news, who is it that copies, transforms and reproduces it, and how defines this assemblage define conservation action in Amazônia. In this way, we hope to identify the new tendencies that are appearing that can influence political deliberations like the creation of an environmental law, or abstractly shape a perception or filter, according to Peirce, or shape a new vision for new 'a common frame of meaning', according to Keck and Sicking.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Redes e novas tecnologias: padronização e diversificação cultural

Se desde a revolução industrial os processos de trabalho da sociedade eram representados pela metáfora do mecanismo, ou da máquina, nas pós-revoluções que ocorrem são as redes que expressam melhor o desenho da interação entre conteúdos e proposições diferentes, advindos de um sectarismo cultural e ideológico que têm potencializado a descentralização do poder deliberativo entre governos, instituições, organizações e atores individuais.

Quando a ênfase do conceito de rede é apenas em termos das figuras, elas podem se constituir, por exemplo, em sistemas organizacionais com elementos dispersos geograficamente, mas interconectados entre si. Com os mesmos princípios, redes podem representar facilidades urbanas de transporte, sanitárias, de energia elétrica, conjunto de lojas, bancos, lanchonetes e supermercados. Apesar da alternativa formal de ilustrar com situações empíricas, essas representações, embora evidenciem dispersão territorial, elementos e interconexão, nem sempre constituem o que podemos chamar de redes alternativas. Segundo Costa (2003), há contornos mais precisos que ajudam a delimitar este tipo, que são a natureza eminentemente democrática, aberta e emancipatória de um processo organizado dessa maneira. Ora, pois quando tudo é rede, modos conservadores e inovadores de agir, estratégias de standardização ou individualização de grupos culturais e ideológicos confundem-se sob uma mesma pretensa aparência operacional.

Como fenômeno para observação em diversas áreas, desde a comunicação até os estudos agrários, nota-se que o conceito de rede flui de acordo com a perspectiva analítica, que pode ser focalizada na organização (desenho), tipo de funcionamento, conteúdo ou fluxo de informação. Mas, apesar das diferenças entre o foco preferido de cada área de conhecimento, decorrentes da ação interpretativa isolada, emerge a tendência transdisciplinar de conceituação. Capra (2001), por exemplo, define a rede como um sistema, ou um padrão comum a todos os organismos vivos, de forma a dar ênfase na configuração. Este raciocínio advém de uma visão sistêmica do mundo, ou seja, que admite a possibilidade de compreender as situações e as causas atuantes como um conjunto localizável num todo, mostrando sua interconexão. Essa interdependência, segundo o autor, corrobora com a idéia de que a iniciativa de contato externo, ou a própria reflexão interna, produz ações de ir e vir em uma corrente contínua, em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada.

Sob propósitos diferentes, Castells (2000) também emprega o conceito de redes focalizando o aspecto do fluxo das informações. Para este autor, rede expressa um processo simultâneo de trocas de informações, capital e comunicações culturais, que pode ser exemplificado pela economia global. Para Castells (2000), a facilidade de ativar fluxos de comunicação provocada pelas redes é a maior ferramenta para a desigualdade social, propiciando a emergência de uma “entidade capitalista coletiva sem rosto, formada de fluxos financeiros operados por redes eletrônicas” (CASTELLS, 2000, p. 501). Ao invés do alcance de um estágio de equilíbrio social com a potencialização do acesso à informação, este autor afirma que a sociedade encontrou, ao mesmo tempo, a libertação das forças naturais (como movimento alternativos de defesa ambiental e de direitos humanos) e a opressão e exploração social, como políticas públicas que incentivam o desmatamento e a agropecuária na Amazônia. Isso revela que as redes possibilitam a representação de funções diversas, gerando paradoxos como esse observado pelo autor:

Estamos entrando em um novo estágio em que a Cultura refere-se à Cultura, tendo suplantado a Natureza a ponto de a Natureza ser renovada (“preservada”) artificialmente como uma forma cultural: de fato, este é o sentido do movimento ambiental, reconstruir a natureza como uma forma cultural ideal (CASTELLS, 2000, p. 505).

A formação de uma cultura ideal padronizada concomitantemente à valorização pela internet de culturas segmentadas e marginalizadas é o que admite Santos (2002), mais esperançoso do que Castells (2000). O autor interpreta a globalização – e seu conceito de redes flui dessa concepção – como conseqüência da unicidade da técnica e do aumento da troca de informações. O espaço unipolar de dominação, portanto, é produzido e possibilitado pelas novas conexões de comunicação e tecnologia – ou seja, as redes de informações e de fluxo de capital. Santos vai do julgamento da globalização, como ‘perversa’, a uma visão de que um senso comum mais justo possa despertar, ou seja, a esperança de que ‘um novo mundo é possível’:

A partir dessas metamorfoses, pode-se pensar na produção local de um entendimento progressivo do mundo e do lugar, com a produção indígena de imagens, discursos, filosofias, junto à elaboração de um novo *ethos* e de novas ideologias e novas crenças políticas, amparadas na ressurreição da idéia e da prática da solidariedade (SANTOS, 2002, p. 167-168).

Embora o autor anuncie um senso comum, fruto do entendimento progressivo do planeta, é a conectividade que faz emergir conteúdos distintos, que partem de grupos diferentes dentro do movimento ambiental que, mesmo possuindo interesses diferentes, estão em contato. É essa interação que estrutura uma rede. Nesse sentido, estabelecer conexão entre instituições e seus agentes significa estabelecer vias de comunicação, nas quais experiências são trocadas. Os dados são o alimento da rede, tanto quanto sua morfologia. Na verdade, exerce a função que a linguagem sempre exerceu nas sociedades humanas, mas de maneira potencializada. Sua função, mais do que de transportar significados de um lugar a outro, é organizar a ação da rede. Se considerarmos a rede como uma forma de comunicação, tudo o que é concretizado por meio dela deve ser visto sob a ótica da circulação da informação e dos valores a ela conectados.

Entretanto, há um fator diferencial nesse fluxo, que está associado ao estágio do desenvolvimento pós-industrial. Nos estágios mais recentes, o fator determinante desse fluxo têm sido a internet. Os sites cumprem funções importantes como comunicadores e articuladores de atores sociais diversos, no sentido de produzir, armazenar e distribuir informação. Legítimos bancos de dados, sua atualização pode ser feita em tempo real, onde a obtenção e a inserção de informações são atividades econômicas que também emergiram

neste estágio pós-industrial. São as novas formas de trabalho associadas à função de veicular notícias pela internet. E também locais de conversação e troca direta, pessoa a pessoa, entre membros da rede e/ou outros atores sociais. Esse fato é favorecido por meio de fóruns e *chats* (salas de bate-papo).

Há também conteúdos alternativos nas redes. Com mais dinamismo, são experiências em que cada um dos integrantes, conforme critérios e normas definidos coletivamente, pode inserir textos ou material audiovisual. Esse movimento surgiu na reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), de 1999, em Seattle, quando manifestantes protestaram por diversas causas sociais e ambientais, mas não obtinham repercussão pública por serem ignorados pela mídia. Surgiu o 'pós-jornalismo'¹, a necessidade de um meio para divulgar os ideais de pessoas que não concordam com a globalização capitalista e neoliberal. Redes de ativismo digital e ambiental, como o *Independent Mídia Center – Indymedia*, *Tao* e *Greenpeace* têm o objetivo de cobrir o que a mídia tradicional não pauta normalmente, como protestos e eventos, e têm atendido à sua própria demanda de informação, fazendo com que suas temáticas sejam vistas e assim, posteriormente, a mídia tradicional é forçada a pautar as mesmas. Wolton (1999, p. 85), para contextualizar este tipo de experiência, utiliza o conceito da dicotomia da lógica midiática da oferta e demanda, a primeira exercida pelos meios de comunicação tradicionais, em que a mensagem é oferecida, emitida. E a segunda, a lógica da demanda, é caracterizada pela disponibilização e acesso da informação, através de mecanismo de busca em que o ator poderá escolher as informações desejadas, ação que podemos considerar similar à iniciativa dos atores que respondem aos apelos para filiação e participação em ações de redes ambientais, como o WWF² e *Greenpeace*, por exemplo.

Se um usuário da rede mundial de informação pode escolher em quais ambientes virtuais deseja satisfazer sua demanda de informação, isso faz com que os criadores desses espaços de divulgação criem mensagens de acordo com seu público alvo. Os sites têm programas que analisam o comportamento dos usuários, em quais páginas demoraram mais tempo, por exemplo, quais

¹ As transformações do jornalismo e do cenário comunicacional em geral têm sido tantas, tendo em vista que os receptores têm agora liberdade potencializada para buscar quais informações desejam, pelo uso da internet, que alguns autores não hesitam em falar de **pós-jornalismo** (ALTHEIDE; SNOW, 1991).

² WWF é a sigla utilizada para denominar *World Wildlife Fund*.

imagens e *links* foram mais clicados, quais arquivos mais acessados etc. Esses dados, aliados a valores simbólicos, influenciam os critérios de seleção para construção das mensagens e criam comunidades virtuais em ambientes desterritorializados, causando o que Bauman (1999) e Giddens (2002) chamam de 'desencaixe entre espaço e lugar'. Bauman (1999) admite que o avanço das tecnologias da comunicação na modernidade provoca a desconexão entre territórios físicos e simbólicos e Giddens (2002) concorda que a modernização aumentou a distância entre indivíduos e comunidades tradicionais, expandindo as noções antes estreitas de tempo e espaço.

Essas contextualizações são necessárias para o entendimento da pesquisa realizada, pois a Amazônia, atualmente, é ambiente geográfico e simbólico para a formação interativa das redes trans-institucionais em defesa da floresta. Isso ocorre principalmente na internet, onde é perceptível que os campos das artes, da política e do ativismo ambiental não precisam necessariamente estar vinculados a um grupo de pessoas situado em uma cultura ou região determinada. É o caso dos associados ao WWF, pessoas de várias partes do planeta, de formação cultural diversa, mas que possuem em comum o fato de contribuírem financeiramente para determinados projetos de preservação.

1.2. Dois tipos de redes trans-institucionais

O interesse pelo controle da informação pressupõe que o que é divulgado por meio da internet é intencional. Passa por uma reinterpretação das informações geradas pelos projetos, pelos relatórios dos diagnósticos e pelos planos de desenvolvimento comunitários, ao serem traduzidas para os sites, envolvendo etapas de edição e seleção. Parafrazeando Bourdieu (1998), esse processo de negociação implica em trocas simbólicas, pois ao selecionar uma informação em torno da legitimação oferecida por verdades científicas, essa seleção é feita com o intuito de justificar intervenções culturais e no meio ambiente.

Partindo desse pressuposto, a tradução do real para o virtual causa perda e alteração da informação original, concepção corroborada por Levy (1993), que afirma que o mundo real não é a correspondência do mundo virtual

– muito e antes pelo contrário. O autor explica que ‘virtual’, derivado do latim *virtuallis*, significa ‘repleto de possibilidades’, potencialmente capaz, que pode ‘vir a ser’. Ele utiliza a metáfora da semente como ‘árvore virtual’, e entende que, quando uma informação deixa de ser virtual, ela torna-se ‘atual’, ou seja, quando fazemos *upload* de uma notícia ambiental na internet, ela torna-se atual em um novo contexto, determinado pelas condições tecnológicas e intelectuais de recepção do usuário. Isso significa que o virtual não remete ao real, mas a uma terceira produção de sentido, dependente de outros fatos alheios ao fato original, como, por exemplo, o contexto da comunicação face a face que pode ser potencializada pela internet. Portanto, o usuário é um indivíduo que personaliza sua tradução e não um observador imobilizado, passivo.

Sobre a Amazônia há um grande número de sites de organizações não governamentais – locais e transnacionais – que produzem, divulgam e armazenam informações em torno da defesa da natureza. A partir da observação das primeiras visitas virtuais exploratórias, nota-se a ocorrência, no mínimo, de dois tipos de redes ambientalistas: a) as que possuem estrutura internacional e economia que permite manter escritórios e técnicos; e b) as redes compostas por organizações domésticas, locais, que possuem ligação cultural e humana mais estreita com a comunidade em que atuam, mas com poucos recursos financeiros para manter uma infra-estrutura institucional definida.

Um exemplo do primeiro tipo é a Rede WWF (conhecida como Fundo Mundial para a Natureza), com sede na Suíça, conhecida pela sua logomarca em formato de urso panda (Figura 1). Segundo informações do site do WWF-Brasil (2005), a entidade desenvolve projetos de preservação ambiental em 130 países e possui quase cinco milhões de contribuintes cadastrados virtualmente.



Figura 1 – Logomarca do WWF.

Sua página internacional (<http://www.wwf.org>) remete a páginas em 43 países, que formam uma rede de informação mundial sobre questões ambientalistas em diferentes ecossistemas, com linguagem acessível a leigos. Um exemplo do segundo tipo de rede é o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Segundo dados do site do Grupo de Trabalho Amazônico – GTA (2006), sua formação consiste em 18 coletivos regionais, formados por entidades autônomas, espalhados pelos nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Pará, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão). Cada entidade que participa do GTA possui sua própria dinâmica de atuação, mas com objetivos gerais comuns, como o combate ao desmatamento e à plantação de soja na floresta. A rede agrega cerca de 600 entidades³ e o site apresenta elos para as páginas na internet de cada uma.

Autores como Meirelles Filho (2004) e Becker (2004) admitem que a interação institucional entre esses dois tipos de redes – internacionais e de entidades locais – determina acordos para o planejamento das ações de defesa ambiental que executam na Amazônia. Para Becker (2004), a aceitação do governo brasileiro à pressão ambientalista nacional e internacional contra o uso predatório da natureza é resultante da dinâmica entre as entidades que compõem essas redes de defesa ambiental, possibilitada pela conexão das pequenas associações com as redes transnacionais. A proposta deste projeto é investigar a natureza dessas interações e o conteúdo das mensagens

³ Há uma divergência de dados entre autores. Becker (2004) afirma que a rede GTA integra mais de 300 associações, enquanto Meirelles Filho (2004) afirma que são mais de 550 associados, entre organizações populares, ONGs, movimentos sociais e ambientais, sindicatos, castanheiros, pescadores, instituições de pesquisa e assessoria e outros. Segundo uma entrevista, são 602 integrantes.

divulgadas na internet, tendo em vista a perspicácia de que *“há também interesses de controle da informação sobre o saber local e o próprio território pelos parceiros nacionais e internacionais”* (BECKER, 2004, p. 104).

A questão que sobressaiu a princípio, nesta pesquisa, foi a de exploração e descrição desses objetivos em um contexto específico: a defesa do meio ambiente na Amazônia, envolvendo as relações trans-institucionais. Deste modo, o meio ambiente, como objeto trabalhado com a finalidade de conservação e de proteção, passa a envolver, justamente pelas características da internet como ferramenta de comunicação, instituições que retratam “o mundo vivido”, na terminologia habermasiana, através de conteúdos digitalizados, independentemente de localização espacial ou temporal.

Por isso, a denominação de redes ‘trans-institucionais’ refere-se às instituições interconectadas pelos computadores, que possuem um sistema de meios, conforme admite Castells (2000), com objetivos autônomos ou não. A rede trans-institucional tanto pode ser de componentes autônomos, como o GTA, quanto de núcleos, como os que compõem o WWF, sendo uma das principais questões dessa investigação descrever a natureza dessa interação e do seu conteúdo, para captar as tendências político-ambientais que surgem nesse processo. Há também a questão da coerência entre os conteúdos transmitidos pela rede e os fatos do “mundo vivido”, ou seja, se o que é apresentado no mundo virtual corresponde à realidade. Portanto, a questão da coerência expressa dois aspectos: os interesses compartilhados de objetivos dos componentes das redes e os interesses compartilhados dos componentes das redes com os atores que compartilham a rede de relações face a face, no dia a dia das populações tradicionais.

1.3. Ambientalismo na Amazônia, em torno de mitos cíclicos: comunicação alternativa ou negociação transnacional:

A possibilidade de populações tradicionais, organizadas em movimentos sociais, utilizarem meios de comunicação, potencializou sua participação nos processos deliberativos de políticas públicas, principalmente na preservação da Amazônia. Surgem núcleos alternativos de mídia, representantes do que chamamos de ‘entidades sociais’: associações, ONGs,

movimentos religiosos, ambientais, comunitários, agências de notícias, redes, fóruns e festivais culturais que utilizam como veículos a internet, rádios comunitárias e práticas de ações em rede, como intervenções teatrais nas ruas e protestos, para se declararem insatisfeitos com as empresas de comunicação corporativas, que excluem suas pautas da cobertura tradicional. Essas práticas podem ser denominadas de mídia tática⁴ (GARCIA; LOVINK, 2003), ou mídia independente, e se constituem em uma produção mais descentralizada, até mesmo bem desorganizada. Por outro lado, surgem também sites de produção de informação muito organizada e planejada, também em rede, como o WWF-Brasil, que atua somente em projetos de preservação, e não de reflorestamento, na Amazônia.

Ambas as práticas de comunicação alternativa, as organizadas e as informais, podem ser contextualizadas em um tempo que Lévy (1993, p. 126) chama de 'tempo do espírito em rede' da humanidade. O autor descreve a evolução dos meios de comunicação (oralidade, escrita, meios de comunicação eletrônicos) como determinante de três tempos do espírito do homem na história: 1) o tempo dos mitos, da fala, cíclico; 2) o tempo da linearidade conferida pela imprensa; e 3) o tempo da internet, do computador e do descentramento da informação. No entanto, esses três pólos não são cronologicamente dispostos como eras, linearmente, pelo contrário, convivem simultaneamente no presente, com intensidades diferentes. Para Hall (2003, p. 29), mesmo com a possibilidade das ferramentas das novas tecnologias, e toda essa contigência de liberdade e multiculturalismo, a história continua cíclica, no sentido da construção de novos mitos, hegemônicos, contextualizados no presente, porém, com sua força de redenção no futuro. Dessa forma, as políticas conservacionistas defendidas pelas ONGs transnacionais na Amazônia são justificadas pela previsão (e fato) da destruição da floresta em poucos anos (no futuro), o superaquecimento da terra e toda tragédia global de derretimento do gelos dos pólos.

⁴ As mídias táticas, como conceito, abarcam uma série de manifestações independentes, de qualquer categoria (intelectuais, jornalísticas, estéticas etc.) até mesmo *offline*, como teatro de rua. A manifestação prática do movimento Mídia Tática são os laboratórios de mídia, os *Tactical Media Labs*, que pretendem fomentar a formação de mídias independentes. Ver site do movimento em <http://www.midiatatica.org>.

Percebe-se, então, que o tempo dos mitos, e sua projeção do futuro sobre o presente, não passou. Por exemplo, o que acontece com o conceito de ambientalismo? De um lado, a visão conservacionista da natureza intocada é defendida principalmente por cinco classes de pessoas: os turistas (objetivo estético de prazer), as elites governantes (símbolo de prestígio nacional), organizações não governamentais transnacionais, como a IUCN⁵ (*The World Conservation Union*) que educa seus profissionais nas virtudes da biologia da conservação, funcionários de parques e acadêmicos (a natureza conservada como ciência). Por outro, há cada vez mais técnicos com sensibilidade social que defendem que as populações tradicionais devem ser inseridas nas estratégias de conservação e que a biodiversidade não é apenas um produto natural e científico, mas também cultural. No entanto, o superaquecimento da terra (e promessa de uma catástrofe climática num futuro próximo) fornece dados científicos para a legitimação do mito ambiental conservacionista. A Folha de São Paulo, por exemplo, utiliza frequentemente fontes institucionais como o Greenpeace, a TNC⁶ (*The Nature Conservancy*) e o Banco Mundial em notícias sobre a Amazônia, que evidenciam a necessidade de deliberações políticas conservacionistas. O dado de que preservar um hectare de floresta pode valer quase trinta vezes mais em créditos de carbono do que se fosse convertido em pasto⁷, do relatório do Banco Mundial e reproduzido no jornal, pode ser considerado uma forma de legitimação da tendência mundial de internacionalização da Amazônia, refutada pelo governo brasileiro, que tenta implantar o Protocolo de Kyoto, outra forma de arrecadar capital para combater o desmatamento. A redenção da terra, no futuro, justifica, no mínimo, a liberação de capital das nações mais ricas para investimento em unidades de conservação nos países mais pobres.

A negociação entre povos diferentes para determinadas questões não é novidade. Lutas de significação, por exemplo, definiram a ocupação da

⁵ Organização ambiental transnacional que publica há 40 anos, em nível mundial a Lista Vermelha, com dados sobre seres vivos ameaçados de extinção (disponível em: <<http://www.iucn.org>>. Acesso em: 2 fev. 2006).

⁶ Organização ambiental transnacional que apóia a preservação da biodiversidade e declara a importância do Brasil em seu site como o país que possui uma em cada quatro espécies de plantas encontradas na Terra (disponível em <<http://www.nature.org/wherewework/southamerica/brasil>>. Acesso em: 3 fev. 2006).

⁷ Notícia da Folha de São Paulo em 9 nov. 2006 "Banco Mundial financiará carbono de floresta em pé" (disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0911200601.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2006).

América Latina entre portugueses, espanhóis e nativos, e conforme corrobora Hall (2003, p. 28), a experiência da migração, da diáspora, é o que nos faz pensar a questão das diferenças entre identidades culturais nas relações de poder⁸. O autor chama essas identidades ‘matrizes’ de ‘mitos transistóricos’, esse ‘cordão umbilical’ que liga à tradição (um signo fechado em si), fundador, que confere sentido à história de um povo, mas que também precisa conviver em uma ‘zona de contato’. Esse contato é intensificado em alguns locais. Na Amazônia, por exemplo, existem metrópoles como Rio Branco, no Acre, e Santarém, no Pará, em que há um grande número de estrangeiros residentes, ou em viagem de pesquisa, ou como ativistas ambientais, isto sem contar as migrações internas coletivas, como os nordestinos que ocuparam o Acre no ciclo da Borracha, começo do século passado, e posteriormente os sulistas que ocuparam terras do norte, com incentivo da SUDAM⁹, com sua política incentivadora do desmatamento para a pecuária.

Nota-se, porém, principalmente pela representação de sites na internet de todos os tipos e gostos culturais e estéticos em relação à Amazônia, uma certa indefinição atual entre colonizador e colonizado, pois a hegemonia cultural, como era anunciada por teorias da comunicação da Escola de Frankfurt, não se deu por uma massificação tão homogênea, pois a globalização é, paradoxalmente, multiculturalista. O estrangeiro se rende ao açai, ao cupuaçu, mas propõe a certificação da madeira, que é receitada pelo engenheiro florestal para as colônias, mas, na maioria das vezes, o manejo não é executado pelo caboclo, o que se pode constatar pelos mapas alarmantes de desmatamento da região. Como cada um (o estrangeiro, o técnico, o caboclo) tem seu valor diferente sobre a mesma questão – a floresta - vê-se que a lógica cultural nunca produz ‘significados finais’¹⁰, está sempre em movimento e, como argumentam Bakhtin e Volochínov, “é este intercruzamento dos índices

⁸ Embora as observações de Hall especificamente se refiram à diáspora do povo caribenho na Inglaterra, são úteis para o entendimento de multiculturalismo e trocas simbólicas entre matrizes culturais diferentes.

⁹ Segundo relata Chico Mendes, em <<http://www.cnsnet.org.br>> – Chico Mendes de 1970 a 1975 chegaram os fazendeiros do Sul (região sul do Brasil), que contavam com apoio de incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e compraram mais de 6 milhões de hectares de terra. Com a ajuda de jagunços, conseguiram expulsar, violentamente, posseiros e índios, que não possuíam estudo e nem a consciência básica de cidadania para se orientar quanto aos seus direitos. Artigo publicado em: 4 nov. 2002, disponível em: <http://www.cnsnet.org.br/news_ver.php?idnews=8>. Acesso em: 13 jun. 2005.

¹⁰ Conforme afirma Peirce (1999), o processo de semiose é infinito.

de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir” (1981, p. 46, apud Hall, 2003).

Essa plurivalência é da maior importância, pois aí se firma a globalização, no gringo cheio de picadas que dá seu testemunho feliz na internet sobre um encontro xamânico na floresta¹¹, e também, paradoxalmente, em processos hegemônicos de dominação, tanto culturais quanto econômicos. Por exemplo, as grandes agências de notícia transnacionais são “responsáveis por 75% a 100% do volume de notícias internacionais dos jornais”¹² (BULIK, 1990, p. 134). Assim, povos de países da América Latina que têm em comum a floresta Amazônica, como Brasil, Bolívia, Colômbia, Guianas, Peru, Suriname e Venezuela, têm mais acesso a notícias sobre os Estados Unidos do que sobre seus vizinhos. Se por um lado as nações são soberanas, por outro são subordinadas a ‘operações sistêmicas globais mais amplas’, como transferências financeiras de empresas que atuam em todo planeta ou, de maneira independente, da troca pela internet de arquivos de música sem o pagamento de impostos, que podem ser consideradas ‘operações culturais globais’. Ora, Cruzeiro do Sul, no Acre, tem praticamente o mesmo número de lan houses¹³ do que de ‘botecos’. Hall (2003, p. 36) chama isso de fase ‘transnacional’ do sistema, um desenho descentrado, com tendências a uma democracia¹⁴ que pode ser considerada mais justa.

1.4. A democracia e a retórica que justifica a conservação

Para que exista democracia, tanto na Grécia (sua origem), quanto na Amazônia, o fundamental é haver condições propícias para a comunicação. Segundo Sodré (1996, p. 12), para essa ponte de relações éticas, econômicas, estéticas há inclusive um termo grego, *filia*, que significa um tipo de fluido, uma força aproximativa dos elementos, que origina uma espécie de técnica de

¹¹ Disponível em: <http://www.luizmendes.org/depomento_lou.htm>. Acesso em: 8 jan. 2007.

¹² Essas agências disponibilizam grande quantidade de imagens, textos, áudios e vídeos e, segundo Bulik (1990), manipulam as informações de acordo com a ótica liberal dos países de origem (principalmente as norte-americanas UPI e AP e, em menor escala, a francesa AFT e a inglesa Reuters).

¹³ Estabelecimentos que oferecem computadores conectados à internet, por hora, a R\$ 3,00 (2007).

¹⁴ A democracia é uma palavra originária da Grécia (*demokratia*), sendo que *demos* significa ‘povo’ e *kratia* vem de *kratos*, que significa ‘governo, poder, autoridade’. Para Aristóteles¹⁴ democracia é uma forma degenerada de república, uma sociedade política ruim, “o Estado que os homens livres governam” (Aristóteles, 323 a.C., 120), o que excluía as mulheres e os escravos.

comunicação: a retórica. Essa técnica era, na antiguidade, a arte de argumentar em espaço público (praças, mercados), com o objetivo de persuadir os cidadãos, principalmente no que dizia respeito a diversas questões. Se hoje esse espaço público se expande para o ambiente virtual, continua em vigor a necessidade de o discurso não ser vazio (apenas para convencer cidadãos a qualquer custo), como Sócrates chamava a atenção, e sim ter como objeto a verdade, o único elemento capaz de “integrar o cidadão na *polis*”. Para Platão, a “boa retórica” é a dialética, a arte do raciocínio, que levará os homens à verdade, ou seja, ao conhecimento dos ‘objetos justos e belos’. A dicotomia entre retórica (crença) e dialética (saber) persiste na questão da comunicação ambiental sobre a Amazônia na internet – a dúvida fica entre saber o que é verdadeiro e o que é engano, onde há ou não manipulação de conteúdos para determinados fins.

Um assunto em pauta constante nas teorias da comunicação é a atualização contemporânea dessa discussão. Ou seja, entender se as novas formas de discursos, mediatizados pela tecnologias mais avançadas, em uma sociedade industrializada, seriam as novas formas de os indivíduos terem consciência de si mesmos para, a partir daí, definirem quais as prioridades a serem assumidas como ações públicas. Ou seja, qual a consciência dos povos da Amazônia sobre a importância global da região em que vivem? Será que essas políticas podem ser inseridas no contexto nacional como necessárias por ‘intenções’ estrangeiras?

A comunicação ideal na Amazônia, portanto, nesse caso, seria usada para “a reivindicação (implícita) de uma espécie de ‘restauração metafísica’ do próprio caboclo (personagem original do local), sujeito *transparente*” (SODRÉ, 1996, p. 27), ou seja, imune à alienação, pois pressupõe que ele se conheça histórica e politicamente, e aos seus problemas e necessidades, pois está situado em uma sociedade da qual é conhecedor. É um exemplo mítico.

Isso porque, ao invés de fazer o cidadão se conhecer, a sociedade atual é a do espetáculo, da simulação e da representação, a apreensão do real nunca é plena. No mínimo, se dá em níveis de compreensão, variáveis de acordo com contextos particulares, tanto dos emissores e receptores das mensagens, quanto do meio em que ela se processa.

Ora, a produção de informação nos sites do WWF-Brasil e GTA é uma prática constante de reconstrução do passado. A memória é reordenada a partir de fatos, para fortalecer uma visão do presente. Mas, a representação do passado pela mídia, não só a 'globalizada', mas as marginalizadas, tendem a converter-se em um fenômeno de senso comum, transformação que se caracteriza menos em memória do que em amnésia coletiva (SODRÉ, 1996 p. 85). Para o autor, tornar 'social' uma democracia equivale atualmente a contaminar todos os mecanismos culturais, tornar a prática democrática uma experiência multiculturalista, o que pode ser bem efetuado na internet. Além disso:

Não pode conceber-se cultura, em termos patrimonialistas, como monopólio oficial de idéias materializado em ministérios, secretarias, academias de letras e manuais escolares, nem (em termos conceituais) como cristalização do valor humano a partir de parâmetros comparativos europeus (SODRÉ, 1996, p. 86).

E não só em relação aos padrões europeus. Mesmo dentro de uma mesma sociedade, segundo Habermas (1995), "o erro consiste em um *estreitamento ético dos discursos políticos*". Após fazer uma análise comparativa entre os dois modelos de democracia que têm dominado nos Estados Unidos, *republicano* e *liberal*, o autor aponta uma terceira forma de democracia alternativa: a política deliberativa, que se apóia precisamente nas condições de comunicação, sob as quais o processo político pode gerar resultados racionais. Os discursos de autocompreensão é que permitem aos participantes tentarem esclarecer a forma que cada um entende estar dentro de uma comunidade, ou de um município, estado ou nação. Este pode ser um procedimento técnico interessante na prática da Extensão Rural, quando da intervenção em comunidades. A sua cultura e costumes condicionam como os grupos devem se tratar uns aos outros. A definição de quais tradições devem ser perpetuadas e de quais devem ser modificadas constitui-se numa importante parte das ações políticas. Mas, muitas vezes, em situações de pluralismo cultural e social, as prioridades valorizadas por uma comunidade entram em conflito com metas políticas de interesses econômicos exógenos ou alheios.

Surge, portanto, a necessidade de um equilíbrio de interesses, através de negociações, disponibilidade de cooperação, ao que Habermas define como uma postura de respeito às regras do jogo, como forma de se "chegar a

resultados que possam ser aceitos por todas as partes, ainda que por razões distintas” (1995, p. 44). Contudo, essa negociação não se dá de maneira direta e simples, através de discursos éticos e racionais. Ela se dá em condições e por procedimentos que levam a uma justificativa racional de legitimidade. “Pois, para ser legítimo, o direito politicamente estabelecido tem pelo menos de guardar conformidade com princípios morais que pretendem ter validade geral” (HABERMAS, 1995, p. 45).

A validade e legitimação dos direitos privados individuais necessitam que os afetados estejam envolvidos previamente em discussões públicas que esclareçam que pontos são relevantes ou não, e posteriormente seja mobilizado o poder comunicativo para a re-interpretação das demandas consideradas, e assim promover o repensar de todo o processo. Ou seja, a participação popular é fundamental.

Nessa mesma lógica de convencimento pela retórica prática, as entidades transnacionais que trabalham na Amazônia tentam persuadir as culturas locais de que estas devem ser ‘protegidas’, como foi o caso dos índios xacris, que recebem indenizações da Vale do Rio Doce em Carajás, porque apresentaram resistência à utilização de suas terras pela mineradora.

Um outro exemplo interessante de negociação simbólica aconteceu em Santarém, Pará, em maio de 2006. Como cidade portuária, local de escoamento de grande produção de soja brasileira para o mercado internacional, Santarém tem seu entorno de floresta amazônica bastante depredado. Os investimentos agrícolas para a soja são financiados pelo poder municipal, sob o signo do progresso. O Greenpeace, entidade conservacionista transnacional, que utiliza eventos de protesto para chamar a atenção da mídia para questões ambientais, denunciou a empresa Cargil como incentivadora da derrubada da floresta na região para plantação de soja e conseguiu impedir legalmente a paralisação do porto, por denúncias de irregularidades em um relatório. O resultado foi que a população da cidade, dependente economicamente da atividade agrícola, quase linchou os ativistas, que foram ‘salvos’ apenas porque a polícia os prendeu para que isso não acontecesse. E também começou, por iniciativa dos produtores rurais, uma grande campanha com a distribuição de milhares de adesivos com a frase: “Fora Greenpeace, a Amazônia é dos brasileiros”.

Se quisesse ter o apoio das populações locais, antes do evento protesto, a entidade deveria ter conquistado os territórios simbólicos locais, inculcando o valor da preservação da floresta como identidade cultural e transformando os conceitos nativos para o relacionamento com a natureza. O que não é nada fácil, pois o padrão de pensamento que eles querem impor pode não fazer sentido para o caboclo, por isso necessita de uma grande transformação educativa, e sobretudo econômica, no local. A estratégia de retórica que observamos, portanto, é agir de fora para dentro, pressionando o governo federal, para que pressione o municipal, e principalmente emitindo informações para sites que possam redistribuir e reconstruir a mensagem nas vias plurais da internet.

1.5. Objetivos

O objetivo desta pesquisa foi explorar e descrever o fluxo das relações trans-institucionais em defesa do meio ambiente da Amazônia, na internet. O estudo exploratório da forma de apresentação das informações na internet tornou perceptível entender como se formam valores e conceitos acerca da preservação ambiental, através das negociações simbólicas entre instituições locais e transnacionais. Especificamente, essa pesquisa objetivou realizar as seguintes tarefas:

- o mapeamento das instituições ambientalistas da região que possuem sites na internet;
- o mapeamento de instituições (ambientalistas ou não) externas que divulgam informação sobre a Amazônia.
- uma detalhada análise semiótica específica dos sites das redes WWF (com destaque para o site do WWF-Brasil) e do Grupo de Trabalho Amazônico – GTA (o primeiro por se tratar de uma organização transnacional de defesa do meio ambiente e o segundo por ser um pólo de interação entre diversas instituições locais na Amazônia);
- análise de outros sites das redes identificadas, considerados relevantes.
- identificação de ações interativas entre essas organizações, mas somente as que passaram por processos de edição e ganharam visibilidade na internet.

Simultaneamente a essas investigações, foi feito um trabalho de descrição da estrutura, organização e desenvolvimento das redes trans-institucionais. Algumas dúvidas levantadas sobre o tema foram motivo de questionamento durante as entrevistas, quando, a partir de conversas flexíveis com pessoas selecionadas, foi possível identificar os conteúdos das dimensões ambientais explorados pelos técnicos que trabalham nas ONGs. A intenção foi entrevistar não somente o pessoal tecnicamente especializado em comunicação, mas também pessoas que realmente decidem qual informação se torna importante para divulgação – diretores, conselheiros, presidentes etc., para sentir quais valores ambientais direcionam suas ações.

Dessa forma, foi possível caracterizar o surgimento de padrões ambientais globais, e entender como isso se torna uma nova orientação que influencia as instituições de defesa ambiental locais, principalmente no sentido da apreensão do que é preservar, do que é sustentabilidade ecológica (e outros termos tão em voga acerca do ambientalismo, que necessitam ser desmistificados). Esse recorte possibilitou determinar como procedente, na relação entre o WWF e instituições da rede GTA, o "desencaixe do espaço e lugar! admitido por Bauman (1999) e Giddens (2002), e o entendimento de como verdades científicas justificadas na mídia alteram o comportamento de culturas locais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A apreensão teórica do problema pesquisado exigiu a interface entre duas vertentes teóricas: a) a teoria peirciana da semiótica, que delimita os conceitos que permitem a compreensão da materialidade da linguagem da nova mídia; e b) a introdução de conceitos que permitem descrever a estrutura, organização e desenvolvimento das redes trans-institucionais e sua atuação no movimento ambientalista da Amazônia.

A justificativa da proposição da interface foi devida, em um primeiro momento, à exploração das mensagens contidas nos sites das entidades que formam as redes trans-institucionais do movimento ambientalista da Amazônia. Para essa descrição, o instrumental de análise da semiótica foi utilizado com o intuito de identificar valores icônicos, indexicais e simbólicos que envolvem a construção do significado da preservação do meio ambiente na internet. Sob esta referência conceitual, foi possível compreender não só a lógica estrutural da linguagem da nova mídia, mas também caracterizar a internet como meio intelectual, pois é a filosofia da ONG, com todas as suas características, que utiliza a potencialidade de ferramentas de interação sob determinados propósitos.

Assumindo que outros conceitos são necessários para enriquecer a compreensão do problema proposto, os valores interpretados pela análise semiótica foram complementados por conceitos que caracterizam as redes transnacionais, uma vez que a questão abordada, centrada no meio ambiente

em uma região de múltiplos interesses nacionais e internacionais, pode, e esta foi uma das hipóteses do trabalho, expressar conteúdos conflitantes entre residentes, organizações locais, organizações nacionais e organizações internacionais. Portanto, o referencial teórico foi desenvolvido a partir de dois itens, conforme apresentados a seguir.

2.1. Processos de produção de sentido

A primeira vertente teórica utilizada foi a semiótica, pela sua capacidade de descrever os processos de significação da linguagem. O termo semiótica foi adotado primeiramente por John Locke (1690), no seu *Essay on human understanding*, no qual propôs uma 'doutrina de signos', e também por Johann Heinrich Lambert (1728-1777), que em 1764 escreveu um tratado intitulado *Semiotik* (LAMBERT, citado por NÖTH, 1995, p.18). Atualmente a 'ciência dos signos' é denominada de semiologia ou semiótica, desde que o Congresso Internacional de Semiótica de 1969 considerou os dois termos sinônimos. Porém, a palavra semiologia corresponde à corrente francesa do estudo dos signos na vida social iniciada por Ferdinand Saussure (1857-1913), uma ramificação da psicologia, assim como a lingüística, que concebe o signo como uma entidade de dupla face (significado/significante). Já a palavra semiótica está relacionada à tradição anglo-saxônica, que concebe o signo em uma estrutura triádica, em um processo de mediação que tende ao infinito, e expande a questão das relações imersas na vida social para outro ambiente de comunicação, independente da mente humana interpretadora, podendo ser processos de produção de sentido não verbais, como a linguagem da internet.

A semiótica, com ênfase na teoria de Charles Sanders Peirce¹⁵, é o estudo dos signos, dos processos de produção de sentido necessários para haver comunicação e interação. O autor desenvolveu três categorias fenomenológicas (primeiridade, secundidade e terceiridade) para explicar o

¹⁵ Peirce faleceu em 1914 e a maior parte de suas publicações são póstumas. Considera-se que sua obra não é legível – quem pode ler cem mil páginas manuscritas? Foi feita uma coletânea dos textos mais significantes para publicação por Hartshorne e Weiss (1935), inicialmente, e depois outros autores utilizaram suas idéias, como APEL (1968) (o que foi de grande importância para o desenvolvimento das teorias sobre pragmatismo), ou Habermas, que o utilizou para desenvolver sua teoria da ação comunicativa.

modo como os processos de produção de sentido se dão em nossa mente (SANTAELLA, 2002).

A idéia de primeiridade (que em algumas traduções vem como 'presentidade') é a da mônada, da qualidade primeira, novidade, vida, liberdade, todas as sensações. Podemos considerar um exemplo de primeiridade, na temática da preservação ambiental, a cor verde, pois pode remeter a sensações de floresta, mata, natureza, clorofila, plantas, ou seja, uma variedade de possibilidades de significação. Essa categoria inicia os processos de compreensão, o primeiro entendimento acerca de algo subjetivo, sem comparação e sem referencial.

Ao mesmo tempo, para ser compreendida, é necessário um teste, algo que impeça o ceticismo. Quando existe o conflito, o processo de semiose alcança a secundidade. É a formação da díada. *"A idéia de segundo predomina nas idéias do causar e da força estática"* (PEIRCE, 1935). Para Santaella (2002), *"Agir, reagir, interagir e fazer são modos marcantes, concretos e materiais de dizer o mundo, interação dialógica, ao nível da ação, do homem com sua historicidade"* (SANTAELLA, 2002, p. 50). Essa reação pode ser exemplificada pela cor verde em um sinal de trânsito (já não mais o verde repleto de possibilidades), mas aquele que provoca uma reação, a de seguir adiante. Por terceiridade, Peirce entende ser o mediador entre o primeiro e o segundo. *"O começo é o primeiro, o fim segundo, o meio terceiro"* (SANTAELLA, 2002, p. 92). A idéia mais simples de terceiridade é a de signo, onde queremos chegar para analisar variáveis de representação relacionadas à preservação da natureza. *"Um signo representa algo para a idéia que provoca ou modifica"* (SANTAELLA, 2002, p. 93). Um exemplo simples de terceiridade seria o próprio 'verde bandeira', aquele que colore a bandeira nacional, que carrega uma simbologia cívica, de costumes culturais e delimitações geográficas.

Passando por estas três categorias o ser humano entende o mundo (a parte acessível a cada um), porque o representa, e só entende essa representação porque está ligada a outra, e outra, infinitamente, em cadeias de relações triádicas. Isso é o processo de semiose, que Peirce define como uma ação, uma influência entre *"três sujeitos, como por exemplo um signo, o seu objeto e o seu interpretante, tal influência tri-relativa não sendo jamais passível*

de resolução em uma ação entre duplas”. Ou seja, a relação entre o signo e seu objeto é mediada pelo interpretante.

Esse conceito de signo é dividido em três tricotomias, a primeira que relaciona o signo consigo mesmo (representâmen), a segunda conforme a relação do signo com seu objeto e a terceira que relaciona o signo com seu interpretante. Essa divisão segue a lógica de percepção dos fenômenos, que vai da possibilidade, passa pelo desempenho (observância dos fatos) e conclui na certeza, hábito ou lei. Essa lógica pode ser comparada com a do sujeito que, ao entrar na internet (vasta gama de possibilidades), observa, escolhe e publica as informações que deseja e - neste caso dos que pesquisam sobre a temática da preservação ambiental – pode concluir em alguma ação (hábito ou lei), como clicar para autorizar uma doação para a execução de projetos.

Dessas três tricotomias, foi abordada mais especificamente a primeira, que relaciona o signo com seu objeto, pois há um grau de degeneração quando uma informação sai do seu estado bruto (o fato) até a sua representação em um site institucional, e essa diferença pode ser compreendida através da decomposição dessa primeira relação triádica que define três tipos de signos: ícone, índice e símbolo.

No ícone há uma predominância de primeiridade, portanto, não consideramos que há uma representação e sim uma apresentação, algo que serve para contemplar, mas que necessariamente não significa algo mais delimitado, é como um desafio aos nossos sentidos para complementar uma significação. O índice é aquele que representa seu objeto por força de uma extensão física, pois envolve uma relação efetiva com seu objeto na esfera física (COELHO NETO, 1999, p. 58). O símbolo é um processo de interpretação determinado por uma convenção, e varia de acordo com a experiência colateral do observador. A capacidade de apreensão do significado aumenta à proporção do grau em que o intérprete está inteirado das regras e normas da dimensão cultural no qual este signo está inserido: “Um símbolo é o signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente um associação de idéias gerais” (NÖTH, 1995, p. 83). Portanto, uma das hipóteses constatadas nessa pesquisa foi que a imagem do urso Panda (usada como logomarca do WWF), se enquadra na definição de símbolo peirciana, pois a sua vinculação a uma organização internacional se consolida como um

hábito para quem conhece e possui experiências colaterais capazes de contextualizá-lo para compreender essa simbologia.

Outra constatação foi que, através das informações produzidas pelos sites que compõem as redes trans-institucionais do movimento ambientalista da Amazônia, quer seja através da produção de notícias factuais, pequenos vídeos em formato de internet, ensaios fotográficos ou arquivos de áudio, há sempre algum nível intencional de produção de sentido. No caso do WWF-Brasil, essa informação intencional flui de um sentimento subjetivo, evoca emoções e se objetiva fazendo o usuário clicar para doações. Por isso, os sites ambientais de organizações transnacionais, que possuem grande arrecadação para seus projetos ambientais e capital operacional para contratar bons profissionais da comunicação, desenvolvem mais a emissão de informações icônicas (que remetem a sensações) e simbólicas (que se consolidam como um hábito, uma lei).

Enquanto isso, os sites locais, 'caseiros', produzidos por simpatizantes da causa, que sempre têm dificuldades financeiras¹⁶, publicam mais informações indexicais, como notícias, manifestos, textos extensos e detalhados para um público bem mais especializado (ligado à temática ambientalista por ideologia ou profissão), onde o conflito da secundidade existe como discussão entre grupos menores. A identificação de diferentes signos foi utilizada para esquematizar o processo de semiose, de produção de sentido e significação presentes em toda linguagem, em busca dos tipos mais utilizados nos sites analisados.

2.2. Redes transnacionais na formação de demandas globais na Amazônia

A segunda vertente teórica utilizada tratou de conceitos acerca da influência das redes transnacionais na Amazônia, mas que também estão relacionados com a formação de sentidos. Para entender o funcionamento atual da região amazônica é necessário saber que sua economia, no final do século XIX, atendia aos interesses do capitalismo internacional, como

¹⁶ Segundo Meirelles Filho (2004), são pelo menos duas mil organizações, sendo que cerca de 500 delas são filiadas à rede Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA), mas que possuem muitas carências de infra-estrutura e capacitação de pessoal técnico.

fornecedora da matéria-prima então fundamental para as indústrias da época: a borracha¹⁷. Com a falência dos seringais e a expansão da frente agropecuária na Amazônia, nos anos 70 do século passado, ocorre o acirramento da luta pela terra nessa região, especialmente motivada pelo comércio ilegal de madeira e pelos criadores de gado, que desmatavam grandes áreas para servir de pastagem. Segundo relata Chico Mendes¹⁸, de 1970 a 1975 chegaram os 'fazendeiros do Sul' (região sul do Brasil), com apoio de incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam)¹⁹ e compraram mais de seis milhões de hectares de terra. Com a ajuda de jagunços, expulsaram índios e caboclos²⁰ que não possuíam conhecimento quanto aos seus direitos. Chico Mendes conta que, somente na região de Xapuri (Acre), foram destruídas, de 1970 a 1975, "180 mil árvores seringueiras, 80 mil castanheiras e mais de 1,2 milhão de árvores de madeira de lei, sem contar as várias espécies de árvores medicinais"²¹.

A partir de 1975, começou a surgir uma atividade de resistência a essa ocupação. Em 1987, a convite de ambientalistas, Chico Mendes participa da Conferência Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Miami-EUA e denuncia as políticas de desenvolvimento financiadas por organismos internacionais resultantes em depredação das florestas. Após esse evento, foram cancelados os financiamentos ao governo brasileiro para a região amazônica, o que causou grande revolta dos fazendeiros e políticos locais, que acusaram Chico Mendes de impedir o desenvolvimento e progresso do Estado do Acre. Ao voltar do exterior, o líder conseguiu apoio do governo federal para criação, em 1988, da Cooperativa Agroextrativista de Xapuri

¹⁷ Segundo Taussig (1993) narra detalhadamente, vários povos indígenas foram massacrados com a expansão da exploração da borracha. O autor utiliza o termo 'terror', se referindo ao caso da exploração feita por uma companhia inglesa na região colombiana do Putumayo, onde os índios eram primeiro seduzidos a extrair seringa, em troca de pequenos presentes, e depois escravizados e explorados até a morte. Na contemporaneidade, o terror se atualiza em conflitos armados, violência, prostituição infantil etc., e na transformação da Floresta Amazônica em pastos, campos de soja e serrarias.

¹⁸ Em entrevista disponível em: <<http://www.cnsnet.org.br> - Chico Mendes> – artigo publicado em 4 nov. 2002. Disponível em: <http://www.cnsnet.org.br/news_ver.php?idnews=8>. Acesso em: 13 jun. 2005.

¹⁹ Órgão instituído em 1966 para promover o desenvolvimento da Amazônia, que se tornou sinônimo de corrupção e desvio de verbas públicas. Foi extinto pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 2001.

²⁰ Que podem ser de origem indígena ou da união entre os mesmos e colonizadores, inclusive de origem nordestina, que foram incentivados a colonizar o Acre no governo de Getúlio Vargas, para ocupação do estado recém adquirido pelo Brasil da Bolívia.

²¹ Em entrevista disponível em <<http://www.cnsnet.org.br> - Chico Mendes> – artigo publicado em 4 nov. 2002. Disponível em: <http://www.cnsnet.org.br/news_ver.php?idnews=8>. Acesso em: 13 jun. 2005.

(Caex), que recebeu financiamento de ONGs e fundações internacionais como a *Cultural Survival Enterprise*; Fundação Ford; WWF e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

As denúncias de Chico Mendes, que resultaram em pressão internacional ao governo brasileiro para aceitação de padrões globais de desenvolvimento em harmonia com a preservação da natureza, podem ser consideradas um marco desse movimento transnacional de ativismo ambiental na Amazônia. Com a internet, isso se potencializa, pois nota-se que o espaço virtual vem sendo ocupado por organizações que divulgam dados sobre o meio ambiente, com interesse de convencer ou simplesmente arrecadar fundos para projetos, mas sempre utilizando a linguagem e as ferramentas interativas da nova mídia.

Para Keck e Sikkink (1998), ações coletivas estratégicas para formatar uma cultura a um determinado padrão global estão se processando no planeta:

Transnational advocacy networks are proliferating, and their goal is to change the behavior of states and of international organizations. Simultaneously principled and strategic actors they 'frame' issues to make them comprehensible to target audiences, to attract attention and encourage action, and to 'fit' with favorable institutional venues (KECK; SIKKINK, 1998, p. 3).

O conceito de *Frame*, no sentido usado pelas autoras, advém do de Ervin Goffman (em *Frame Analysis*, 1972), readaptado por David Snow e seus colegas, que significa “esforços estratégicos para formar e moldar consciências em um sentido de compreensão do mundo que legitimem ações coletivas”. Especificamente para Johnston (2002, p. 62-91), *frames* são esquemas interpretativos, que indicam o que é importante, criam um padrão de entendimento. É uma ‘moldura’, um conjunto de significados simbólicos, percebido através das análises dos discursos sobre as maneiras de comunicar, as formas verbais e não verbais de linguagem, alimentação, vestuário – todos os itens que organizam a memória institucional dos grupos, seu autoconhecimento.

A standardização de padrões internacionais de preservação ambiental aumenta a intolerância a certas práticas locais de ocupação e desenvolvimento agrícola na Floresta Amazônia, combatidas através de campanhas internacionais. Essas campanhas – tanto ambientais quanto relativas a direitos humanos –, segundo os exemplos descritos na obra de Keck e Sikkink (1998),

são conjuntos de atividades conectadas estrategicamente, uma ‘mobilização potencial’, em busca de atingir objetivos comuns²².

Os protagonistas destes movimentos são os seguintes, elencados por Keck e Sikkink (1998): organizações de defesa e pesquisa não governamentais, nacionais e internacionais; movimentos sociais locais; fundações; a mídia; igrejas, cooperativas e organizações culturais e intelectuais; e o governo.

O que ocorre nessa guerra de significações é que as estruturas transnacionais (e aqui podemos citar mais especificamente o WWF, pois este trabalho trata de redes ambientais) se utilizam de organizações nacionais domésticas, internas de uma sociedade, como pequenas instituições, associações, cooperativas etc., para mediar ações, tentando sobrepor acordos de negociação entre valores internacionais e valores culturais locais. O fluxo de informação entre esses atores revela uma densa rede de conexões, formal e informal, que levam ao que as autoras chamam de ‘*common frame of meaning*’, ou seja, essa emergência de valores éticos e morais comuns, em nível internacional, para lidar com os atritos que podem surgir da diversidade cultural, proeminentes em nível doméstico.

Por outro lado, constatou-se que o efeito contrário também ocorre, quando padrões locais se fortalecem ao entrar em conflito com demandas globais. Por exemplo, se uma ONG transnacional tem como prioridade de preservação em uma área ambiental somente a natureza, instituições locais mais conscientes negociam para convencer de que é preciso oferecer opções de desenvolvimento sustentável para os povos que vivem na área, ao invés de expulsá-los em nome da biodiversidade.

Esse diálogo institucional entre ONG transnacional e representantes das comunidades locais é explicado por Robert Putnam (PUTNAM, 1988, citado por KECK; SIKKING, 1998) com a metáfora do “*two-level-game*”, no qual atores comuns internos influenciam atores internacionais, e vice-versa. No entanto, as autoras criticam que essa estrada de duas vias é, freqüentemente, muito estreita, pois implica em um limitado acesso aos sistemas internacionais. A questão é mais complexa, as negociações se dão muitas vezes de maneira

²² Constata-se que essa informação das autoras é verídica, tanto nas análises das representações da internet quanto nas entrevistas, mas isso virá depois, nas análises.

intersubjetiva, através da construção de significados simbólicos comuns, e da flexibilidade de adaptação das identidades culturais, através da dinamização dos processos de comunicação, que constroem e produzem sentidos.

As organizações locais e internacionais têm uma regra central de agir no intuito de pressionar lideranças a mudarem suas posições políticas. Dessa forma, pressionado por agentes internacionais, o governo se voltou para políticas que consideram a preservação do ecossistema incluindo as populações que o habitam. Por exemplo, na Amazônia, formou-se a concepção do modelo das reservas extrativistas, que são terras de propriedade do governo federal, mas cujo uso é controlado pelas associações comunitárias de seringueiros e outros trabalhadores extrativistas naturais das florestas. Esse modelo de ocupação e desenvolvimento das florestas nacionais só foi concebido após denúncias de Chico Mendes às organizações internacionais de que a floresta amazônica estava sendo destruída. Keck e Sikkink chamam isso de efeito *Boomerang*, quando os canais de comunicação entre o estado e minorias prejudicadas se fecham, atores domésticos internos buscam chamar atenção de outros estados soberanos, para que seus padrões éticos e de valores se sobreponham e pressionem a mudanças de visões políticas. Da mesma forma, questões internacionais podem aumentar as demandas de grupos internos.

Se por um lado sugerimos que há degeneração na representação de fatos ambientais na internet, devido à impossibilidade natural das mídias de representar o fato integralmente na sua realidade, por outro, nota-se que há também distorção e alteração dos significados originais. Há casos de textos de notícias na internet em que a dramatização da situação dos envolvidos é exagerada, tornam-se vítimas, o que pode ser explicado pelos estudos sociológicos de Goffman (1985), para quem todas as comunicações são representações construídas com o intuito de criar o senso comum, legitimar regras, que justifiquem acordos sociais. E, especificamente no caso das 'estórias' das vítimas 'ambientais' que circulam na internet, as comunicações decorrem da intencionalidade de alguma ação, desde o clique para doações até a mobilização popular para eventos de protesto.

Da mesma forma, Castells (2000) identifica que os processos de construção de identidade pressupõem a existência de conteúdos simbólicos

comuns, que podem servir tanto como legitimadores das instituições dominantes, quanto como elemento para justificar resistência e construção de novos parâmetros. São com estes conteúdos simbólicos que trabalham as redes transnacionais, para manipular a opinião pública em função da criação de um agendamento, ou seja, a exposição midiática de temas e questões ambientais, que podem se tornar políticas, influenciando nas decisões e posições do Estado e empresariais. Estratégias de interação institucionais para promover mudanças políticas de atores alvos envolvem, segundo Bourdieu (1998), a somatória das vontades subjetivas dos agentes envolvidos num campo de disputas, que interferem nos interesses objetivos do próprio campo. Para o autor, é agravante o fato de que as regras legitimadoras são constantemente reafirmadas, em processo de concorrência pela produção de verdades, pelas vantagens obtidas pela força das mesmas.

3. DELINEAMENTO DE PESQUISA

Como característica da pesquisa exploratória, conforme Black e Champion (1976) sugerem, identificou-se na internet os sites que abordam a questão ambiental, vinculados à rede GTA, pois a rede WWF não conecta outras instituições ao seu site e não divulga lista das entidades locais parceiras. Após esse procedimento, foi feita a correspondência geográfica da sede dessas instituições, o que possibilitou, em um primeiro momento, classificar a entidade como 'local' ou 'transnacional', dependendo dos locais em que possui escritório.

Foram selecionadas 189 entidades diversas, conectadas através do GTA, para categorização em função da sua natureza institucional, modo de produção de dados e tipos de conexão com outros sites através da internet. Esse procedimento permitiu visualizar as redes e seus fluxos de informação, a partir dos seguintes indicadores:

- **Natureza do *design e arquitetura da informação*.** Identificadas pela disposição gráfica e visual dos conteúdos oferecidos.
- **Interação com parcerias.** Os links foram os critérios para a identificação de parcerias, considerando-se tanto as conexões com outros sites em listas próprias quanto as ligações mencionadas dentro de notícias.
- **Atualização.** Foram identificados critérios de inserção de informação, como periodicidade e quantidade de textos, e qual a predominância de quais assuntos ou temas.

- **Tecnização dos textos.** Critério pelo qual foi avaliado o grau de padronização dos testemunhos por parte dos 'profissionais da comunicação', tradução algumas vezes considerada distorção dos discursos originais.

A análise semiótica detalhada, fundamentada pelas proposições teóricas de Peirce (1935) se restringiu aos sites da rede transnacional WWF e da rede nacional GTA, por meio da qual se empregaram os conceitos de representação, transcodificação e apropriação cultural, a partir de inferências pontuais sobre elementos visuais e hipertextuais. Isto permitiu indicar se os emissores permitem, ao criar a mensagem, maior ou menor grau de complementação do sentido da informação por parte do usuário. As variáveis utilizadas nesta fase foram, primeiramente, a identificação de **signos icônicos, referenciais e simbólicos**, o que permitiu dizer o nível de complementação do significado exigido para se efetivar o processo de produção de sentido da mensagem. No caso do WWF-Brasil, após essa análise semiótica foram comentados alguns exemplos da política ambiental brasileira.

Para complementar a análise descrita anteriormente, foram entrevistados membros das instituições, em suas diferentes funções, como técnicos da área de comunicação (jornalistas, relações públicas, programadores visuais e de *web*), e membros que participam do processo de decisão concernente às informações e dados disponibilizados nos sites. Entre estes estão os ativistas, fundadores, diretores, conselheiros, presidentes.

Essa etapa foi importantíssima para entender como o conceito de defesa do meio ambiente flui da subjetividade da consciência de um indivíduo para a objetividade formal de uma instituição, e como pequenas instituições influenciam na criação de padrões globais. Da mesma forma, foi estudado o processo contrário, isto é, como fluem verdades legitimadoras de ações das grandes para as pequenas instituições, terminando por refletir nas ações individuais.

As entrevistas foram semi-estruturadas, revelando, a priori, elementos interessantes nesse processo de investigação. Por exemplo, a maior receptividade e disponibilidade dos técnicos de ONGs nacionais (que sempre têm tempo) e disponibilidade restrita dos técnicos do WWF-Brasil (sempre se expondo como usualmente ocupados, como grandes executivos). As perguntas foram elaboradas a partir das informações dos sites, com o intuito de

complementação do entendimento dos mesmos, em assuntos relacionados à interação que possibilita a fluência das dinâmicas trans-institucionais ambientais, como acontecimentos atuais, relevância da divulgação de pesquisas científicas, previsões, eventos de protesto etc. Alguns assuntos tratados: disponibilização das informações nos sites, mercado do carbono, concessões para madeireiros, situação indígena, manejo florestal, aprovação de leis, profissionalização das entidades locais, negociações entre técnicos brasileiros e estrangeiros, superaquecimento global, internacionalização da Amazônia e outros.

O modo de produção de informação e os elementos envolvidos (o jornalista, o fato, a notícia, as fontes, o contexto social) foram fatores observados de acordo com algumas teorias das notícias elencadas por Traquina (2001), embora o foco tenha sido 'o produtor' da informação (capítulo 6). Isso para, no processo de atualização dessas correntes de pensamento ao ambiente virtual da Amazônia, obter esclarecimentos sobre as formas de tradução dos fatos reais para as redes de informação.

A maioria das entrevistas foi realizada pela internet (utilizando skype e outros meios de comunicação instantânea). Foram realizadas também entrevistas face a face, principalmente no Acre, em três viagens para a região, inclusive com pessoas nativas da comunidade Céu do Mapiá (município de Pauini-AM) e da comunidade Fortaleza (município de Capixaba-AC). Em janeiro de 2005, foi realizado um primeiro levantamento inicial de dados. Em janeiro de 2006 foi feita uma pesquisa em busca de entidades transnacionais que atuam na região e realizadas as primeiras entrevistas com os técnicos do WWF. E em janeiro de 2007, após já ter realizado as pesquisas exploratórias, foi selecionada uma comunidade, a partir da rede identificada, na qual foi possível perceber de maneira muito interessante como dialogam atores locais e transnacionais em torno de um projeto de preservação (capítulo 7).

4. REPRESENTAÇÃO VIRTUAL DO WWF

4.1. A rede transnacional

O ponto de partida para esta análise da rede WWF, na internet, é a página <http://www.wwf.org>, conforme ilustrado pela Figura 2. Ela permite o acesso a 43 sites institucionais diferentes, que correspondem a 43 países ou localidades, pois não se referem somente a Estados constituídos, como Espanha ou França, mas também a conjuntos delimitados por características geográficas semelhantes, como Pacífico Sul e América Central. O desenho dessa página é extremamente simples: a logomarca do urso panda ao lado do slogan *'for a living planet'*, a lista dos países em duas colunas e cinco imagens de paisagens, sendo que quatro naturais e uma de um homem limpando uma praia, vestido com a logomarca do urso panda estampada na camiseta. Abaixo, a frase: *"WWFs ultimate goal is to build a future where people live in harmony with nature"*²³. A cor predominante é o laranja, e se destaca o contraste em preto e branco da logomarca estilizada, que representa o primeiro animal salvo da extinção pela instituição.

²³ Tradução: **O principal objetivo do WWF é construir um futuro onde pessoas vivam em harmonia com a natureza.**



Fonte: Disponível em <http://www.wwf.org>.

Figura 2 – Página inicial da rede transnacional do WWF.

Apesar do objetivo do WWF, explícito na frase, ser a garantia do futuro da população em harmonia com a natureza, essa interação – entre homem e natureza – pode ser vista de diferentes formas. O WWF e outras ONGs internacionais, como o IUCN, são tidas como instituições que adotam uma política ambiental conservacionista, também chamada de ‘ecologia profunda’, ou seja, que querem preservar a natureza (animais, plantas, biodiversidade) ‘do contato’ com o ser humano (DIEGUES et al., 2000). É comum essa visão ser legitimada em matérias jornalísticas, que frequentemente utilizam como fontes os técnicos dessas instituições e seus dados de relatórios científicos²⁴, que afirmam que as populações locais são os principais responsáveis pelo desmatamento da Amazônia.

²⁴ Notícia da Folha de São Paulo em 9 nov. 2006: “Banco Mundial financiará carbono de floresta em pé”, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15484.shtml>, acessado em 11/11/2006.

Esse diálogo com as culturas locais, por parte das entidades ambientais transnacionais, flui, no meio cultural, através da formação de valores ambientais que definem ações políticas e, no meio eletrônico, através da re-contextualização dos elementos da natureza (a representação imagética nos sites).

A rede WWF, em um patamar global, apropria-se de elementos culturais de cada país, principalmente de imagens da natureza local, com a finalidade de atualização em relação às identidades nacionais. É o que se nota em 43 sites personalizados da rede. A chamada textual presente em todos os sites, embora traduzida em idiomas diferentes, é o apelo à doação, cadastramento e pedido de auxílio financeiro: *'donate now'*, *'adotta un animale'*, *'hazte sócio'*, *'dons en ligne'*. Os signos visuais, aliados às chamadas textuais, são altamente capazes de realizar essa tarefa de comunicação:

... tanto a indexicalidade como a iconicidade são aspectos da utilização comunicativa da imagem. A indexicalidade predomina na fotografia como um vestígio, como o protocolo de uma experiência, como uma descrição, um testemunho. A iconicidade, por outro lado, predomina na fotografia como um souvenir, como uma lembrança, uma apresentação, uma demonstração (SANTAELLA, 1997, p. 111).

Essa apresentação potencialmente icônica pode ser 'sentida' no cabeçalho do site da Austrália (Figura 3), por exemplo, na qual encontramos a seguinte figura:

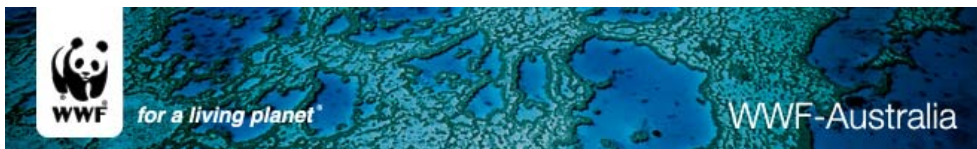


Figura 3 – Cabeçalho do WWF-Austrália.

O que parece ser uma foto de radar das ilhas que compõe o continente australiano mescla cores verdes e azuis, que remetem a uma sensação de mar, de liberdade, de vida. A utilização de anamorfoses, que são imagens sem forma definida, segundo o conceito de Jurgis Baltrusaitis (MACHADO, 2002,

p.229), é comum no meio eletrônico da internet. Cortar, curvar, dobrar e costurar imagens de arquivos digitalizados são procedimentos comuns, com fotografia de perfeita credibilidade, embora isso nunca tenha sido filmado. Com isso, usuário da imagem como matéria-prima (antes o fotógrafo, hoje, mais contemporâneo, o *webdesigner*), não precisa mais esperar o instante perfeito para o registro da fotografia e, sim, garimpar, em bancos de dados especializados, formas para uma composição sintética que produz o sentido intencionado, sem muito compromisso de representar fielmente uma realidade, ou um fato acontecido em data e hora determinado, pelo contrário:

A imagem sintética é (...) a consequência visível de uma concepção estática do espaço e do tempo reais; concepção puramente teórica e quantitativa que encontra uma aparente confirmação prática no surgimento e no desaparecimento de 'formas imagens' compostas por pontos sem dimensão e instantes sem duração, controlados digitalmente por algoritmos de uma linguagem codificada (VIRILIO, 1995, p. 83-84).

Essa linguagem não é codificada somente nos algoritmos do computador, mas também em codificações culturais, através das quais outros significados podem ser apreendidos, pelas múltiplas possibilidades de produção de sentido presentes nas formas e linhas variadas. É o que acontece com o cabeçalho (Figura 4) do site do WWF na Itália:

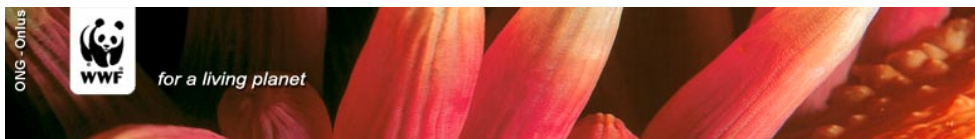


Figura 4 – Cabeçalho do WWF-Itália.

O que podem significar esses formatos fálicos de cores avermelhadas? O que isso tem a ver com a cultura italiana? Molho de tomate, alcachofras? Algo de tradicional, caseiro, doméstico? O intérprete pode determinar. Essa possibilidade de identificação cultural do intérprete, no caso o cidadão italiano que busca essa informação dentro da rede e contribui com dinheiro para as ações, não se encerra na identificação de semelhanças culturais, mas é

transcendido no símbolo do urso panda, que representa valores ambientais de preservação da natureza. O processo de semiose, pois, é infinito, mas torna-se determinado por ele – o Panda – o símbolo construído, e pela lei que encerra. Como um selo, a imagem do panda *determina* o relacionamento da tradição local com a natureza.

É comum, nos sites que compõem a rede WWF, a apropriação do animal simbolicamente significativo do país, como na Figura 5. No México, o jaguar, na Hungria, o cachorro, na Turquia os peixes e na Tailândia os pássaros da praia:

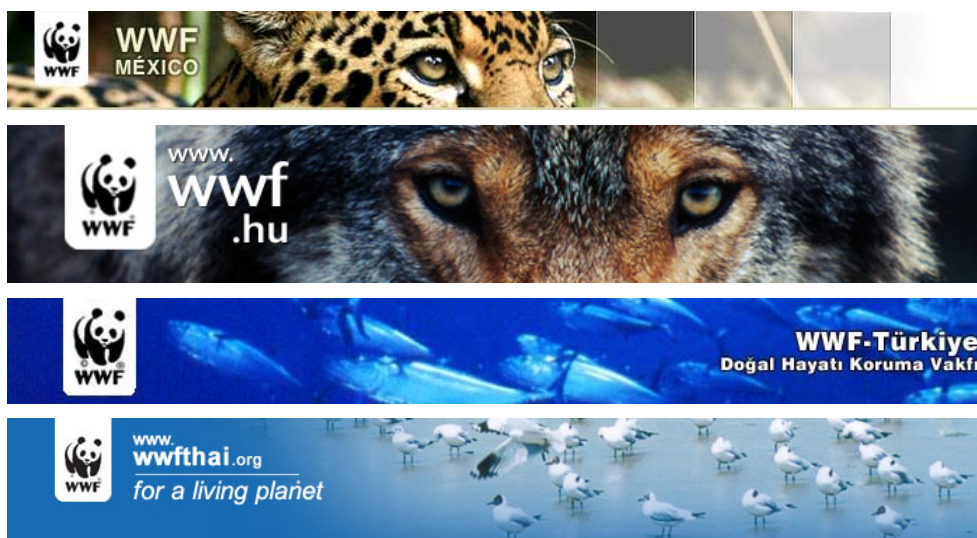


Figura 5 – Cabeçalhos dos WWFs México, Hungria, Turquia e Tailândia.

Um outro tipo de apropriação identificada é a das paisagens naturais dos países, como na Figura 6, que servem de cartões postais, papéis de parede disponibilizado para *download* para associados, de modo que a tela seja a natureza, como no site do México.



Figura 6 – Imagem do site do WWF-México.

O caso dos protetores de tela, estampas oferecidas para decorar a janela principal de interface do computador, faz com que a imagem funcione como um instrumento ideológico. Essa imagem-instrumento, segundo Manovich (2001), permite ao usuário, de forma remota e falsa, o uso de uma realidade física em tempo real. A idéia é dar a sensação de uma habilidade não apenas de agir, mas de "teleagir". Considerando que a tela, enquanto superfície plana e retangular é utilizada pelo ser humano há séculos para representar realidades, a teleação, que é ação à distância, em tempo real, funde a tela e o usuário, tanto de maneira física quanto cognitiva. Física porque a imobilidade do corpo é o preço que se paga por ter o mundo tão bem delimitado, para atividades empresariais ou contemplativas, do sujeito urbano que tem acesso fácil à tecnologia, que compra e se relaciona pela internet. Cognitiva devido ao aprisionamento da mente em padrões simulados, que emergem como cultura transnacional.

Nessa lógica, o cyberativismo ambiental, nos moldes ensinados pelo WWF, é alimentado pelas sensações provocadas por esse tipo de imagens, de maneira geral, para depois esse sentimento se limitar em alguma ação mais prática, que pode ser um clique para a doação. O WWF, portanto, através da sua representação imagética na internet, consegue fazer dos indivíduos isolados sua extensão, ao contrário do que pensou McLuhan (1996), que os indivíduos fariam da tecnologia instrumentos extensivos dos seus sentidos. Essas considerações sobre a materialidade da imagem, e seus reflexos na formação de uma cultura transnacional, podem parecer muito técnicas. No entanto, seu estudo é necessário, porque são os dispositivos materiais e

formais pelos quais os textos atingem os leitores e, como afirma Chartier (1991), são um recurso essencial para a história das apropriações culturais.

E também da apropriação da nacionalidade, como se efetiva no caso de uma imagem divulgada no site do Brasil (Figura 7), em que o WWF se ‘afirma *brasileiro*’, embora está explícito que o fotógrafo parece ser alemão:



Figura 7 – Imagem do site do WWF-Brasil.

Essa imagem, de flores bem amarelas em fundo verde bandeira, desperta, no mínimo, um sentimento de orgulho cívico e patriótico. É induzida a formação do entendimento de que contribuir com o WWF é ser brasileiro, é cuidar da *nossa natureza*.

De maneira a potencializar ainda mais a força comunicativa das imagens, para reforçar o sentido de alguma informação, é comum o aparecimento de composições visuais, como a que acompanha a notícia do Relatório Planeta Vivo 2006. A arte da imagem do planeta que acompanha o título do relatório, sobreposta a uma tarja preta, dá a sensação de luto, reforça o texto, e o próprio planeta se assemelha a um rosto triste e distorcido, como na Figura 8.

O relatório bienal Planeta Vivo da Rede WWF analisa o estado da natureza no mundo. Os resultados indicam que até 2050, se as atuais projeções se

concretizarem, a humanidade consumirá perigosamente duas vezes mais recursos que o planeta pode gerar por ano ([Leia mais](#)²⁵).



Figura 8 – Arte visual para notícia sobre relatório ambiental.

Há o exemplo do site do México, que reafirma os laços de identidade cultural divina e de poder espiritual, como o texto que acompanha a imagem da onça:

Balam para los mayas, ocelotl para los aztecas o mexicas, el Jaguar (Panthera onca), considerado por las antiguas culturas mesoamericanas símbolo de poder y divinidad, está amenazado de extinción en nuestro país, debido, entre otras causas, a la pérdida de su hábitat y a la cacería ilegal.

Em seguida, esse texto divulga um simpósio com o intuito de ‘evitar’ a extinção do animal. A produção de ‘eventos notícia’ é uma constante entre as ONGs ambientalistas, assim como a divulgação de dados, números e estatísticas satisfatórias dos projetos realizados. Essas informações chamam o internauta para a ação, que se limita ao clique que permite a doação em dinheiro, através da conta bancária, ou à compra de produtos relacionados. O usuário tem um constante *feedback* dos seus ‘investimentos cidadãos’, pois o bom resultado dos projetos significa a boa utilização do recurso doado pelo internauta. No WWF, toda a movimentação financeira é apresentada anualmente aos associados em um relatório de atividades, enviado pelo correio.

Outra característica dos sites que compõem a rede WWF é a presença de animações (geralmente em formato/extensão gif ou .swf), como a evolução da Figura 9. Como filminhos, contam ‘historinhas’ ambientais em poucos

²⁵ Disponível em <<http://www.wwf.org/index.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

quadros, utilizando zoom em imagens estáticas, textos que passam e, ao fim, pedem uma doação:



Figura 9 – Animação do site do WWF-Austrália.

Nesse caso do site da Austrália, o aparecimento da tartaruga vai acontecendo aos poucos, em imagens icônicas, para depois aparecer concretamente, seguida do pedido de doação. Dura de 10 a 15 segundos esse tipo de mensagem, dependendo do conteúdo informativo, e pode atrair pela sua originalidade e movimento. Há ocorrências de apresentações de imagens (sem movimento), como no caso do site do WWF-Japão, na qual uma seqüência mescla figuras de animais, paisagens puras, paisagens poluídas, cataventos de energia eólica e outros (Figura 10). Mesmo sem conseguir compreender o que está escrito no idioma japonês, podemos ver que o discurso tenciona valorizar os elementos ‘bichos’ e ‘natureza’:



Figura 10 – Animação do site do WWF-Japão.

O mesmo ocorre no site de Hong Kong (Figura 11), embora esse realize, em inglês, o pedido de adoção de uma ‘fazenda verde de peixe’:



Figura 11 – Animação do site do WWF-Hong-Kong.

Essa lógica de exposição de imagens pode ser comparada com os primeiros experimentos feitos pelo cinema, há mais de um século, quando, além de as imagens serem criadas manualmente, elas também eram animadas assim, e o movimento era conseguido alternando slides de maneira bem rápida. Segundo Manovich (2001, p. 320), a construção manual de animações na era digital representa um retorno às práticas da pró-cinemática, realizadas no século XIX, embora esse tipo de composição simples tenha sido relegado pelo cinema no século passado, quando este se proclamou uma mídia de registro.

Porém, esses slides do site do WWF Japão são exemplos de uma nova qualidade da imagem na era do computador, a possibilidade da narrativa interativa. Quando se clica em cada um, é escolhido um caminho, portanto, diferente do cinema, onde a narrativa linear está aprisionada pelo rolo do filme, a nova mídia possibilita a idéia excitante de um telespectador participante na história, escolhendo diferentes caminhos através do espaço da narrativa virtual.

Dessa forma, o usuário se torna peça essencial no processo, principalmente no de tradução dos elementos de preservação ambiental representados na internet para a sua vida urbana, pois ele escolhe as narrativas que lhe interessam por algum motivo de identificação, e assim pode induzir o grau de sua própria relação homem x natureza.

Há na dinâmica entre culturas locais e a rede transnacional WWF, portanto, um exemplo de tradução intersemiótica, não só entre meios técnicos (veículos de linguagem), mas também, e de forma imbricada, entre meios culturais – o transporte de significados de uma cultura local para o nível

emergente transnacional; e o transporte da natureza para o meio eletrônico, uma hibridação entre fato e representação. Esse processo se renova nas culturas locais e se impõe (função do símbolo). A prova da eficiência do símbolo do urso panda como um hábito pode ser inferida pelos quase cinco milhões de contribuintes no mundo todo, pessoas que principalmente vivem em cidades (e que, portanto, tem construída em seu contexto cultural uma visão de natureza como algo 'externo' à sua realidade). Quando se filia, a pessoa contribui financeiramente para salvar o meio ambiente, passa a ter acesso a uma série de informações de interesse comum, recebe notícias e obtém descontos especiais em lojas de produtos de divulgação. O 'termo de adesão' da filiação pode ser considerado um instrumento simbólico para fortalecer os laços da coletividade, junto a outras práticas como caminhadas, manifestações, solenidades, assinaturas de cartas de princípios, eventos recreativos e festas. A representação desse conjunto de ações, tanto na internet quanto nas peças gráficas analisadas²⁶, provê índices suficientes que sensibilizam para doação, objetivo principal das representações na mídia, como na notícia sobre a exposição "Água para a vida, água para todos", que divulgou imagens das crianças em atividade em várias cidades do Brasil. Esse tipo de construção da conscientização ambiental nos centros urbanos, no qual o ser humano é responsável pela ideologia da preservação da natureza intocada, confirma que:

A publicidade globalizante e o banqueiro trabalham para um mundo em que cada um de nós, independentemente da classe social, cor ou gênero, é, no sentido econômico, um norte-americano, dirigindo um carro, bebendo Pepsi e possuindo uma geladeira e uma máquina de lavar. O conservacionista, no entanto, quer proteger o tigre e a baleia para a posteridade, esperando que outros povos façam o sacrifício no lugar deles (GUHA, 2000, p. 97).

O sacrifício, na visão ecológica moderna, é simples: os povos nativos entregam sua morada para biólogos administrarem em parques seguros, onde o internauta urbano doador pode fazer turismo e se divertir ao recolher latinhas em sacolas plásticas com a logomarca do Panda e, quem sabe, em futuro próximo, ter acesso a imagens desses ambientes na sua tela de computador, em tempo real. Percebe-se que o conceito de ecossistemas naturais como terrenos indomados é resultado de uma percepção urbana, fundada no etnocentrismo, que fortalece o mito do homem selvagem (TAUSSIG, 1993).

²⁶ Relatório de Atividades 2004, do WWF Brasil.

Esse mito, do homem nativo das florestas tropicais e equatoriais ser visto como canibal, conhecedor de magias e plantas, ambicioso, sem noção de parâmetros morais globais, é atualizado hoje, na Amazônia, na visão que a população urbana tem dos índios, populações ribeirinhas e comunidades tradicionais como indivíduos incapazes de sustentar a preservação da natureza de onde vivem. Para Pompa e Kaus, o que deve ser domesticado é este conceito, “com um entendimento de que os seres humanos não são separados da natureza” (POMPA; KAUS, 2000, p. 143).

Identifica-se a formação dessa visão conservacionista em dois desdobramentos de semiose, desde a fase da representação imagética dos sites da rede WWF que evocam ‘sensações’ nacionais (num domínio de primeiridade), até a fase da consolidação de ‘visões’ ambientais determinantes de políticas para o uso das florestas no mundo, de acordo com o esquema de compreensão triádico do signo, proposto por Peirce:

Tabela 1 – Semiose da representação imagética do site do WWF

Imagens icônicas, sugestão de semelhança com identidade nacional.	Delimitação da sensação de natureza local pelos padrões internacionais de sobrevivência representados pela imagem do panda.	Clique para doação.	Formatado: Centralizado, Espaço Antes: 0 pt, Depois de: 0 pt, Espaçamento entre linhas: simples
objeto ↑ ∞.....	Signo ↑	Interpretante ↑∞	
			Formatado: Espaço Antes: 0 pt, Depois de: 0 pt, Espaçamento entre linhas: simples

A ação de clicar, no segundo processo de semiose, se torna objeto de legitimação da visão política ambiental de ecologia profunda, da seguinte forma:

Tabela 2 – Semiose da justificativa de investimentos ambientais do WWF

'Clientes ambientais' necessitam de...	... relatórios de atividades, enviados pelo correio, geração de dados científicos...	... que justificam ações ambientais políticas.
objeto ↑ ∞.....	signo ↑	Interpretante ↑∞

Formatado: Centralizado, Espaço Antes: 0 pt, Depois de: 0 pt, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 10 pt

Formatado: Espaço Antes: 0 pt, Depois de: 0 pt, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Normal, Espaçamento entre linhas: simples

Peirce define como ação uma influência que “*seja ou envolva uma cooperação de três sujeitos, como por exemplo um signo, o seu objeto e o seu interpretante, tal influência tri-relativa não sendo jamais passível de resolução em uma ação entre duplas*”. Ou seja, a relação entre o signo e seu objeto é mediada pelo interpretante. Portanto, ações ambientais políticas são sustentadas por relatórios técnicos, e fluem no constante diálogo de uma diversidade de significação transcultural, pois cada região, cada povo tem suas particularidades culturais e econômicas, que influenciam na formação de significados, o que Peirce chama de ‘experiências colaterais’.

Mas essa tradução, de uma visão global do ambientalismo e sua re-contextualização em culturas locais, inclusive transnacionais e transinstitucionais, se decompõe nesse sistema de três elementos: o objeto – que é o elemento representado; o *representâmen*, que é a parte que aparece do signo; e o interpretante, que não se refere à mente interpretadora do signo, mas a um processo de traduções que se cria nessa mente, que resulta nas próprias tendências históricas, culturais e políticas do homem para lidar com a natureza e com os outros homens:

A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro (é o interpretante do primeiro). Portanto, o significado de um signo é outro signo – seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou mero sentimento de alegria, raiva... uma idéia, ou seja lá o que for – porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo (tradução do primeiro) (SANTAELLA, 2002, p. 58-59).

O conceito de ambientalismo como signo, por exemplo, representado como a decisão da necessidade de proteger a natureza por parte de um cidadão urbano, pode se materializar em um outro signo, como um plano de fundo na tela de um computador. Essa imagem pode ser considerada o que

Peirce chama de objeto imediato. O objeto imediato é o elemento representado, como é conhecido através do signo – é a idéia, a porção do signo a que temos acesso, o contrário do objeto dinâmico, que desconsidera qualquer elemento particular, mas é toda a potencialidade de determinação para o signo, que seriam todos os caminhos por onde passam os trâmites da decisão desse mesmo cidadão de proteger a natureza (COELHO NETO, 1999, p. 71).

Já o interpretante se divide em três, o imediato, o dinâmico e o final. O interpretante imediato (que também significa não mediado) é tudo aquilo que o signo tem a potencialidade de produzir numa mente real, é o *“efeito total que o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem qualquer reflexão prévia; é a interpretabilidade peculiar do signo, antes de qualquer intérprete”* (COELHO NETO, 1999, p. 71), ou seja, no caso da intencionalidade de ação que o WWF procura provocar, através da sua representação na internet, é tudo o que possa envolver a necessidade de salvar o planeta das ações do próprio homem, de maneira mais geral.

O interpretante dinâmico, por sua vez, é o que de fato é produzido pelo signo numa mente interpretadora – contextualiza o intérprete – pois depende dele. É aquele escolhido dentro das possibilidades de significação que a semiose oferece, é a atualização do sentido, e pode ser dividido ainda em três: emocional, energético e lógico, conforme explica Santaella:

O emocional, desde uma mera qualidade de sentimento vaga e indefinível até uma emoção codificada: ‘o primeiro efeito significativo de um signo é o sentimento por ele provocado’ (CP 5.475). O segundo nível é o energético, o esforço que é da ordem da ação física ou psíquica, pois existe um embate perceptível, em maior ou menor grau, entre o signo e a mente interpretadora. Há sempre algo de combativo no ato interpretativo. O terceiro nível é o lógico, uma regra de interpretação (SANTAELLA, 1992, p. 197).

Formatado: Fonte: 10 pt, Não Negrito

Formatado: Fonte: 10 pt, Não Negrito

Esses três níveis de interpretação podem ser identificados nos sites da rede WWF. Os objetos culturais e da natureza local, em imagens, evocam um sentimento de identificação nacionalista, como o interpretante emocional. O segundo nível, o energético, é o momento da decisão, o internauta resolve se clica para ler, copiar imagens e assim obter mais informação. No nível lógico, está a ação concretizada da doação para a instituição, intenção máxima dos sites da rede. Mas, pode-se considerar a importância da imagem nesse processo, pois o papel da mediação é feito pelo interpretante emocional, que

determina os outros tipos, energético e lógico. O primeiro efeito que um signo produz é o sentimento, pois não exige esforço de interpretação. Essa noção é próxima da do interpretante imediato, pois ambos produzem representações a partir de subjetividades, abstrações.

Já o interpretante final é aquele que seria produzido se a semiose se concluísse, chegasse ao final. Mas, como isso não acontece, pois uma semiose sempre gera outra e outra, esse tipo é ideal e utópico, nunca se concretiza. As cadeias de relações triádicas (semiose) tendem ao infinito, nunca há uma apreensão completa do saber de uma representação. Da mesma forma, o objeto dinâmico nunca é visto por inteiro, devido à incompletude do signo, pois uma representação se completa somente em outra. A cada sentido produzido, novos elementos de cognição são agregados. Um signo é um objeto de representação, re-apresenta o objeto, sem sê-lo.

Dessa forma, podemos concluir que não existe uma visão de ambientalismo transnacional finalizada, congelada no tempo e espaço, cada região ou cultura expressa sua própria relação com a natureza de maneira diferente, de acordo com fatores de sua formação. É um processo de significação natural e fluido.

4.2. O site do WWF-Brasil

O site do WWF-Brasil, nos últimos dois anos, mudou duas vezes todo o seu design, embora o conteúdo e arquitetura da informação tenha basicamente permanecido o mesmo, com a exceção do acréscimo de informações sobre novos projetos. Em novembro de 2004, quando se iniciou a observação deste objeto de estudo, era uma página com fundo branco, imagens de natureza e produtos de extrativismo, na qual o usuário podia escolher qual ecossistema brasileiro contextualizaria seu design e navegação. Assim, quem escolhesse 'Cerrado', ou 'Mata Atlântica' ou 'Amazônia' ou 'Pantanal' tinha acesso a design de interface e conteúdos específicos, de acordo com cada um. Embora possuísse mais recursos de animação (era todo construído em flash), era de difícil navegação, textos muito grandes para serem lidos na tela e os conteúdos eram exclusivos para associados (que pagam contribuição financeira), através

de acesso personalizado por *login*. Uma característica importante é que o design dessa primeira versão de 2004 era diferente do padrão internacional.

Em julho de 2005, o site (Figura 12) se adequou mais ao visual do padrão global:



Figura 12 – Página inicial do site do WWF de 2005.

O fundo ficou verde e o selo do urso panda ocupou um espaço na tela semelhante às páginas da rede transnacional. Como se pode ver, as frases ‘globais’: ‘eu quero ser associado’, ‘informações sobre a natureza’ e ‘comprar um produto na loja’ cumprem a função de orientar o usuário para a ação de contribuir financeiramente com a entidade, como *links* em posição de destaque.

A arquitetura da Informação foi basicamente dividida em quatro expressões-chave: 1) ‘**Sobre o WWF-Brasil**’, referente à instituição; 2) ‘**Nosso trabalho**’, referente à atuação de acordo com regiões ou ecossistemas, 3) ‘**Sala de Imprensa**’, com *releases* e possibilidade de cadastramento e 4) ‘**Informe-**

se', com generalidades. Quando se encosta o *mouse* nessas expressões, de acordo com a Figura 13, surgem os seguintes subitens, que são links internos:

Nosso Trabalho	Sala de Imprensa	Sobre o WWF-Brasil	Informe-se
> Agricultura e Meio Ambiente	> Releases e Notícias	> WWF no Brasil	> Mapas de ecorregiões
> Água Doce	> Cadastro de Imprensa	> WWF no Mundo	> Dicas de Conservação
> Capacitação e Desenvolvimento		> Relatório de Atividades	> Espécies Ameaçadas
> Comércio e Meio Ambiente		> Captação de recursos	> Biblioteca
> Educação Ambiental		> Trabalhe conosco	> Páginas indicadas
> Pantanal para Sempre		> Clube corporativo	> Questões Ambientais
> Áreas Protegidas			> Convenção da biodiversidade
> Amazônia			
> Mata Atlântica			
> Onde atuamos			
> Ecologia da Paisagem			

Figura 13 – Seções do site do WWF de julho de 2005 a agosto de 2006.

Nota-se uma melhor adequação à linguagem da internet na segunda versão, em relação à primeira. Porém, a terceira versão, de novembro de 2006 (Figura 14), ainda está mais adequada ao meio, pois a navegação pode ser feita pela barra horizontal de palavras-chaves, no alto da página, ou pela coluna à esquerda, detalhadamente. É comum na internet essa repetição de caminhos da informação, com o objetivo de aumentar o estímulo para o usuário escolher algo que lhe agrade, como essa repetição – vertical e horizontal - de barras de navegação. Apesar da usabilidade e da arquitetura da informação estar mais bem programada, o conteúdo continua basicamente o mesmo, e vê-se que essa organização dos dados é fruto da anterior, derivada da organização de informações da Figura 13.

WWF-Brazil

Conservação da natureza | Informações | Participe | WWF-Brazil

Home

Conservação da natureza

Programas e projetos

- Agricultura e Meio Ambiente
- Água para a Vida
- Amazônia
- Áreas Protegidas - Amazônia
- Diálogos
- Laboratório de Ecologia da Paisagem
- Educação Ambiental
- Mata Atlântica
- Mudanças Climáticas e Energia
- Pantanal para Sempre
- Biomos Brasileiros

Informações

- Notícias
- Biblioteca
- Questões ambientais
- Imposto de Renda Ecológico
- GT IR Ecológico
- Manifesto de Apoio ao IR Ecológico
- Notícias

Participe

- Seja um afiliado
- Faça uma Doação
- Cadastr-se
- Atualize seus Dados
- Passaporte Panda
- Dicas: como você pode ajudar o meio ambiente
- Associe-se ao Clube Corporativo
- Como participar
- Empresas Participantes
- Informativo do Clube Corporativo
- Licencie nossa marca
- Política de Licenciamento da Marca
- Produtos Licenciados
- Denuncie

WWF-Brazil

Afilié-se ao WWF-Brazil

Faça sua parte para a conservação da natureza e o desenvolvimento sustentável. Sua ajuda vale muito, clique para saber mais >>

Desmatamento na Amazônia

Números divulgados pelo governo indicam queda nas estimativas da taxa de desmatamento na Amazônia. Para manter o ritmo de redução, porém, são necessárias metas de diminuição da devastação, mais recursos para o plano de combate ao desmatamento, linhas de crédito para manejo florestal e um sistema de licenciamento integrado entre os estados. [Leia mais](#)

Relatório Planeta Vivo 2006

O relatório bienal Planeta Vivo da Rede WWF analisa o estado da natureza no mundo. Os resultados indicam que até 2050, se as atuais projeções se concretizarem, a humanidade consumirá perigosamente duas vezes mais recursos que o planeta pode gerar por ano. [Leia mais](#)

Afilié-se ao WWF-Brazil e contribua para a conservação da natureza

Dicas: como você pode ajudar o meio ambiente

Confira as últimas notícias sobre meio ambiente

Conheça mais sobre o WWF-Brazil

A Amazônia faz parte da tua vida

Faça uma doação para as áreas protegidas.

WWF Brasil - Banco de Brasil
Ag. 1082-0 CC 78.787-9
CNPJ: 28.992.792/0001-16

IR Ecológico

Saiba mais sobre o Imposto de Renda Ecológico e participe da mobilização a favor da criação de leis de incentivo fiscal para o setor de meio ambiente. [Leia mais](#)

Últimas Notícias

04 Nov 2006
Mudanças climáticas e energia: WWF-Brazil lança ação de cyberativismo

O passaporte panda possibilita ao público enviar e-mails pedindo a representantes do governo federal que reconsiderem a decisão de incluir cada vez mais a queima de combustíveis fósseis na matriz energética do país. > [Leia mais](#)

01 Nov 2006
Em carta ao WWF-Brazil, governo britânico nega que queira privatizar Amazônia

Documento destaca que o Reino Unido só apoiará ações na região amazônica que sejam aprovadas pelo governo brasileiro > [Leia mais](#)

30 Oct 2006
Chega a Belém a Exposição Água para a Vida, Água para Todos, do WWF-Brazil

Após visitar São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Campo Grande, a Exposição chega a Belém, onde permanecerá até o dia 17 de novembro. > [Leia mais](#)

[Assine esta página](#)

Page last updated: November 4, 2006. © All photos/graphics remain the copyright of WWF

design & technology by getunik.com

Figura 14 – Design e arquitetura da informação da página inicial do WWF-Brazil a partir de agosto de 2006.

O restante do site, porém, pode ser considerado indexical, o que é uma grande mudança em relação à primeira versão, de acordo com o conceito de índice da semiótica peirciana. Peirce divide os signos em três tricotomias, a primeira que relaciona o signo consigo mesmo (*representâmen*), a segunda conforme a relação do signo com seu objeto e a terceira que relaciona o signo com seu interpretante. Após ter definido a capacidade de representação sígnica por meio das categorias fenomenológicas e exemplificado essa teoria com a representação imagética da rede transnacional WWF, nota-se que essa divisão segue a lógica da percepção dos fenômenos, que vai da possibilidade, passa pelo desempenho (observância dos fatos) e conclui na certeza, hábito ou lei.

A Tabela 3 exemplifica essas três tricotomias.

Tabela 3 – As três tricotomias da semiótica peirciana

	Signo em relação ao OBJETO	Signo em relação ao SIGNO (<i>representâmen</i>)	Signo em relação ao INTERPRETANTE
1	Ícone	Qualissigno	Rema
2	Índice	Sinsigno	Discente
3	Símbolo	Legisigno	Argumento

A primeira coluna depende se o signo é uma simples qualidade, uma existência concreta ou uma lei, em relação ao seu objeto. A segunda consiste no fato de que o signo pode manter uma relação existencial consigo mesmo, com seu objeto ou interpretante. E a terceira coluna, do signo em relação a seu interpretante, que determina se é possibilidade, fato ou razão. Essas três tricotomias são importantes para identificar classes de signos presentes no site do WWF Brasil.

Portanto, entre os elementos visuais e textuais das páginas, que se referem às atividades do WWF no Brasil, há ‘possibilidades’ de entendimento.

O desempenho das ações (de clicar, navegar) já necessita de um maior grau de interpretação, enquanto os novos significados que surgem no mundo contemporâneo, da tradução de tendências ambientais globais imbricadas com elementos culturais nacionais, que motivam os *cybercidadãos* brasileiros a se associarem a este movimento ambiental virtual, podem ser comparadas com uma lei ou hábito.

Por exemplo, a notícia de título “Desmatamento na Amazônia”²⁷, acompanhado da foto da Figura 15, afirma que, embora tenha havido uma diminuição da devastação, ela ainda ocorre. Então oferece a solução que considera ideal:

Para manter o ritmo de redução, porém, são necessárias metas de diminuição da devastação, mais recursos para o plano de combate ao desmatamento, linhas de crédito para manejo florestal e um sistema de licenciamento integrado entre os estados ([Leia mais](#)).



Figura 15 – Imagem da Amazônia no site do WWF-Brasil.

Nesse exemplo podemos identificar as classes de signos descritas acima: 1) O qualissigno é a sensação de calor da foto, uma qualidade qualquer, expressa pelas cores. É necessariamente um ícone, pois denota o objeto por meio de similaridade. 2) Sinsigno: a fumaça, uma formação gráfica singular. 3) Legissigno: as árvores, uma lei geral, todos sabem que árvore é árvore. 4) Ícone: a imagem em si, completa. 5) Índice: o texto informativo, que acrescenta dados à realidade da imagem. 6) Símbolo: a junção de todos os exemplos anteriores, calor, fumaça, árvores, a frase indicial, que juntos simbolizam uma realidade local. 7) Rema: termo grego que significa palavra,

²⁷ Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/index.htm>>. Acesso em: 1 set. 2006.

pode ser o termo 'desmatamento na Amazônia'. 8) Discente: uma proposição, como a frase 'para manter o ritmo de redução', é um signo que indica distintamente o objeto que denota. 9) Argumento: o fortalecimento do processo de significação, a conclusão, o direcionamento do que deve ser: 'são necessárias metas de diminuição da devastação', além de mais recursos, linha de crédito para o manejo etc.

Iremos fazer um estudo mais minucioso da primeira tricotomia, que define ícone, índice e símbolo. No ícone há uma predominância de primeiridade, portanto, não consideramos que há uma *representação* e sim uma *apresentação*, algo que serve para contemplar, mas que necessariamente não significa algo mais delimitado, e sim uma possibilidade, um desafio aos nossos sentidos para complementar um significação. É o signo atuante no nível da qualidade, que se apresenta por analogia, sinestesia ou metáfora, porque contém grande semelhança com o objeto a que se refere.

Habita o universo das sensações, como a Figura 16, de um furacão, até que estabeleça alguma outra relação de representação ou interpretação. Alguém pode perguntar o que uma imagem de furacão faz no site do WWF Brasil, se no país não costuma haver furacões? A foto acompanha a notícia "Mudança climática podem representar grande risco à economia do planeta", portanto, nesse caso, pretende consolidar a tragédia anunciada.



Figura 16 – Imagem de furacão no WWF-Brasil.

Mas, a partir do momento que a significação desse ícone é questionada, ele já não é mais ícone, pois que o ícone puro não existe, assim como o interpretante final, é ideal e utópico. O que temos contato, portanto, é o *hipoícone*, que Peirce explica a seguir:

Um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser. Se o que se quer é um substantivo, um *representâmen* icônico pode ser denominado de hipoícone. Qualquer imagem material, como uma pintura, é grandemente convencional em seu modo de representação, porém em si mesma, sem legenda ou rótulo, pode ser denominada hipoícone (PEIRCE, p. 64).

A associação da imagem do furacão com o fenômeno de superaquecimento global agrega, por convenção, outras dimensões: a existência de uma dada organização, com certos princípios e valores de preservação ambiental. Isso no geral. No sentido mais restrito, pode significar alguma ação delimitada localmente, como o projeto de certificação florestal. Isso vai depender das experiências colaterais do intérprete em relação ao signo, que são construídas pelas informações indexicais que ampliam o campo de visão do sujeito.

O signo indexical, ou índice, é aquele que representa seu objeto por força de uma extensão física, pois envolve uma relação efetiva. Podemos considerar que as imagens normalmente produzidas para o fotojornalismo são exemplos de índices, pois mantêm uma ligação com seu objeto na esfera física (COELHO NETO, 1999, p. 58), como a foto da Ministra Marina Silva no Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Nessa imagem, o intérprete não tem muita escolha de produção de sentido, a não ser entender que a ministra está entre dois membros do WWF, como indica a legenda que acompanha a Figura 17: *Foto histórica para nossa equipe: Mauro Armelin, do WWF-Brasil, ministra Marina Silva, e Karen Suassuna, do WWF-Brasil, na plenária da ONU.*



Figura 17 – Foto do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas.

Assim, as fotos que acompanham as notícias do WWF Brasil podem ser tanto icônicas quanto indexicais. No entanto, podemos considerar que o site, como um todo, tende a ficar mais indexical, devido à periodicidade constante da publicação de notícias desde março de 2005 (com exceção dos cabeçalhos de imagens icônicas). Mas, através das experiências colaterais proporcionadas pela leitura das notícias, o usuário está apto a entender e aceitar a construção do símbolo, ou seja, o sentimento ambientalista do WWF como uma regra, uma lei.

O símbolo é um processo de interpretação determinado por uma convenção, e varia de acordo com a capacidade de interpretação do observador. A apreensão do significado aumenta à proporção do grau em que o intérprete está inteirado das regras e normas da dimensão cultural no qual este signo está inserido: “Um símbolo é o signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente um associação de idéias gerais” (NÖTH, 1995, p. 83).

O signo somente comunica e se torna existente quando há uma mente que o desvende em uma nova representação. Assim, surge uma questão, que advém do fato de que as pessoas (profissionais ou não, com noções de semiótica ou não) que fazem esses sites não estão apenas dando vazão a um gesto estético aprazível, mas também principalmente estão tentando se colocar no lugar do ‘outro’, um exercício de alteridade.

Dessa forma, identificamos na Rede WWF ações que agregam significados da temática ambiental à imagem emblemática do urso panda, para

que este seja reconhecido como símbolo institucional de uma organização que defende a preservação da vida. A intenção de promover esse processo, através da estilização do animal em logomarca, é confirmada pelo Guia de Identificação Visual do WWF:

Quando usamos esta marca profissionalmente, também estamos incorporando a reputação e a receptividade conquistadas pela marca em quase quatro décadas de existência. Esse rosto amigável e familiar para milhões de pessoas desperta reações positivas quase universalmente e é um inestimável cartão de visitas – seja ao pedir ajuda, investigar um assunto ou defender uma causa (2000, p. 6).

No Brasil, assim como em outros locais do mundo, são realizadas ações de padronização e fortalecimento da identidade cultural simbólica do WWF: a) aplicação da marca em material publicitário – todas as peças impressas e distribuídas possuem, em local de destaque, geralmente em cima, à esquerda, a logomarca do urso panda, independentemente da imagem sobreposta; b) Loja virtual que vende produtos exclusivos como bonés, adesivos, camisetas e bichos de pelúcia ameaçados de extinção – todos também com a aplicação da logomarca; c) Licenciamento da marca para vários produtos, como cadernos e fichários da Foroni, lenços de papel da Melhoramentos, canecas de louça da Pozzani, brinquedos da Ri Happy e outros e d) a associação com empresas e cooperativas.

Ao mesmo tempo em que essa padronização promove o fortalecimento da imagem do Panda como representante de valores ambientais, o caminho inverso é válido. A trajetória de ações de marketing do WWF prova que a associação da imagem exógena de uma empresa comercial (e de seus produtos) à luta de preservação da natureza (através do símbolo Panda) produz resultados satisfatórios de vendas. Foram realizadas parcerias, por exemplo, com Brinquedos Estrela (uma linha de quebra-cabeças infantis de animais brasileiros ameaçados de extinção com folhetos educacionais sobre a espécie e habitat) e com McDonald's (o kit McLanche Feliz e os forros das bandejas foram utilizados para divulgar informações sobre animais brasileiros ameaçados de extinção). Em 2004, a Unimed Seguros estabeleceu uma parceria com o WWF-Brasil. Para o presidente do Conselho Diretor do WWF-

Brasil, Álvaro de Souza²⁸, com esta parceria, a Unimed Seguros mostra-se como uma empresa cidadã, revelando outros valores agregados ao símbolo inicial: “Cidadania e conservação de meio ambiente são esforços contínuos, que devem ser focados nos consumidores e nos produtores de bens e serviços que orientam o consumo”. O hábito da imagem da logomarca, agregada a valores ideológicos, amplia e normatiza esse significado simbólico, ao mesmo tempo em que expande essa significação como uma regra conhecida cada dia por mais pessoas.

4.2.1. A construção trans-semiótica das notícias: exemplos de tradução

Uma diferença, fundamental para o usuário, entre as duas versões antigas do site do WWF-Brasil e a atual é a liberação do conteúdo a não associados, o que de certa forma acompanha uma tendência global de democratização da informação provocada pela internet, somada à estratégia de que dados ajudam a convencer novos associados. Segundo o coordenador de conteúdo web do site desde 2004, a intenção é seguir essa tendência de não limitar textos e imagens somente aos usuários, mas também oferecer ‘algo mais’ ao associado, estratégia que ainda está em estudo.

Porém, frente ao grande número de relatórios produzidos pelos técnicos do WWF-Brasil em projetos no país, e também por entidades ‘parceiras’ que colhem informações científicas, estes textos disponíveis trazem dados muito sintéticos, superficiais. Por exemplo, sobre a excursão pioneira de exploração e reconhecimento da fronteira oeste do Parque Nacional do Tumucumaque²⁹, em parceria com o Ibama e o exército brasileiro (que nunca tinham visitado essa área do parque), foram divulgadas vinte e cinco notícias, em formato de testemunho informal. Durante um mês, Cláudio Maretti³⁰, fez um diário *online*, possível por milhares de litros de combustível e três tipos de tecnologia de internet por satélite. Um processo caríssimo, que provavelmente resultou em relatórios de informações muito importantes sobre a região.

²⁸ Em notícia publicada no site da Unimed, disponível em http://www.unimedseguros.com.br/index.jsp?cd_canal=34047&cd_secao=34028&cd_materia=30228, em 9 de maio de 2005.

²⁹ O maior parque do mundo em área tropical, são 3,8 milhões de hectares, localiza-se no Amapá.

³⁰ Coordenador do Programa Áreas Protegidas e Apoio ao ARPA do WWF-Brasil.

Essas informações completas não são oferecidas aos usuários do site, pagantes ou não, o que se justifica até pela segurança da região, pois o conhecimento dos acidentes geográficos e da localização de índios isolados pode favorecer pessoas que querem degradar a natureza, como garimpeiros. Mas, do diário de Maretti, várias notícias foram geradas, o que é considerado uma prática comum, a de notícias/testemunhos, entre as redes transnacionais ambientais, fato também observado nas páginas do Greenpeace na internet.

Através desses relatos, alternados entre a primeira pessoa do plural e a primeira do singular, tomamos conhecimento do cotidiano da expedição e ao mesmo tempo, são passadas impressões que refletem a linha de pensamento ambiental da transnacional:

Chegar à expedição e já encontrar todos inteiros e interessados em sua continuidade, chegar e já estar no início tanto da Terra Indígena Wajãpi como do PNMT, é um enorme privilégio, inclusive pensando em tudo que os colegas já tiveram que passar para chegar até aqui. Mas, sobretudo, por estar em lugar tão importante, com floresta tão bela, e um rio tão majestoso, com gente tão aprazível e interessada na conservação – que em última análise é a razão pela qual promovemos essa expedição: conservar a natureza, segundo as visões oficiais, mas também de acordo com visões culturalmente diferenciadas, buscando criar bases para um melhor desenvolvimento, que seja justo, equilibrado e duradouro.³¹

O autor do relato diferencia, portanto, duas visões ambientais diferentes, a oficial, da conservação, e a ‘culturalmente diferenciada’, que considera o desenvolvimento equilibrado. Elementos de ‘progresso’ também são presentes nos relatos, por exemplo, a expedição conseguiu levar para a aldeia dos Wajãpi três voadeiras (lanchas) de aproximadamente seis metros, com motores, que os índios haviam ganhado há mais de um ano do Programa Demonstrativo dos Povos Indígenas - PDPI (recursos do PP-G7) e não haviam encontrado meio, nem os índios nem o programa, de chegar até a área. Outros presentes, como equipamentos e combustível também são doados pela transnacional. Momentos de interface cultural entre os índios, caboclos e a expedição são destaque nas notícias, como o interesse dos nativos pelas imagens das câmeras digitais e o oferecimento do Caxiri aos visitantes, bebida a base de mandioca fermentada a partir da mastigação das índias.

A intervenção da edição dos jornalistas promove, às vezes, uma confusão autoral. Por exemplo, no dia 16 de agosto, Maretti deixa a expedição

³¹ Notícia “Acampados às margens do Jari”, de 2 ago. 2005, acessada em 3 ago. 2005.

de avião, na pista de aviação de Molocopote, e assume então Marcelo Creão, que chega com novos membros do WWF. Isso significa que o narrador muda, pois Maretti foi embora. Mas, no relato do dia 17, não há nenhuma informação que contextualize essa troca. Embora haja uma despedida formal do antigo narrador no segundo relato publicado no dia 16, não há uma apresentação formal da pessoa que assume no relato seguinte. Mas, percebe-se que era alguém que havia entrado na expedição há pouco, pois não está acostumada com o sol: “Não havia proteção possível e suficiente, apenas os bonés, as camisas de manga comprida e as calças compridas”³². Se o primeiro narrador sobe o rio observando alguns aspectos da biodiversidade, principalmente da fauna, como ariranhas, macacos, onças e capivaras, o outro volta seu olhar mais para a diversidade da flora: “frutos vermelhos e em processo de dispersão das sementes de três formas: anemocórica (pelo vento), zoocórica (por animais, nesse caso periquitos) e hidrocórica (pela água)”³³, uma verdadeira aula de biologia.

No Molocopote, segundo os relatos, vive um casal que fica meses sem ver ninguém. Oito dias de presença da expedição provocou um impacto emocional na vida da esposa, que chorava ao se despedir, e até na cachorra de estimação do casal, que insistia em entrar nos barcos, e quando a retiravam ela tornava a entrar. Outros momentos de impacto emocional são narrados, como uma grande ansiedade ao descer a cachoeira do Desespero, alegria nas narrativas da colocação das placas de identificação dentro do parque, avisando que é proibida a pesca, a caça e o garimpo e fenômenos naturais que chamam atenção, como “a travessia de centenas de borboletas de coloração amarela clara, sempre no mesmo sentido, da margem direita para a esquerda do rio”³⁴.

Percebe-se que, aos relatos, são acrescentadas informações que contextualizam histórica e geograficamente a região, como a retranca “Conheça mais sobre os Wajãpi”³⁵. Segundo um entrevistado da equipe de comunicação do WWF-Brasil, esses relatos não são diretamente publicados pelos autores no site da entidade, mas antes são editados por jornalistas.

³² Notícia “Despedida do Molocopote e problemas no regresso”, de 17 ago. 2005, acessada em 17 ago. 2005

³³ Notícia “De volta à cachoeira”, de 3 ago. 2005, acessada em 7 ago. 2005

³⁴ Notícia “No Mukuru, índios e técnico da expedição com febre”, de 19 ago. 2005, acessada em 20 ago. 2005

³⁵ Notícia “Visita às aldeias wajãpi do rio Inipuku”, de 3 ago. 2005, acessada em 7 ago. 2005.

Nesse caso da retranca explicativa, abaixo da matéria é citada a fonte: Instituto Socioambiental e Dominique Gallois/NHII USP.

Além dessas informações contextuais, são acrescentadas informações opinativas, que denotam a posição política e ideológica da entidade, como as que acompanham a descrição do vôo de observação de Maretti após a sua saída da expedição, ao constatar o ótimo estado de conservação das formações vegetais:

Isso prova a tese e comprova a proposta do Governo do Estado do Amapá, formalizada por meio do Corredor de Biodiversidade do Amapá, identificando como melhor futuro para esta área o desenvolvimento justo com base na conservação. Por exemplo, ao redor dos parques nacionais e das terras indígenas, e até da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Iratapuru, em alguns casos, deveria se criar florestas estaduais para manejo sustentado da madeira e outros produtos florestais, com a conservação das paisagens e dos principais elementos da natureza³⁶.

E a opinião sobre o que deve acontecer para o desenvolvimento da região continua:

tudo isso incluindo pesquisa de novos produtos oriundos da diversidade biológica, capacitação para a gestão de áreas protegidas e fortalecimento para gestão de projetos de uso sustentado, incubação de empresas, produtos e serviços intensivos em tecnologia, certificação da exploração florestal, promoção do comércio justo – que o Amapá pode encontrar um caminho adequado para o seu desenvolvimento, aproveitando-se de suas vantagens comparativas³⁷.

O olhar observador do coordenador identifica um potencial econômico para o turismo no parque nacional, mas ‘seria só para um público selecionado que possa vir de avião’, devido ao difícil acesso, o que limita este acesso, às belezas naturais do parque, a uma elite de turistas, principalmente estrangeiros, como já acontece no programa de ecoturismo implantado pelo WWF em Silves-AM. Por outro lado, coloca o garimpo como uma atividade que produz um ‘estrageo significativo’³⁸ e não rende lucro, fato comprovado pela descrição dos custos e condições de vida dos garimpeiros. Para complementar a construção negativa da imagem dos garimpeiros, há um receio de violência por parte deles, e a expedição monta uma estratégia de chegada que não os assuste, embora percebam que já são esperados. O narrador utiliza esse

³⁶ Notícia “No retorno, observações sobre a natureza do Amapá”, de 16 ago. 2005, acessada em 17 ago. 2005.

³⁷ Idem.

³⁸ Notícia “Onças, macacos, capivaras e... garimpeiros”, de 7 ago. 2005, acessada em 8 ago. 2005.

episódio do garimpo para descrever a situação de extração de ouro ilegal na Guiana, Guiana Francesa e Suriname e sugere a necessidade de uma estratégia regional para cuidar do assunto, como o apoio à criação do “Parc du Sud de la Guyane”, para formar um corredor multilateral de conservação.

O argumento ‘expedição do Tumucumaque’, como fato, foi traduzido em relatos que alimentaram o site do WWF-Brasil por 21 dias. Porém, até hoje pode ser traduzido em novas mensagens, como em uma exposição de fotografias e na palestra “Estratégias de Conservação Ambiental na Amazônia – A expedição ao Parque do Tumucumaque e o Programa Arpa”. Sobre esses ‘eventos notícia’, como o lançamento de uma exposição fotográfica, outras matérias são escritas, em outras mídias. Ou seja, do grande material bruto de informação digitalizada durante a expedição, outras formas de comunicação para o público urbano foram produzidas, direcionadas para adultos e crianças das grandes cidades nos shoppings³⁹.

Se a construção narrativa, por um lado, caminha para o lado opinativo político ambiental, com intervenções transnacionais, por outro recorre a assuntos triviais, para que este público não se perca em relatos muito técnicos. Por exemplo, na matéria intitulada “Copa do mundo com os índios apiakás”, o *lead* traz um assunto aparentemente alheio à questão ambiental da região, a copa mundial de futebol: “*A expectativa era geral. Meia hora antes de começar o jogo Brasil x Japão ainda não sabíamos se assistiríamos ou não à partida.*”⁴⁰. Ao longo da narrativa, informações sobre a população são acrescentadas, como a descaracterização cultural dos índios identificada pela lente do pesquisador: “*Todos aculturados, mas querendo se aprumar, inclusive reforçando suas tradições.*”. Também cita o fato de os índios não saberem ao certo que as terras são do parque: “*Ele não sabia que a terra que hoje ocupam pertence agora ao Parque Nacional do Juruena, mas garante que para eles, indígenas, não lhes interessa “esse negócio de fazenda. O que queremos é o verde*”.

³⁹ Notícia “Fotos do Tumucumaque ganham nova exposição em São Paulo”. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/index.cfm?uNewsID=3243>. Acesso em: 5 ago. 2006.

⁴⁰ Publicada em 22 jun. 2006. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/index.cfm?uNewsID=2980>. Acesso em: 23 jun. 2006.

O que significa o verde nessa frase? Como cor, um exemplo de primeiridade, mas que pode significar que não querem um desenvolvimento exploratório, 'negócio de fazenda', mas sim a sua conservação. Então, coloca-se a conservação da natureza como uma necessidade do índio, sujeito que por outro lado vende ouro para comprar a televisão com a qual foi possível assistir ao jogo. Paradoxos da pós-modernidade ambiental.

Um fato global – a copa do mundo – mesclado com a realidade local da comunidade indígena 'aculturada', como afirma a reportagem, (pois os membros já não falam mais o idioma de origem e consomem produtos industrializados, como açúcar e café), oferece parâmetros comparativos para o leitor entender a realidade indígena. Como concordam os entrevistados do WWF sobre esse assunto, esse leitor – o público-alvo do site – é tipicamente urbano. Portanto, o site não identifica como receptores as populações tradicionais, como o apiakás, que não têm nem acesso à internet. Questionado se a emissão dessas informações é direcionada a convencer o usuário a contribuir financeiramente, o coordenador de conteúdo do site responde que sim, mas não apenas: *“pois o WWF tem como objetivo divulgar informações em geral sobre o meio ambiente e influenciar posicionamentos políticos sobre questões ambientais, como a matéria de repúdio a declarações do presidente Lula”*.

A matéria⁴¹ em questão se refere ao fato do presidente Lula ter declarado que populações indígenas e quilombolas travam o desenvolvimento do país, ou seja, uma visão ambiental típica do conservacionismo (DIEGUES et al., 2000), criticada publicamente pelo WWF e outras ONGS. Nota-se, portanto, uma tendência de anunciar como marketing o discurso da defesa de proteção às etnias, paradoxalmente, pois o WWF somente trabalha na região Amazônica em áreas de conservação, não faz reflorestamento, apenas manejo florestal. Mas, enfim, este reconhecimento público da valorização das populações tradicionais pode ser considerado um primeiro passo na formação de um padrão ambiental mais justo e equilibrado.

⁴¹ Notícia disponível em http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/educacao/educacao_news/index.cfm?uNewsID=5160, acessada em 28/11/2006.

4.2.2. A influência da construção simbólica do WWF na política ambiental brasileira

Como a edição da Lei 11.284/06, que trata da gestão de florestas públicas no país, foi um assunto muito abordado pelas entidades da rede ambiental sobre a Amazônia na internet, nos últimos dois anos, escolhemos esse assunto para ser abordado nas entrevistas com os técnicos entrevistados, para saber sua opinião sobre o assunto. Isto no intuito de medir a influência dessas discussões na política ambiental brasileira, e seu reflexo nas decisões deliberativas da nação para a ocupação e desenvolvimento da Amazônia.

Muito elogiada pelas entidades ambientais transnacionais, incluindo o WWF e o Greenpeace, a Lei 11.284/06 (sancionada em 3 de março de 2006) prevê a exploração de florestas públicas, via licitação, por empresas que se comprometam a realizar um plano eficiente de manejo. Assim, concede áreas extensas para regimes de exploração de longo prazo, por até 40 anos.

O Ibama publicou na internet um manifesto contra o projeto, chamando essa concessão de 'privatização de terras públicas e até "internacionalização" da Amazônia (no caso de concessões a empresas estrangeiras). Os argumentos contrários são muitos, segundo o especialista Niro Higuchi, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa): "A lei pode agravar o desmatamento. O Brasil está copiando um modelo fracassado, que já foi adotado com resultados negativos em muitos países que perderam suas florestas e continuam pobres", afirmou o engenheiro florestal. Sua lista de países que anteciparam a "catástrofe" é longa e inclui Nigéria, Costa do Marfim e República Democrática do Congo, na África; Indonésia e Malásia, na Ásia, e os latino-americanos Bolívia, Guiana, Honduras, Nicarágua, Suriname e Venezuela. Todos têm um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com exceção da Malásia, ressaltou o especialista.

Mas, segundo um entrevistado do WWF-Brasil⁴², coordenador do programa Amazônia, "essas críticas possivelmente decorrem de leituras sob a ótica das políticas fundiárias formais, que se orientam para módulos agrários de menor extensão apropriados à produção agropecuária". De acordo com ele,

⁴² Entrevista realizada em Rio Branco, Acre, em janeiro de 2005.

a lógica do manejo florestal contrapõe-se à mera extração florestal, pois deve ser realizado em grandes extensões de terra, para haver possibilidade de regeneração e reposição dos estoques explorados. Ele considera exagerado concluir que a posse duradoura de particulares sobre as terras possa gerar direitos de propriedade ou alienação da soberania do estado.

Por outro lado, a sustentabilidade do manejo de florestas nativas é duvidosa. No mínimo, a exploração (mesmo seletiva) implica no empobrecimento da floresta, na redução de espécies mais valorizadas e na abertura de estradas e picadas para distribuição dos produtos. No entanto, isso é considerado um mal menor, em comparação a apropriação ilegal das terras para desmatamento pelas madeireiras. Uma outra questão particularmente importante, que envolveu todo o debate para a homologação da lei, são as denúncias de corrupção contra o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama, órgão atualmente responsável por dar concessões de exploração madeireira e também por fiscalizar se o manejo florestal é realizado de maneira correta nas áreas concedidas.

Segundo todos os técnicos do WWF-Brasil entrevistados, a instituição acredita nessa lei como uma política pública eficiente. Como cita o coordenador do programa Amazônia: “Na África estão sendo testados projetos pilotos desse tipo, com auxílio do WWF-África, que estão apresentando resultados excelentes”, afirma.

Sobre os critérios de seleção de comunidades para a realização dos projetos para a preservação das florestas, o entrevistado afirma que o primeiro recorte é geográfico. A entidade divide a Amazônia em cinco ecorregiões, de acordo com características de solo, clima e pelas fronteiras interestaduais. Um segundo recorte seria feito de acordo com a existência de ‘objetos de conservação de fato’, ou seja, o que existe de biodiversidade, em parâmetros biológicos, que torna importante a escolha de uma área. O terceiro recorte é feito de acordo com o conceito de *insubstituibilidade*, o questionamento de que até que ponto os recursos da área poderão ser substituídos ou não.

O próprio eixo principal de atuação do WWF na Amazônia, o programa de Apoio a Áreas Protegidas da Amazônia ARPA, teve as áreas escolhidas como unidades de conservação de acordo com esses critérios. Mas, segundo

divulgação oficial do governo⁴³, o objetivo é expandir e consolidar um sistema de áreas protegidas que assegure a conservação da biodiversidade da região e promova o desenvolvimento sustentável.

Lançado oficialmente em 2002, durante a Cúpula Mundial de Desenvolvimento Sustentável (WSSD), na África do Sul, o ARPA tem como meta, segundo divulgação no *site* da WWF-Brasil, proteger até 2012 500 mil km² de florestas (equivalente ao estado da Bahia, ou ao triplo da área de floresta tropical protegida no Brasil). Oficialmente, a iniciativa é do governo, mas os recursos vêm do exterior. Após diagnósticos e aprovação de planos e estratégias pela Global Environmental Facility (GEF), esta instituição, juntamente com o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird/Banco Mundial), o Banco de Cooperação do Governo Alemão (KfW) e o WWF prevêem investir US\$400 milhões no programa. Em 2003, o WWF disponibilizou US\$ 11,5 milhões ao governo brasileiro, através da entidade gestora Fundo Nacional para a Biodiversidade (Funbio)⁴⁴.

Essas entidades atuam no Brasil através de outras entidades menores, em negociações econômicas (liberação de capital para projetos) e simbólica (através de diálogos e trocas culturais com as instituições locais). No entanto, notamos que a representação disponível do WWF Brasil, na internet, tanto textual quanto visual, é dirigida ao cidadão urbano, com acesso a tecnologia, e não às populações tradicionais da Amazônia ou de outro ecossistema nacional, nem aos técnicos e ativistas.

Para as populações locais, a entidade tem outras estratégias de comunicação, como audiências públicas e consultas técnicas nas regiões a serem protegidas. Mas, segundo Arruda (2000), 35% das unidades de conservação da Amazônia estão em áreas indígenas, o que torna constante o conflito, pois as populações são expulsas para periferias de metrópoles (pela própria falta de oportunidade local), o que muitas vezes promove mais degradação ambiental, pois essas pessoas podem invadir e derrubar novas áreas.

⁴³ Divulgado no site do Ministério do Meio Ambiente, em 12 ago. 2005, disponível em: <<http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm>>.

⁴⁴ Todos os números citados nesse parágrafo estão publicados no site do WWF-Brasil. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/wwf/opencms/site/list_subchannels.jsp?channelId=600>. Acesso em: 8 mar. 2005.

Isso é visto, pelos técnicos do WWF, de maneira completamente diferente. No Parque Estadual de Chandless, no Acre, segundo um técnico entrevistado, as únicas doze famílias de seringueiros viventes no local foram escutadas e 'respeitadas' em suas escolhas. Metade delas escolheu não viver mais no parque, por isso serão remanejadas para outro local, devidamente indenizadas. As outras seis famílias restantes, que não desejam sair do parque, passarão por cursos de aperfeiçoamento técnico e serão absorvidas na administração do local.

Mas, e se todas quisessem ficar e não fosse possível a absorção dessa mão de obra na administração do local? Isso comprova ainda mais que, na representação ambiental contemporânea, mediada e midiaticizada, a visão da natureza é homogênea, simplificadora do sistema de signos dos povos tradicionais, e não considera a diversidade cultural e o direito das populações tradicionais de permanecerem onde nasceram.

5. A REDE GTA: ANÁLISE SEMIÓTICA E MATERIALIDADE DOS OBJETOS DA INTERNET

O texto a seguir irá mostrar como as imagens e textos que compõem o site da rede do Grupo de Trabalho Amazônico – GTA são dispostos. A partir disso, pode-se entender qual o significado, ou seja, se existe uma intenção, dessa organização de objetos visuais na internet, para a causa ambiental proposta por essa entidade ecológica. Quando se consideram as páginas de um site, estamos nos referindo às seções de informação pelas quais o mesmo está dividido. Um site é, portanto, um conjunto de páginas de formato HTML, características por conterem em seu interior vários objetos separados - imagens em GIF e JPEG, vídeo-clipes, *Virtual Reality Modeling Language (VRML)*, *shockwave* e animações - os quais são todos armazenados independentemente, em uma estrutura modular. Esse formato permite que o documento seja reconhecido pelos navegadores comuns da internet, como o Internet Explorer, Mozilla e outros.

A página inicial da Rede GTA na internet (<http://www.gta.org.br/index.php>) é composta de quatro partes (Figura 18): um cabeçalho; um menu de navegação; três colunas de textos informativos, ocupando a maior parte do espaço; e uma barra fixa verde, de acabamento do design, contendo o endereço do seu escritório em Brasília. Exceto o espaço que, na página inicial, engloba as três colunas de informações textuais, todos os outros elementos visuais (cabeçalho, menu de navegação e barra de

endereço) são fixos, ou seja, aparecem em todas as páginas do site no mesmo local. O que é alterado nesta página é somente o seu conteúdo na parte central.



Figura 18 – Divisão da página inicial do site do Grupo de Trabalho Amazônico.

Na parte superior do site, o cabeçalho, percebe-se a transformação da imagem da floresta de acordo com o segundo princípio da nova mídia citado por Manovich⁴⁵ (2002), a Modularidade. Este princípio pode ser chamado de "estrutura fractal da nova mídia" (p. 22-23). Assim como um fractal tem a mesma estrutura em diferentes escalas, um objeto da internet tem estrutura modular, podendo uma imagem ser formada por inúmeros arquivos. Os elementos da mídia na internet (imagens, sons, formas ou comportamentos) são representados como coleções de *sampleagem* não-linear (ou *discrete: pixels, polygons, voxels, characters, scripts*). Esses elementos são reunidos em objetos de larga escala, embora continuem mantendo suas identidades separadas. Ou seja, são partes independentes que possuem partes menores ainda, sendo o menor deles o *pixel*. Este conjunto de figuras do cabeçalho

⁴⁵ São cinco os princípios da Nova Mídia citados por Manovich (2002): representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação cultural.

(Figura 19) foi ‘desmontado’ sob o propósito de ilustrar a sua materialidade, pois é formada por vários arquivos.



Figura 19 – Partes que compõem o cabeçalho do site do GTA, separadamente.

No entanto, na página inicial do site ela aparece ‘montada’ como na Figura 20 (sem espaço entre as imagens):



Figura 20 – Partes que compõem o cabeçalho do site do GTA, reunidas.

Segundo Manovich, essa imagem modular consiste em um número de camadas cujo conteúdo corresponde a partes significativas da imagem. Porém, pode ser dividida em dois níveis, a superfície aparente (valores culturais) e o código subjacente (valores em *pixels*, funções matemáticas, códigos HTML). Em termos de superfície, as imagens expressam um diálogo com outros objetos culturais, como nesse caso, sobrepostas à imagem da floresta e do rio, em si, estão formas arredondas em tons de verde, tri-repartidas, a sensação do elemento 'tecnologia' dialoga com o conceito cultural e ambiental de 'floresta', o que potencialmente pode remeter a contemplação da Amazônia através de uma tela, ou uma lente. Além desse efeito de sobreposição de formas ser comum na internet, outra qualidade das imagens computadorizadas é que, por serem condensadas usando técnicas como o JPEG e GIF, a presença de ruídos é essencial, ainda que acidental.

Em termos do relacionamento entre o código e a superfície (aparência), a imagem pode ser relacionada com a dicotomia de compreensão do signo proposta por Saussure (1857-1913), do significante e significado, que também pode ser compreendido como base – superestrutura, ou inconsciente – consciente. Assim como o significante existe em uma estrutura com outros significantes da linguagem, a superfície de uma imagem, seu conteúdo cultural, entra em diálogo com todas as outras imagens em uma cultura, nesse caso a cultura amazônica entrando em contato com a cultura da internet, web, tecnologias, redes e outros significados contemporâneos relacionados.

Ao mesmo tempo, a imagem adquire um novo papel de interface, pois funciona como um portal para outro mundo. Por exemplo, na Figura 21, parte do cabeçalho, quando se clica no pequeno ícone 'envelope', ao lado do texto referencial 'contatos', há a possibilidade de ativar uma janela com um formulário de comunicação, e de escolher uma regional no Brasil para onde se dirige a mensagem. Juntamente com a função de imagem de interface, a imagem do computador também funciona como uma imagem-instrumento, a capacidade de não apenas agir, mas de "teleagir". Se antes uma imagem-instrumental, como um mapa, era claramente distinta de uma imagem ilusionista, como uma pintura, a imagem de computador combina as duas funções.







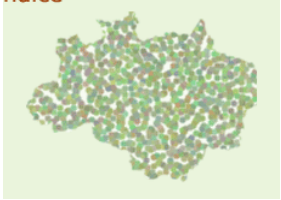



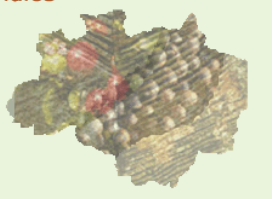


Figura 21 – Parte que compõe o cabeçalho do site do GTA.

Mais dois dos princípios da nova mídia, elencados por Manovich (2002), também se aplicam às imagens disponíveis no site do GTA, a Variabilidade e a Automação. Por exemplo, usando um programa de *design* de computador pode-se automaticamente gerar infinitas versões de uma mesma imagem, variáveis em tamanho, resolução, cores, composição e outros. No site do GTA, esse recurso é utilizado para orientar a navegação, pois utiliza variações de imagens sobrepostas a um mapa da Amazônia Legal (Figura 22), numa lógica de associação com cada sessão do site. Assim⁴⁶:

Associada a um mapa da Amazônia, a imagem de um jornal impresso remete às notícias; a de um quebra-cabeça indica, por força de extensão, o ‘encaixe’ entre as regionais; pontinhos unidos representam os parceiros; pessoas trabalhando em diversas situações são os projetos; e produtos do extrativismo sobrepostos a uma paisagem de rio e floresta são a iconografia perfeita da região amazônica em si, na seção ‘amazônia’. Dessa forma, as imagens geradas automaticamente funcionam como variações cognitivas delimitadas e separadas por uma fronteira, a fronteira da Amazônia Legal, que é a imagem ao fundo de todas as composições.

Formatado: Fonte: 12 pt

⁴⁶ Todas essas imagens foram copiadas das principais seções do site GTA em 25 ago. 2006.

			
Seção de Notícias	Projetos	Campanhas	
			
Regionais	Parceiros	Links e Contatos	
			
Fórum	Enquete	Pesquisas	
			
Amazônia	GTA		

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt, Não Negrito, Cor da fonte: Automática

Figura 22 – Variações imagéticas do site do GTA.

Ao imaginar a arquitetura da informação deste site pela metáfora de um palácio⁴⁷, entendemos que cada quarto é responsável por um tipo de informação, organizada por similaridades, afinidades. No entanto, neste 'castelo/organização da informação' do site do GTA, não há relação entre as seções. Quer dizer, um caminho de conexão técnica há, pois a barra de navegação é fixa em todas as páginas do site e o usuário pode navegar entre os 'quartos'. Mas não há uma conexão cognitiva ente os conteúdos, por exemplo, 'parceiros' e 'regionais', ambos com possibilidade de comunicação interna (com os coletivos da própria rede) e externa (para sites ou endereços de outras entidades ecológicas, existentes em 'parceiros'), não possuem informações correlacionadas, cruzadas, o que também não acontece em 'projetos', pois não há informações correlacionadas explícitas. Nesse caso, é perceptível uma desconexão entre o conteúdo das partes, pela não utilização das ferramentas que o meio oferece para potencializar a comunicação.

Essa versão do site do GTA, segundo o responsável pela sua atualização, é de 2003. Foi doação de um parceiro anônimo. A atualização é feita pelo sistema PHP. Ou seja, dezoito pessoas, representantes de entidade ambientais localizadas na Amazônia, que formam os coletivos das regionais da rede, podem incluir notícias no site. Nas outras seções, que não são de notícias, toda intervenção é feita através desse responsável, que permanece em Brasília e tem acesso à edição das páginas.

Sobre a não utilização de imagens na atualização do site, em face da facilidade do uso pelo meio, o entrevistado justifica que o sistema 'não se adaptou' à inserção e que o parceiro que fez o site 'nem sempre tem boa vontade de alterar'. Acrescenta que o banco de imagens da rede é descentralizado, 'resolvido pela solidariedade inter-entidades', portanto, inacessível ao meio digital no momento. Embora haja estes exemplos de utilização das novas qualidades da imagem de computador (por exemplo, a já citada imagem do cabeçalho possuir um link de contatos) e da variação de mapas gerados para orientar a navegação, nota-se que não fazem parte do conteúdo atualizável. Além disso, outros recursos possibilitados pelo computador para a instrumentalização das imagens não são utilizados, por exemplo, elas não

⁴⁷ Comparação feita por JOHNSON (2001), no primeiro capítulo da obra, denominado 'Links'.

acumulam a função de links e não são disponibilizadas para acrescentar sentido às notícias, ou seja, não exercem uma função indexical.

Tecnicamente, o menu de navegação funciona como um divisor entre a parte icônica da página inicial (a imagem do cabeçalho) e a parte indexical, informativa textual, e também representa os corredores e caminhos existentes dentro do palácio. Essa barra de navegação está disposta em duas linhas de palavras-chaves: Amazônia, GTA, regionais, parceiros, busca, notícias, projetos, campanhas, pesquisas, enquete, fórum, links e contatos. Assim:

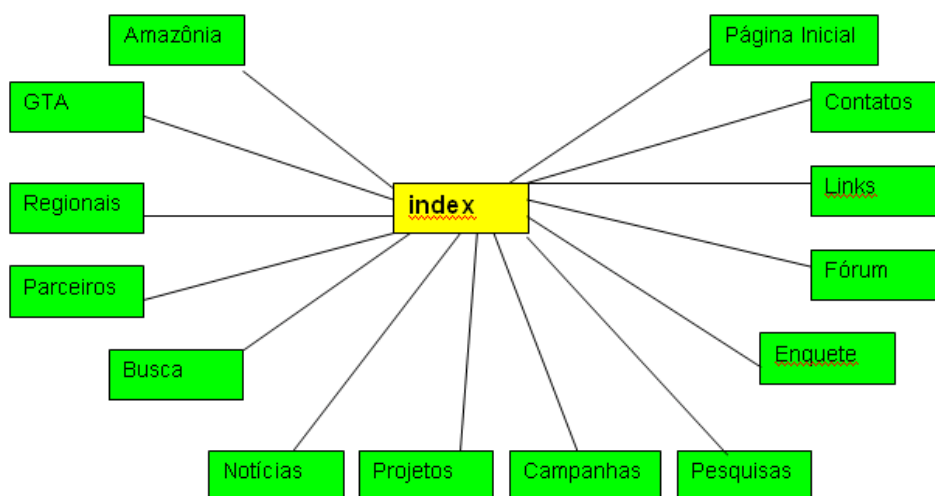


Figura 23 – Arquitetura da informação primária do site do GTA.

Essa barra de navegação, que juntamente com o cabeçalho está presente em todas as páginas do site, é o que orienta o usuário e promove o agrupamento cognitivo das informações. Possui a função de induzir o visitante, sugerir caminhos de leitura, de modo a produzir sentido. Por exemplo, as seções ‘enquete’ e ‘parceiros’ possuem duas vias de acesso pela página inicial, pois abaixo da barra de navegação, na parte informativa textual, há elementos gráficos visuais chamativos de conexão com as mesmas. E a seção ‘notícias’, por ser a principal atividade passível de atualização no site, possui também um mecanismo de busca em um banco de dados com 1900 publicações que,

segundo informações, não estão disponíveis na totalidade, por questões técnicas, mas que é possível encontrá-las através de palavras-chaves em mecanismos de busca na internet. Percebe-se que o sistema de organização da informação do site não suporta a sua demanda de uso, mesmo com uma participação relativamente baixa por parte das regionais, pois a maioria delas somente conseguiu estar conectada à internet no ano de 2006.

Isso nos faz inferir que, se a principal função do site do GTA é induzir o usuário a se informar sobre questões sociais e ambientais da região amazônica, essa tarefa de indução é estruturada a partir do pressuposto de que essas pessoas já têm algum conhecimento prévio do assunto – pelo menos uma palavra-chave para iniciar uma busca mais delimitada (como supõe o texto na página ‘notícias’: **“Se você está preocupado com o futuro da Amazônia brasileira, muitas pessoas produzem elementos para sua orientação”**). Essa forma de persuasão é basicamente indexical, segundo a divisão sónica de Peirce, pois é textual, com palavras que limitam as possibilidades de interpretação, e que pressupõe um conhecimento prévio por parte do leitor.

O público-alvo do site do GTA, segundo o responsável pela sua atualização, são entidades jurídicas que representam as comunidades tradicionais da Amazônia. E o objetivo do site é colocar essas comunidades dentro dos debates de políticas públicas ambientais. Essa dinâmica, realizada de maneira bem feita ou não, no mínimo coloca em contato culturas diferentes, como o caso das quebradeiras de côco babaçu cantando suas músicas de trabalho com a Nega Giza, da Central Única de Favelas⁴⁸.

O site do GTA pode ser considerado um produto transcultural da mídia, gerado em um sistema confuso de atualização, mas que reflete também os constantes diálogos das entidades amazônicas que transitam nesse meio. A geração de notícias sem uma coordenação editorial rígida e a navegação que envia o usuário para todas as direções externas possíveis exige (para o usuário não se perder), no mínimo, um conhecimento prévio do que busca. O que, paradoxalmente, ajuda o usuário a pensar, a entender de assuntos locais, e

⁴⁸ Notícia disponível em: <<http://www.miqcb.org.br>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

não apenas formata sua mente, e seu relacionamento com a natureza, através do estímulo de imagens de paisagens icônicas da natureza.

5.1. Usabilidade e arquitetura da informação: ferramentas para democratizar a rede

Outro termo bastante utilizado para analisar sites é 'usabilidade', ou seja, o quanto este site é fácil ou difícil para se encontrar uma informação, se os caminhos de navegação são eficientes. Existem dois métodos mais comuns de avaliar a usabilidade de um site, segundo Pinho (2003, p. 138): a avaliação heurística e o teste de usabilidade. A primeira consiste no que está sendo feito nesta pesquisa: testes do design como interface, da coerência da disposição das informações e do funcionamento das operações de interação do sistema. Já o teste de usabilidade, que não será utilizado aqui, consiste em pesquisas dirigidas feitas por usuários habitados e leigos, cronometrado o tempo em que os mesmos levam para conseguir as informações desejadas. Nos dois casos, considera-se ideal a arquitetura de informação em que o usuário consiga a informação desejada em no máximo três toques (o ideal são dois). Desse ponto de vista, podemos considerar que o site do GTA possui uma boa usabilidade, no entanto, como afirmamos anteriormente, falta por não haver conexão, cruzamento de informações entre as seções.

A seção do site denominada "amazônia" possui informações básicas sobre os aspectos sociais, geográficos e culturais da região. O texto é 'copyright Amazônia Brasil', contribuição desta ONG que também participa da Rede GTA. De duas laudas, a primeira oferece dados comparativos da região em relação ao planeta, como: "Na Amazônia, o crescimento médio de uma árvore é seis vezes mais rápido do que uma árvore na Europa"⁴⁹ ou "Existem mais espécies vegetais em 1 hectare de floresta do médio Amazonas que em todo o conjunto do território europeu". A segunda lauda conta separadamente sobre os povos da floresta, as comunidades indígenas e extrativistas. Menciona a carência dessa população, embora não fale em madeireiros ilegais e garimpeiros.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.gta.org.br/amazônia.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2006.

Já a seção “GTA” repete o texto do editorial da primeira página do site e apresenta a entidade em um parágrafo como:

organizações não-governamentais (ONGs) e movimentos sociais que representam seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco babaçu, pescadores artesanais, ribeirinhos, comunidades indígenas, agricultores familiares, quilombolas, mulheres, jovens, rádios comunitárias, organizações de assessoria técnica, de direitos humanos e de meio ambiente.

Essa lista de 602 entidades filiadas não está divulgada no site. Menos de cem delas consta na página parceiros ou links. A maioria não possui site na internet, nem endereço eletrônico, algumas nem telefone. Portanto, a rede se propõe a criar uma forma de ação que, por exemplo, pode socorrer instituições que passam por dificuldades financeiras porque terminaram um projeto e ainda não conseguiram iniciar outro. Ou então atuar como intermediadora para identificar entidades para determinado perfil, como para o Programa de Apoio ao Extrativismo. Foram selecionadas 170 entidades para receber de três a cinco mil reais do governo, sem custo administrativo nenhum. Isso, segundo o editor do site, pode mudar o cotidiano de uma associação comunitária. Ele ressalta que, quando entidades que não têm o perfil ideal se inscrevem para determinado programa, segundo o editor do site, são encaminhadas para outras oportunidades, como aconteceu recentemente com rádios comunitárias.

Em “regionais”, o usuário tem a opção de dezoito palavras-chaves da Amazônia: Acre, Altamira, Alto Solimões, Amapá, Babaçu, Baixo Amazonas, Carajá, Escritório Nacional, Marajó, Mato Grosso, Mato Grosso/Norte, Médio Amazonas, Nordeste Paraense, Pesca, Rondônia, Roraima, Tefé e Tocantins. Um parágrafo explica que os coletivos regionais “buscam a capilaridade das decisões internas e das políticas de sustentabilidade”, e que as entidades participantes são escolhidas em assembleias regionais, através de conselheiros. Nota-se que não apenas a região em si é motivo de setorização para a organização da informação, mas também atividades humanas relacionadas ao extrativismo (‘babaçu’), atividade pesqueira e a administração nacional da instituição (em Brasília). Mais do que uma separação cognitiva, as regionais podem ser consideradas uma referência política. São formadas, na sua maioria, por coordenações coletivas de pequenas associações comunitárias, que se reúnem para definir representantes para fóruns, eventos e reuniões deliberativas para a região amazônica.

A página “parceiros” remete a 189 entidades, e também apresenta um parágrafo explicativo sobre a importância da ajuda entre as mesmas. Esse serviço, de remeter o usuário a sites de outras entidades, é feito sem que o usuário saia do site do GTA, pois ao invés de o site do parceiro substituir o do GTA no mesmo documento HTML, é aberta uma nova janela, de acordo com o comando de programação ‘blank’. Dessa forma, é possível uma leitura, na tela, de diversos documentos HTML ao mesmo tempo, cada um representando uma entidade. Este efeito de simultaneidade é possibilitado pela *Gráfica User Interface*⁵⁰ – GUI (MANOVICH, 2001, p. 63; PINHO, 2003, p. 136), que consiste em linhas e janelas que possibilitam a comunicação com o computador e assim funcionam como interface, proporcionando clareza e funcionalidade de acesso aos conteúdos. Por exemplo, da própria lógica de GUI advêm as operações de cortar e colar (ctrlC e ctrlV, *cut and paste*). No entanto, Manovich chama a atenção para o fato de que essa interface não proporciona apenas o contato do homem com o computador (*Human Computer Interface* – HCI), mas acima de tudo uma transcodificação da cultura para o formato digital. E, mais do que isso, no caso da rede de entidades ecológicas formada a partir da página de parceiros do GTA, há uma transposição de variações culturais e sociais do conceito de ambientalismo, variáveis de acordo também com as atividades e notícias divulgadas por cada uma delas. Essa multiplicidade de opções de significação, possibilitada pela abertura de muitas janelas na mesma tela, simultaneamente, pode confundir o usuário, pois o excesso de informação provoca a perda de referência da navegação, ou a amnésia coletiva corroborada por Sodré (1996). Por exemplo, há uma grande disparidade entre a natureza de um parceiro como o Banco Mundial e outro como a Fundação Floresta em Perigo.

Ao contrário do que se pensava no início da análise do site, antes das entrevistas, essas entidades da seção ‘parceiros’ não são necessariamente filiadas à rede. Segundo o editor, ‘parcerias são entidades externas à rede, que trabalham junto ou financiam atividades’, enquanto filiados ‘são todas as 600’, podendo ser também parceiras. Portanto, nota-se que não há uma fronteira clara para a divisão da informação, pois o usuário é induzido a pensar que

⁵⁰ O termo foi popularizado pela *Macintosh*, que disponibilizou a primeira versão monocromática em 1984.

essas entidades parceiras são filiadas à rede, o que não ocorre necessariamente. Mas, percebe-se a importância dessas instituições na estrutura do site pelo destaque da seção 'parceiros'. Existe na página inicial do site um caminho direto para 54 parceiros escolhidos, sem a necessidade de acessar antes a página principal 'Parceiros'. Isso 'encurta' o caminho para essas entidades. Se um usuário quiser saber o endereço virtual do Greenpeace pela seção 'Parceiros', demorará quatro cliques, enquanto pela página inicial pode ser feito por apenas um clique, o que aumenta a velocidade de acesso interativo. No entanto, como a lista de parceiros na página inicial é longa, o usuário tem que 'descobrir' sua extensão descendo a barra de rolagem.

É significativo notar que o Fundo Fiduciário das Florestas Tropicais é o primeiro da lista de parceiros exposta na página inicial, o que é reconhecidamente uma forma de destacar apoio ao seu trabalho. De fato, segundo esclarece o editor, o fundo financiou o Programa de Apoio e Fortalecimento Institucional para o GTA, além de administrar recursos do Programa Piloto de Florestas Tropicais do Brasil, no qual, segundo o técnico, o GTA pode influir, pois o projeto foi executado em "sinergia com as atividades políticas da rede". Então, de certa forma, a entidade reconhece o auxílio do organismo internacional e o destaca, dando visibilidade privilegiada ao endereço do parceiro na página inicial do site, o que pode parecer uma permuta.

Outro parceiro curioso é o Beraca Produtos Químicos. Única empresa da lista, sua inserção se justificou, segundo o editor, por ter patrocinado a assembléia geral de 2005, que reuniu 350 entidades em Brasília e por comprar matéria prima das associações comunitárias, como óleo de andiroba, em 'acordos de comércio justo'. Para o editor, essa prática de relacionamento da rede GTA com empresas é relativamente recente. Entre os parceiros, existe um diálogo nessa linha com o Instituto Ethos de Responsabilidade Social.

A página "Busca" é uma extensão da página "notícias", pois a pesquisa está direcionada para o banco de dados do site, das publicações regionais quase diárias de reportagens. Porém, como foi dito, esse sistema 'travou' com 1900 notícias e aguarda a 'boa vontade do parceiro que fez o site' para ser corrigido. No entanto, apesar dessa falha técnica, essa produção torna perceptível a participação das regionais e parceiros na construção do site, pois

muitos textos são assinados por eles. Nota-se também um serviço de ‘clipping’⁵¹ de notícias da região amazônica em geral, com a reprodução de textos de agências e outros veículos da mídia.

A seção “projetos” é dividida entre aqueles em andamento (cinco) e os já concluídos (três). Todos são caminhos internos, ou seja, não remetem o usuário para outros sites, pois as informações dos projetos estão publicadas na íntegra, na mesma janela de navegação. O mesmo acontece na seção “campanhas”, que remete a 18 páginas secundárias com dados das ações e, quando é possível, fornece o endereço eletrônico das mesmas.

Ao contrário, a seção “pesquisas” apresenta uma centena de links externos, todos em janelas próprias. Ao final, um formulário eletrônico incentiva os usuários a cadastrarem novos endereços e ou arquivos, mas alerta que as sugestões são analisadas para posterior publicação. O mesmo acontece na seção “links”, que é dividida em links para sites de entidades ecológicas que realizam pesquisa e documentação. Embora não haja divisões claras para o agrupamento dessas entidades listadas nas duas seções, com suas respectivas conexões, o editor esclarece que em ‘pesquisa’ estão somente temas da Amazônia e que em ‘links’ estão ambientes virtuais mais gerais, como um grupo de arte-colagem, um experiência de arte digital em São Paulo e até a Associação Brasileira de Observadores de Saci.

Essa confusão provocada por fronteiras fluidas entre as seções e um grande número de caminhos externos, que abrem janelas e mais janelas na interface do computador do navegante, pode ser considerada um mau uso das possibilidades técnicas do computador. Reflete também certa fluidez comunicativa que floresce sob uma dificuldade econômica e de infra-estrutura da rede. Apesar de possuir uma lista de discussão com 450 inscritos e 3.800 cadastrados que recebem boletins gerados diariamente, a comunicação entre eles não se reflete na atualização do site. Essas falhas não podem ser consideradas apenas ‘técnicas’, pois determinam a dinâmica da interação, das trocas de conteúdos cognitivos entre as entidades ambientais. A operacionalização ocorre, portanto, através da mediação desse responsável, que pode ser considerado o editor-chefe do conteúdo, e a democratização

⁵¹ Prática de assessorias de imprensa de coletar notícias sobre determinado tema em veículos da mídia, a fim de produzir um boletim selecionado de textos.

depende tanto de questões da esfera institucional, refletidas no grau de participação dos outros diretores da rede na construção do site, quanto de um grau individual, da formação do pensamento do responsável por algumas decisões que parecem sem importância, como a de quais pesquisas serão divulgadas. Por um lado, esse indivíduo recebe colaborações das regionais e acata 'comentários dos diretores e de outros técnicos', que determinaram inicialmente a divisão das seções; mas, por outro, também contribui com sua opinião individual de ativista ambiental para fortalecer as políticas ambientais nas quais acredita.

As seções “fórum” e “enquete” também incentivam a participação. A primeira oferece dois temas para quem quer participar de listas de discussão, ‘Barragens nos rios’ e ‘O uso do x23j’, informando o número de participantes de cada uma. A segunda fornece, em tempo real, os resultados para perguntas relacionadas à região amazônica. O uso de infográfico (Figura 24) na construção de enquetes é algo muito utilizado e os temas das mesmas podem sugerir a visão de ambientalismo dos autores:

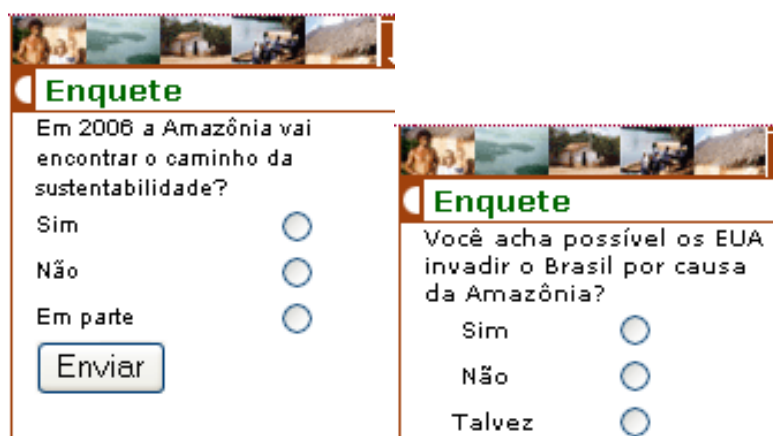


Figura 24 – Enquetes do site do GTA.

Esses esquemas funcionam como sugestões para o usuário refletir, pois a resposta para a pergunta se o Brasil encontra 'o caminho da sustentabilidade em 2006' é tão complexa que não pode ser definida por nenhuma das opções de maneira satisfatória, no mínimo seria necessário delimitar o termo 'sustentabilidade' e sua especificidade (embora pressuponhasse que seja uma temática etno-ambiental). O que nos faz inferir, portanto, que o que este enunciado pretende é medir o grau de esperança do usuário em relação ao 'caminho sustentável'. E, por outro lado, medir também o seu medo, diante da possibilidade de os EUA invadirem o Brasil por causa da Amazônia.

Em "contatos" são apresentados os endereços eletrônicos dos responsáveis por cada regional. O usuário pode optar ainda por preencher um cadastro em que informa o assunto e a regional para então a mensagem ser encaminhada para os responsáveis.

Concluimos que a dinâmica de conexões presente nesse site não se preocupa em 'prender' o usuário dentro dos limites do mesmo, mas sim oferece múltiplos caminhos de saída, tanto na seção 'parceiros' como em 'links' e 'pesquisas'. Isso favorece a democratização da informação, mas ao mesmo tempo confunde um pouco, devido ao grande número de possibilidades.

Por outro lado, a parte textual do site (editorial, notícias e textos de apresentação de cada seção), cumpre a função de limitar a navegação, com informações objetivas. Situado à esquerda, o editorial intitulado "Em vez de internacionalizar a Amazônia, vamos amazonizar o mundo", apresenta em dois breves parágrafos as diretrizes ideológicas da rede⁵². No meio, uma coluna de notícias seguida por outra de campanhas. À direita, três seções de destaque: "enquete", "cadastre-se!" e "nossos parceiros". A chamada de cadastramento é para envio das notícias por e-mail sobre questões amazônicas.

Portanto, é um site basicamente textual, que utiliza pouquíssimas imagens, e que, diante de uma grande demanda de interação comunicativa necessária para dinamizar as relações de 602 entidades, consegue realizar parcialmente essa tarefa, de maneira não muito planejada, até de certa forma

⁵² Em março de 2006, quando participei do evento anual da Rede Amazônia na UFMG (Belo Horizonte), apresentei uma comunicação sobre sites da Amazônia em que criticava os enormes 'textos-manifestos' das entidades ecológicas, pois para o web-redator, o texto 'legível' na internet não pode ter mais que vinte linhas, e dei como exemplo o editorial da Rede GTA, que possuía na época mais de oitenta linhas. No entanto, agora em agosto de 2006, o editorial foi reduzido a dois parágrafos, o que prova que os responsáveis pelo site estão mais atentos às propriedades do meio.

intuitiva, mas que pode ser considerada satisfatória pois produz resultados de trocas simbólicas entre as entidades. Mas é visível que o papel do editor do site é fundamental para essa atividade acontecer, pois as regionais não têm pessoas preparadas para essa atividade especializada.

5.2. Análise de notícias

As notícias, que são a principal produção intelectual da Rede GTA, não são assinadas por nenhuma pessoa física, e sim por instituições. Também não seguem padrões de redação para jornais impressos e muito menos para jornalismo online. Pinho (2003, p. 184) afirma que “o texto preparado para a internet deve ser 50% mais curto do que aquele escrito para papel”, principalmente pela questão fisiológica do olho humano, que não consegue ler igualmente na tela como se lê no papel, pois é prejudicado pela luz do monitor. No site da Rede GTA, o tamanho dos textos não é padronizado. Percebe-se que alguns textos, os retirados de agências de notícias, são mais curtos, mas no geral, todos são muito extensos e muitas vezes com apresentação de dados em linguagem técnica. Isso pode ser devido à diversidade das instituições autoras e ao fato de os produtores do site contarem com um conhecimento prévio dos usuários.

Essas reportagens deveriam seguir um padrão de publicação que, segundo o editor entrevistado, consiste em citar a fonte do texto e identificar a origem de quem o inseriu (o nome da regional, que tem a senha). Ele reconhece que essas regras não são seguidas e que alterações de textos ocorrem indevidamente, apesar da existência de um Conselho Editorial, e que essas questões estão em debate desde 2005, na tentativa de construir um novo sistema efetivamente mais democrático de atualização da página, mais participativo. No entanto, ele justifica que não há verba para isso ainda. Outra dificuldade é que a maioria das entidades parceiras não possuía acesso à internet até este ano de 2006.

Quando a instituição autora do texto possui site, o link do mesmo é informado no final do texto. Porém, ao seguir este link na matéria “**Incêndios criminosos destroem áreas de conservação na Amazônia**”, postada pelo

Greenpeace⁵³ e destaque na rede GTA em 31/08/2006, percebemos que algumas palavras foram alteradas, por exemplo, o título da notícia mudou para **“Incêndios criminosos destroem Unidades de Conservação no Pará”**, o que limita a “Amazônia” dentro do “Pará”. Seguindo essa linha de pensamento para edição sobre a matéria original do Greenpeace, logo no primeiro parágrafo em que está escrito “Na última semana, o fotógrafo Araquém Alcântara documentou **para o Greenpeace** grandes desmatamentos (...)”, no site da Rede Gta foi suprimido o **‘para o Greenpeace’**. No sétimo parágrafo, foi suprimida a função da fonte citada na matéria, pois onde se lê “(...) afirmou Carlos Ritti, coordenador da campanha de Clima do Greenpeace (...)”, na matéria do GTA está apenas “(...) afirmou Carlos Ritti.”. E, ao final do texto, no qual se lê “Para o Greenpeace, é necessário aumentar e equipar o efetivo do Ibama nessas regiões (...)”, a rede GTA anuncia simplesmente: “A análise mostra que é necessário aumentar e equipar o efetivo do IBAMA nessas regiões”. Ou seja, foram suprimidas todas as referências ao autor (Greenpeace).

Essas modificações são possibilitadas pelas operações computacionais, tais como: copiar, colar, cortar, recortar, transformar, filtrar e outras e, mais do que uma operação técnica simplesmente, esse ato implica na desvalorização do Greenpeace (entidade ecológica considerada ‘parceira’) como produtor da informação. Evidencia ainda a apropriação indevida da pesquisa citada por parte do GTA, embora que a reprodução da informação não perca seu significado original (de informar sobre análises de incêndios criminosos).

O fato de o GTA retirar as referências ao Greenpeace no texto (mesmo oferecendo o caminho para a notícia original no final do texto) pode ser um exemplo que reflete um conjunto de mudanças cognitivas perceptíveis da antiga sociedade industrial para a sociedade em rede. Trabalho e lazer, por exemplo, se envolvem, não há uma separação tão distinta quanto há meio século atrás. Autores e leitores também não estão mais separados por rígidas fronteiras e podem ser mais bem denominados como produtores de objetos culturais (textuais ou imagéticos) e seus usuários, ou reprodutores, com

⁵³ Visita realizada em <http://www.greenpeace.org.br/clima>.

intenções de produção de sentido diferentes ou iguais. Barthes (BURKE, 1998, p. 23) em seu famoso artigo "The death of the author" oferece uma crítica mais radical para a idéia do autor como um inventor solitário responsável pelo conteúdo do trabalho. Ele afirmou que texto é uma célula de citações montadas de inumeráveis centros de cultura. No caso das transformações sofridas pelos textos ao serem publicados na seção 'notícias' da Rede GTA, algumas vezes nota-se que o 'novo' autor (identificado pela instituição – parceiro ou regional, que aparece entre parêntesis antes do texto) também acrescenta dados ao texto original, como é o caso da notícia sobre a carência das comunidades quilombolas no Mato Grosso. A matéria é assinada como "GTA Mato Grosso/Diário de Cuiabá", no entanto, ao visitar o site do diário em busca da reportagem e comparar a fonte original com a reprodução do GTA, nota-se que foram adicionados vários parágrafos abaixo do texto publicado de autoria do repórter Rodrigo Vargas, com dados históricos, geográficos, antropológicos e, inclusive, a citação de fontes oficiais e populares. Esse processo, se fosse melhor adequado ao meio eletrônico, para potencializar a usabilidade do site, deveria no mínimo 'hipertextualizar' o texto, ou seja, separar por módulos distintos e criar novos elos, através de palavras chaves destacadas do texto ou ao final dele.

Essas práticas denotam que o GTA não é apenas um reproduzidor de dados provenientes de outras fontes, pois também interage com esses dados, no sentido de acrescentar ou suprimir informações que consideram necessárias, tornando essa prática um ato intencional.

Concluimos que, embora o site do GTA apresente falhas de inadequação à linguagem da internet, que podem resultar no mau uso das ferramentas para democratização da informação nos processos deliberativos de políticas públicas para a Amazônia, sua existência parece apontar o caminho, de maneira um pouco desordenada, para a efetivação dessa possibilidade de uma dia haver maior participação dos povos tradicionais no planejamento de projetos direcionados para a ocupação desse território.

6. O PRODUTOR DE INFORMAÇÃO DA REDE AMBIENTAL: COMPARAÇÕES ENTRE ENTIDADES DAS REDES

O modo de produção de informação e os elementos envolvidos (o jornalista, o fato, a notícia, as fontes, o contexto social) são fatores observados por diversos estudiosos, para analisar influências sobre tendências de pensamento na sociedade. Dessa forma, nesse capítulo, relembremos algumas teorias das notícias elencadas por Traquina (2001) – ação social, organizacional, estruturalista e etnoconstrucionista – para, no processo de atualizá-las ao meio digital e à temática ambiental da amazônia, obter esclarecimentos sobre as formas de tradução dos fatos reais para as redes de informação ambiental.

O que se pretende nesse capítulo é Identificar quais conceitos predominam como padrões ambientais, para pessoas que trabalham nas redes selecionadas, não somente nas redes GTA e WWF, mas também em outras instituições que foram analisadas, e entender como essa visão pessoal pode influenciar no trabalho desse profissional e na própria imagem da instituição. Para colher dados para as informações a seguir, foram entrevistadas várias pessoas que têm atividades relacionadas à produção de informação para a causa ambiental amazônica na internet, não só da comunicação social (jornalistas, relações públicas, programadores visuais e de *web*) mas também ativistas de ONGs nacionais e internacionais, engenheiros florestais, professores universitários, antropólogos, cientistas sociais, caboclos e outros. E

isso só foi possível após uma intensa leitura das informações produzidas, na internet, e da análise de conteúdos dos capítulos anteriores, sendo que as questões discutidas nas entrevistas emergiram desses conteúdos.

Como já se demonstrou até aqui, existe uma grande diferença estrutural entre os sites da rede WWF, transnacional, com sede em Brasília (e escritórios em São Paulo, Corumbá, Campo Grande, Rio Branco e Manaus) e o site da rede GTA, nacional, que funciona em um local cedido pelo governo federal dentro do zoológico de Brasília. Não é uma questão somente de receber capital do exterior, pois o GTA também recebe recursos, por exemplo, do Banco Mundial para um programa de fortalecimento institucional em andamento. É uma questão de padronização cognitiva da visão ambiental, que se reflete no modo de trabalhar, de se relacionar com as culturas locais e de desenvolver estratégias de preservação da natureza.

O mesmo é percebido entre os produtores de comunicação das duas redes. Por exemplo, no WWF existe uma equipe de pessoas especializadas, jornalistas, editores, técnicos em imagem, fotógrafos. O coordenador de conteúdo *web* é graduado em comunicação social e o projeto agrega conceitos de usabilidade e arquitetura da informação, pois contou com a ajuda de consultores especializados. No escritório do GTA, há apenas uma pessoa que trabalha especificamente com o site, mas como ele mesmo se define, entrou para a instituição em 2002, inicialmente como assessor técnico, cuidou da parte de sociobiodiversidade, é um 'cientista social inquieto', fez apicultura, agricultura orgânica e teatro. Mas, o que importa nessa função de alimentar sites, é que entende de HTML, alimentação de páginas PHP e outros recursos técnicos básicos. Além dele, 18 regionais possuem senhas que podem alimentar o site com notícias desde sobre a abertura de editais para novas rádios comunitárias até lançamentos de livros, exposições, debates políticos, manifestos de protestos etc., embora a participação seja pequena.

Esse contraste extremo atualiza uma discussão entre duas antigas teorias das notícias, da década de cinquenta do século passado, a teoria da ação pessoal, ou do *gatekeeper*, e a teoria organizacional (TRAQUINA, 2001, p. 69). A primeira, da ação pessoal, refere-se ao '*Mr. Gates*', aquele que seleciona o que será publicado e age de forma subjetiva e arbitrária, através dos filtros das experiências colaterais que possui e de suas intenções. Já o

profissional da teoria organizacional esta inserido em uma *cultura* organizacional, que promove o *conformismo* com a política editorial da entidade.

Porém, na época desses estudos norte-americanos, o jornalista – e a própria comunicação social – se limitava ao espaço do jornal, o que não acontece hoje com a internet. No site do GTA existem dezoito pessoas (pertencentes a entidades jurídicas, mas, antes disso, pessoas com suas preferências pessoais) que podem acrescentar um número ilimitado de notícias, e um editor que coordena o processo monitorado por um Conselho Editorial. No entanto, os portões estão abertos, não existem casos de notícias que geraram controvérsias sobre sua autenticidade a ponto de serem retiradas ou alteradas. O que acontece, às vezes, é o acréscimo de dados ao final. Outro detalhe é que o repórter não busca matéria prima somente na vida real para escrever seus textos, mas, de acordo com os entrevistados, principalmente em outros sites da internet, que podem ser traduzidos, alterados segundo sua escolha. Porém, não são notadas grandes alterações significativas de conteúdo, embora às vezes ocorra supressão do autor original. Mesmo sendo instituídas algumas normas editoriais básicas, no site do GTA não há uma fiscalização efetiva do conselho, percebe-se que essa regra ainda não foi bem assimilada pelo grupo. Ao mesmo tempo, a participação é determinada pela capacidade intelectual e técnica do indivíduo, até mesmo para fazer algo simples como garimpar dados na internet.

As pessoas que trabalham para alimentar o site do WWF, por sua vez, estão inseridas em um contexto social de regras subjetivas, mas bem assimiladas, como numa empresa executiva transnacional. Há alguns fatores que os entrevistados reconhecem como favoráveis à assimilação dessas regras, como o prazer pelo trabalho e a ausência de grupos de conflito entre os funcionários. A própria visão de ambientalismo individual é afetada pela visão construída pela instituição. Esse prazer é estimulado por promoções, planos de carreira e viagens em expedições. De certa forma, percebe-se entre entrevistados de diversas instituições, principalmente na cidade de Rio Branco, Acre, que ser um funcionário do WWF confere *status* à pessoa, e também às instituições escolhidas para trabalhar entre as entidades locais. Uma vantagem citada mais de uma vez é que os salários dos prestadores de serviços e

funcionários do WWF estão sempre em dia, fato raríssimo entre outras instituições locais, nas quais a maioria nem possui remuneração fixa. Um entrevistado afirmou que trabalhar para o WWF-Brasil dá credibilidade ao seu currículo como profissional.

Considerando que as notícias são resultantes de processos de interação social, segundo corrobora Traquina (2001, p. 77) sobre a teoria organizacional, no WWF-Brasil percebe-se que as mensagens são construídas dentro da instituição, ou seja, a linha editorial é subjetivamente eficiente.

Também através das teorias estruturalista e etnoconstrucionista (TRAQUINA, 2001, p. 89), pode-se fazer uma boa leitura do processo de produção da mensagem dos sites analisados, sendo que a primeira pertence à escola cultural britânica, tendo à frente Stuart Hall e seus estudos de multiculturalismo, e a segunda liderada por Gaye Tuchman, norte-americana que considera que as notícias “são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2001, p. 94). Ambas as teorias são micro e macrossociológicas e localizam o jornalista no seu local de trabalho, mas, ao contrário da teoria organizacional, concordam em que ele está inserido não só em uma instituição à qual presta serviço, mas em um ambiente *transorganizacional*, por onde aprende por osmose e não são apenas observadores passivos.

Esse fato pode ser observado entre as entidades ambientais analisadas. Todos os comunicadores entrevistados se declararam totalmente a favor ideologicamente das instituições em que trabalham e, em muitos casos, a militância ambiental na instituição antecede ao trabalho profissional, que foi de certa forma oficializado pela própria militância. Isso procede principalmente em instituições locais, pois os interesses dos voluntários/técnicos coincidem com os interesses da entidade. Da mesma forma, instituições transnacionais, como o WWF-Brasil, seleciona somente pessoas com interesses afins, e no próprio site tem um link 'trabalhe conosco'. Além dessa 'seleção natural', o WWF-Brasil pretende fazer treinamentos com os técnicos para uniformizar ainda mais princípios gerais que formam a visão de ambientalismo da instituição, como informa um entrevistado.

Essa formação ideológica do comunicador, que pode ser induzida (mais o caso das transnacionais) ou voluntária (mais o caso das locais), reflete na construção social da realidade, de acordo com as teorias estruturalista e etnoconstrucionista. Essa construção é feita através de enquadramentos – a pirâmide invertida – e da transformação da realidade em narrativas, que precisam utilizar *símbolos de condensação*. São pacotes interpretativos que contextualizam culturalmente a mensagem, e que denotam a interação cultural.

Um exemplo dessa interação, da tradução de uma realidade local para a rede nacional – publicada no site – é o que faz a Comissão Pastoral da Terra-CPT. Através de 20 oficinas espalhadas em regionais pelo país, eles ‘sensibilizaram’ agentes comunicadores para serem capazes de observar sua realidade e produzir fotografias e textos sobre a mesma. Essas pessoas, das localidades, enviam imagens para as jornalistas da secretaria nacional, responsáveis pela atualização do site, juntamente com as respostas às perguntas básicas do *lead* (o que, quem, como, onde, quando e porque), de maneira pontual. Caso tenha dúvidas, a jornalista entra em contato por telefone para terminar de redigir a matéria.

Todas essas teorias das notícias citadas até agora, vale ressaltar novamente, foram feitas para analisar o jornalismo (jornalistas, fontes, notícias e contexto da mídia) no século passado, basicamente no veículo impresso. Ao atualizar essa discussão para o momento atual, deve-se levar em consideração que, assim como a distância entre autores e leitores desapareceu, suaviza-se também a diferença entre fontes e comunicadores, como acontece com o exemplo anterior. Os agentes treinados pela CPT, pessoas da localidade, possuem interesse na divulgação da notícia, mas não deixam de ser a principal fonte dos acontecimentos. Mas, mais que isso, são também co-autores da representação e seu próprio público alvo.

Na mesma lógica de pensamento, há na internet instituições geradoras de notícias, como o site da Rede de Informações do Terceiro Setor – Rits, que são especializadas em emitir mensagens para serem reproduzidas por outras, como agências de notícias. Isso resolve um problema que era apontado pela teoria etnoconstrucionista no século passado, que era a marginalização dos movimentos sociais (e também ambientais) pela mídia.

Sabe-se que os movimentos sociais têm atualmente um importante papel na construção de debates sociais e valorização cultural de segmentos, e ainda procuram suprir a sua própria demanda de emissão de informação. Dessa forma, cumprem um papel similar ao que Althusser chama de ‘aparelhos ideológicos de Estado’ (BULIK, 1990, p. 15), no quadro das instituições, para legitimar a ideologia do Estado, que neste caso dos padrões ambientais na Amazônia, são injetados na cultura local por instituições transnacionais. Para este autor francês, a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com sua condição real de existência, independentemente das variáveis ‘tempo’ e ‘história’. Essa perspectiva trans-histórica é potencializada na internet, pois o fator tempo, por exemplo, considerado pela teoria etnoconstrucionista como um critério de limitação da produção noticiosa, orientada a seguir a hora de fechamento da edição do jornal, é um problema contornável. Hoje, na internet, notícias podem ser adicionadas a qualquer momento, mas paradoxalmente, a tirania do tempo aumentou, pois há uma necessidade de atualização instantânea (também aprendida por osmose, assim como a assimilação dos *fastfoods* e da velocidade dos aviões).

Seguindo a lógica dessa leitura da teoria althusseriana, as instituições filtram e modelam a ‘representação’ que as pessoas fazem de sua vida real para, em seguida, “atingir o comportamento considerado ideal que se espera delas” (BULIK, 1990, p. 16). Assim, os ‘relatos online’ de expedições do WWF-Brasil, no site, traduzem informações geográficas e da biodiversidade, contextualizando-as em aventuras na floresta, com direito a perigos, cenas cotidianas de alimentação, devastação de rios por garimpos, fauna e flora, tudo sob o olhar do homem urbano, moderno, que domina a comunicação por satélites, e direcionado para o também urbano usuário da internet.

O jornalista, que seleciona as informações brutas para construir a informação final, sabe que a mesma passará por uma cadeia de pessoas, superiores hierárquicos, num sistema de controle sutil. Esse conjunto de valores, no caso do WWF-Brasil, procura valorizar, como estratégia de marketing, o testemunho individual de pessoas-chaves, num claro sentido de ‘humanização’ da notícia.

Na intenção de caracterizar a figura do técnico como ser humano, a cobertura de uma conferência sobre clima traz informações sentimentais e

personais, como “o café da manhã de casa começa a dar saudade, sem falar da família”⁵⁴. Nessa mesma reportagem, a autora confirma outra característica da teoria organizacional, que é um ambiente de cooperação no serviço, com a frase: “Já são 14 dias longe das risadas infantis que enchem a nossa sala no WWF-Brasil”⁵⁵.

Essa tendência de traduzir notícias para a linguagem dos testemunhos é bastante difundida na *web*, principalmente através de blogs. Inclusive, para a cobertura dessa conferência sobre clima, o WWF-Brasil criou um blog⁵⁶, para os membros postarem relatos diários, guiados pelas suas impressões pessoais. Segundo um entrevistado sexagenário de uma ONG dos Estados Unidos que recebe auxílio do WWF e viaja sempre em turismo pelo Acre, ele se considera um ‘contador de histórias’, uma ‘eloquent voice for the ancients forests’, e diz que usa essa estratégia para divulgar as comunidades ecológicas que visita, como os relatos que fez do Céu do Mapiá⁵⁷, do Vale do Matutu⁵⁸ e da Fortaleza⁵⁹, vilas características por usarem a bebida tradicional ayahuasca, no município de Pauini, Amazonas, e Capixaba-Acre, respectivamente.

No entanto, para esse entrevistado, aposentado, que viaja com um computador portátil, uma câmera digital e domina a linguagem de postagem de informações em blogs (relativamente fácil), com tempo e capital para se dedicar à atividade de testemunhar, essa é uma prática assimilada como um hábito. Sua visão, explícita em seus relatos, é de conformidade com a conservação da natureza de forma global, procurando de alguma forma ajudar

⁵⁴ Notícia “Ministra comparece ao Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas”, disponível em: <<http://www.wwf.org.br/index.cfm?uNewsID=4980>>. Acesso em: 17 nov. 2006.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/clima/mudancas_climaticas_resultados/conferencia_sobre_clima/blog_da_cop/index.cfm?uNewsID=5061>. Acesso em: 25 nov. 2006.

⁵⁷ Em 2003, o WWF-Brasil realizou um Programa de Desenvolvimento Comunitário no Céu do Mapiá, terceirizado para a ONG nacional Núcleo Maturi, que tem sede em São Paulo, mas faz consultorias no Acre e Amazonas. Segundo um entrevistado morador do local, durante a presença das técnicas que fizeram o PDC na comunidade, todos se reuniram e debateram como era a vila dos seus sonhos, sendo divididos grupos de trabalho para a realização de algumas tarefas. Para participarem desses encontros, as pessoas recebiam diárias do WWF-Brasil. Mas, depois que o relatório foi escrito, com várias propostas, as pessoas deveriam continuar a se encontrar para levar adiante as questões dos grupos, o que não foi feito mais com tanta frequência, pois não havia mais o pagamento das diárias, e as pessoas precisavam trabalhar para ganhar o seu sustento.

⁵⁸ Disponível em <http://imageevent.com/visionshare/madrinharita;jsessionid=8x1bxez742.buffalo_s->. Acesso em: 21 ago. 2006.

⁵⁹ Disponível em <http://imageevent.com/visionshare/madrinharita;jsessionid=8x1bxez743.buffalo_s->. Acesso em: 21 ago. 2006.

o homem, independentemente da cultura, por isso sua ONG possui projetos desde na serra da Mantiqueira como na Amazônia e nas florestas do Canadá.

O GTA, que é composto por pessoas do cotidiano das redes comunitárias da Amazônia, como instituição, teria todo potencial para ‘testemunhar’ com legitimidade sobre a temática da situação das populações tradicionais da região. No entanto, paradoxalmente, a maioria das notícias publicadas no site são reproduções de outras fontes e informações de oportunidades em geral. Outro detalhe é que, de acordo com alguns entrevistados, há sempre divergências entre representantes de instituições filiadas nas assembleias gerais sobre como preservar a natureza na região amazônica e ao mesmo tempo promover a sustentabilidade das populações tradicionais, mesmo com pontos de vista gerais em comum e ações de apoio entre as entidades, quando algumas passam por dificuldades estruturais e financeiras. Percebe-se que a seção de notícias do site tem mais a função de um grande *clipping* sobre a região do que produzir conteúdos inéditos. E, como reconhece o editor, desde que o site foi criado, em 2003, ele fez 80% das modificações, pois o modelo ainda não foi assimilado e, mesmo com as regionais todas conectadas à internet nesse ano de 2006, os representantes dos coletivos ainda não adquiriram o hábito de postarem notícias. Muitas vezes, o que ocorre é que enviam informações para esse editor, em Brasília, que faz as adaptações necessárias, segundo seus critérios, e publica. Mas sem informações inéditas e originais que poderiam resultar em belas e comoventes ‘estórias’ baseadas em fatos reais das comunidades tradicionais.

Mas, de acordo com alguns entrevistados, se o número de participantes pode ser considerado pequeno em relação ao grande número de entidades filiadas, ele é grande, pois ultrapassa em muito a própria capacidade de organização do banco de dados de notícias do site. No entanto, várias sugestões são discutidas e, inclusive, o grande texto do editorial, publicado em 2005, foi construído coletivamente na última assembleia geral (de 2005, que reuniu 350 entidades em Brasília) e é considerado por alguns ‘a alma’ da rede, que dá seus rumos por três anos e destaca a frase emblemática da questão da preservação ambiental como tragédia na região: *“Nenhuma liderança social da Amazônia quer virar herói embaixo da terra”*. Em 2006, este texto ‘alma’ teve

seu tamanho reduzido a dois parágrafos (por sugestão de diretores). ‘Críticas nunca faltam’, esclarece o editor do escritório de Brasília.

Isso comprova que existe uma diferença entre a produção de informação do WWF-Brasil, transnacional, e o GTA, nacional, pois o primeiro publica notícias impecáveis, com o registro e a sistematização das experiências (para prestar contas às instituições financiadoras, embora de maneira sutil) e voltadas para o público urbano. Já no site do GTA, similar ao que ocorre nos movimentos sociais, há um trabalho de assimilação de informação mais contínuo e aberto entre os participantes, de educação mútua, uma história oral construída em ações reais cotidianas de auto-conhecimento sobre opositores, situação política e cidadania, ou seja, há uma conscientização humana e laços mais fortes de integração cultural.

Para as organizações transnacionais com muito recurso, o site é uma imagem sob controle, simulada e prevista, com vistas ao perfil do contribuinte. Para as articulações domésticas como o GTA, que se articula com outras transnacionais, muito em razão da inconstância das fontes de recursos, o site é um meio de comunicação e não, primeiramente, uma imagem sob controle com vistas a uma estratégia de agrado dos financiadores. Por isso, percebe-se que as trocas institucionais da informação regem-se por valores distintos, entre os dois exemplos já citados, do WWF e do GTA.

Essa diferença é perceptível também na representação de entidades como parceiras, através de links externos para sites de outras entidades. No site do GTA, há três estratégias de comunicação que cumprem o papel de elos com outros sites, as seções ‘parceiros’, ‘links’ e ‘pesquisas’. Nas três versões de sites do WWF-Brasil analisadas, desde 2004, percebe-se o seguinte: na primeira e segunda, existia uma lista de *links* externos de entidades relacionadas com a temática ambiental. Na versão atual, essa lista foi suprimida, o que demonstra uma intenção de não remeter o usuário a outros sites. Segundo um entrevistado, essa alteração se deve ao fato de muitos endereços na internet se desatualizarem com frequência, portanto, eles preferem utilizar a estratégia de fazer referência a outras entidades em notícias nas quais elas tenham alguma atuação. No entanto, mesmo nesses casos, em que outras entidades são citadas, não é construída a ligação técnica entre os

sites (o link), como se vê na página⁶⁰ do Consórcio Amazoniar no site do WWF-Brasil. A notícia sobre o referido consórcio informa que o mesmo busca criar um sistema integrado de gestão ambiental e uso sustentável dos recursos naturais no Sudoeste da Amazônia e é formado pelas entidades: SOS Amazônia, Kanindé Associação de Defesa Etno-Ambiental, Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) e FSC Brasil – com o apoio da USAID, liderado pelo WWF-Brasil.

No entanto, nenhuma dessas entidades é *linkada* na página, ou seja, se o usuário quiser, terá que copiar um desses nomes de instituições e colar em algum mecanismo de busca da internet, ato realizado somente se houve uma grande intenção de procura. Essa disposição para a busca, segundo Manovich (2001: 265), é o que torna o espaço navegável uma construção popular, ou seja, as trajetórias escolhidas pelo usuário dão sentido às narrativas. O autor compara o usuário da internet a dois fenótipos históricos: o *flâneur* segundo Charles Baudelaire e o *dândi*, de Oscar Wilde. Como observadores anônimos, navegam através do espaço virtual, que se torna um espelho da sua subjetividade. Sua arquitetura responde pelo movimento e emoção do sujeito. O site do GTA é um perfeito ponto fluido de partida para este tipo de usuário, descompromissado, enquanto o site do WWF-Brasil pode representar para ele um ponto final, pois não oferece elos para outros ambientes virtuais.

Assim, a localização de uma informação na internet pode ser considerada um prêmio para o explorador, garimpeiro, em meio a uma estrutura complexa dos bancos de dados que, na pós-modernidade, corresponde à lógica das narrativas na modernidade. Ao invés de histórias, início e fim, seqüências, os objetos da nova mídia são coleções de itens individuais e independentes. Com as transformações estruturais do mundo pós-moderno, a realidade se apresenta como uma infinita e desestruturada coleção de textos, imagens e outros dados, o que pode ser comprovado pelas inúmeras representações sobre a Amazônia na rede de sites identificada. A narrativa se torna apenas um método, entre outros, de acessar os dados, e permite a coexistência de diferentes visões do mundo.

⁶⁰ Disponível em <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/amazonia/amazonia_acoos/consorcio_amazoniar/index.cfm>. Acesso em: 20 nov. 2006.

Outra questão pesquisada de maneira transversal às duas redes é a noção de que tipo de informação o produtor considera que pode convencer o usuário da internet a se interessar por questões ambientais. Para os entrevistados do WWF, é perceptível no momento uma valorização de estratégias que priorizem a preservação da natureza em harmonia com as populações tradicionais, fator para alguns potencializado pelo próprio movimento de globalização (que provoca a emergência da representatividade de comunidades na internet, mesmo que de maneira desorganizada, e faz surgir padrões globais de direitos humanos). Um dos entrevistados lembrou que isso já ocorre no WWF desde a sua fundação no Brasil, em 1997, quando ‘empoderou’ instituições locais, como a ONG Tamar (de preservação das tartarugas marinhas) e a SOS Mata Atlântica (para salvar o mico-leão-dourado da extinção), porém este auxílio foi para preservação da fauna, e não de populações tradicionais. Mesmo na Amazônia, onde o WWF só possui objetivos de conservação e não atua em áreas já desmatadas, o programa de manejo e certificação florestal treina caboclos para uma exploração extrativista inteligente.

Já os entrevistados do GTA e de outras instituições ambientais da Amazônia concordam que a etnoconservação está na moda, mas consideram que este discurso não capta recursos ‘lá fora’. Muitos consideraram um problema para a aprovação de projetos com recursos internacionais a valorização de culturas e líderes das comunidades tradicionais, pois muitas vezes as pessoas do local não se interessam o suficiente pela causa de preservação ambiental, não se formam lideranças espontaneamente, e esse processo do surgimento de personalidades locais com capacidade e vontade para ações de preservação, na maioria das vezes, é conseguido após um longo trabalho de conscientização local por agentes externos.

Percebe-se claramente uma variável transnacional, a ‘conservação da natureza’, sendo inserida no contexto local. E uma variável local, a ‘valorização das comunidades locais’, sendo inserida no contexto transnacional.

A retórica para convencer populações locais da conservação da natureza faz parte do trabalho não só dos técnicos, mas também da equipe de comunicação do WWF-Brasil. Segundo um entrevistado, existe um banco de dados de entidades comunitárias (associações, cooperativas etc.) da região

amazônica, utilizado de maneira personalizada, de acordo com a demanda. Por exemplo, a campanha contra a pesca ilegal no Acre. São enviados para todas as entidades do Acre, envolvidas de alguma forma com o assunto, não só boletins informativos⁶¹ sobre a campanha, mas camisetas da campanha, bonés etc., o que faz parte das estratégias de implantação de um projeto regional. Ao contrário das informações divulgadas no site, voltadas para o cidadão urbano, essas mensagens são bastante personalizadas e, quando lidas, facilitam o processo de trans-nacionalização de padrões ambientais de relacionamento com a natureza.

Isso corrobora o que Keck e Sikkink (1998) chamam de '*common frame of meaning*', a emergência de valores éticos e morais comuns, em nível internacional, para lidar com os atritos que podem surgir da diversidade cultural, por exemplo, no caso da campanha da pesca, a necessidade econômica dos ribeirinhos nas épocas em que a pesca não deve ser realizada. O WWF-Brasil, portanto, se utiliza dessas organizações internas para mediar ações, tentando sobrepor acordos de negociação entre valores internacionais e locais.

O GTA promove um processo semelhante no Programa de Agroextrativismo. Ao ajudar a selecionar 170 instituições para receberem financiamento do governo, estipula que as entidades selecionadas estejam de acordo com normas de desenvolvimento sustentável, o que podemos chamar também de padrões ambientais. O mecanismo de acesso a recurso, portanto, torna-se também um mecanismo de controle ideológico. Nesse caso, segundo um entrevistado, as instituições que não se adequam ao perfil do projeto são encaminhadas para outros tipos de ação.

Então, embora com particularidades na maneira de comunicar e produzir informação, as duas redes funcionam de maneira similar, no que diz respeito à formação de uma ideologia para o relacionamento do homem com a natureza, resultante de negociações simbólicas entre a necessidade de preservar (prioridade global) e a necessidade de desenvolvimento das populações locais.

⁶¹ Uma prática comum que presenciei, em comunidades que visitei, foi o uso desse material para acender fogões de lenha, pelos caboclos.

7. IDENTIFICAÇÃO DE REDE DE ENTIDADES AMBIENTAIS NA INTERNET SOBRE A AMAZÔNIA

Como uma das tarefas propostas para essa pesquisa, foi realizada a identificação e mapeamento de uma rede de entidades na internet, de alguma forma ligada com a Amazônia, entre organismos governamentais, associações, fundações, movimentos religiosos e indígenas, agências de notícias, ONGs e Oscips, redes, campanhas temáticas, conselhos e núcleos de pesquisa. Esse mapeamento não tem a pretensão de ser fixo ou definitivo, longe disso, porque pela dinâmica de atualização possibilitada pelas novas tecnologias, o adjetivo mais correto é fluido, pois as representações mudam constantemente. Mas, de acordo com um limite temporal, pode-se dizer que as observações e inferências apresentadas a seguir são reflexos da visita diária nos meses de julho e agosto de 2006, o que, somadas às entrevistas, certamente nos oferece noções para prever tendências de um panorama geral.

Para iniciar a exploração, partimos da página 'parceiros' do site do GTA, que possui uma lista de 189 entidades. Cada título desta relação não é um link externo para outro site, mas sim um caminho para outra página também do GTA, personalizada, que apresenta de maneira brevíssima a entidade, fornecendo dados como endereço eletrônico, virtual e contato telefônico, embora em alguns casos as informações não estejam disponibilizadas de maneira completa. Após uma primeira categorização

preliminar, baseada na ‘natureza institucional’ de cada uma, chega-se à seguinte divisão (Figura 25):

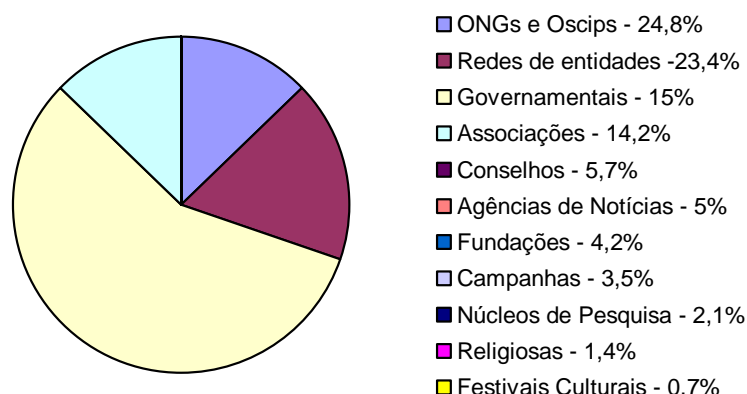


Figura 25 – Gráfico da natureza das instituições da rede.

Nota-se a predominância de instituições com estatutos padronizados⁶², como ONGs e Oscips (39 entidades), seguido de redes (37 grupos de entidades), instituições governamentais (21 órgãos diferenciados, federais, estaduais ou municipais) e 20 associações, todas localizadas na Amazônia. É preciso observar que há uma grande diferença entre a entidade possuir ‘representação’ na internet, termo que se refere a qualquer vestígio – notícia, divulgação de artigo científico, imagens, vídeos – e possuir um site institucional constituído, ou seja, com endereço próprio (login), na intenção de construir uma identidade, no que se refere às diretrizes para publicação de produção audiovisual e notícias opinativas, com declarações sobre posições ideológicas e políticas.

Isso porque, comumente, quando a entidade não possui um site institucional, o site do GTA remete o usuário a uma página com alguma notícia relacionada às suas atividades, localizadas em sites de agências de notícias, governamentais ou não, e outros sites.

⁶² Os estatutos de ONGs e Oscips, geralmente, obedecem regras exigidas pelo governo para se credenciarem como instituições executoras de serviços sociais/ambientais. Assim, entidades com presidentes vitalícios, por exemplo, são excluídas.

A lista remete também a divulgações de projetos diferentes de uma mesma entidade como, por exemplo, acontece com a ONG transnacional Amigos da Terra, responsável por alimentar o site de notícias www.amazonia.org.br. Há também nessa listagem 34 elos quebrados, ou seja, links que remetem a 'páginas não encontradas'. Portanto, entre as 189 listadas, 46 remetem a notícias em outros sites e 109 são de entidades que possuem site próprio (Figura 26), assim:

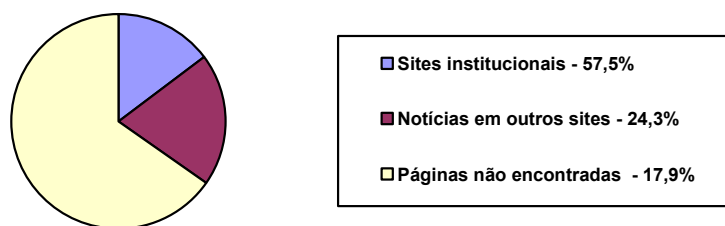


Figura 26 – Gráfico da natureza da informação institucional da rede.

As entidades que não possuem site, mas são representadas por notícias da suas ações são, em sua totalidade, instituições locais que ainda não possuem condição de ter seu próprio site. E, sobre a maioria dos parceiros que remetem 'a páginas não encontradas', no site do GTA, são fornecidos também endereços locais e eletrônicos. Mas, após as entrevistas com os produtores desse site, percebe-se que não há muita preocupação de manter essa lista atualizada, no sentido de não haver uma organização que possa administrar o funcionamento da inserção e retirada de itens da lista desta seção 'parceiros' no site do GTA.

Têm-se dois mapas. A Figura 27 corresponde à identificação de 41 entidades (transnacionais ou locais), mas com escritório na Amazônia Legal, e a Figura 28 refere-se a organizações com escritório e sede em outros locais do Brasil, mas podendo também ser pertencentes a redes transnacionais. A

montagem desse mapa se deu pela localização⁶³ do endereço nos sites visitados, através de pontos sobrepostos a um mapa⁶⁴ da região que acentua na cor rosa as regiões mais desmatadas e na cor verde as regiões mais preservadas. Com isso, é notória uma maior devastação nas regiões da Amazônia oriental (Pará, Mato Grosso, Tocantins), do que na Amazônia Ocidental (Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá).

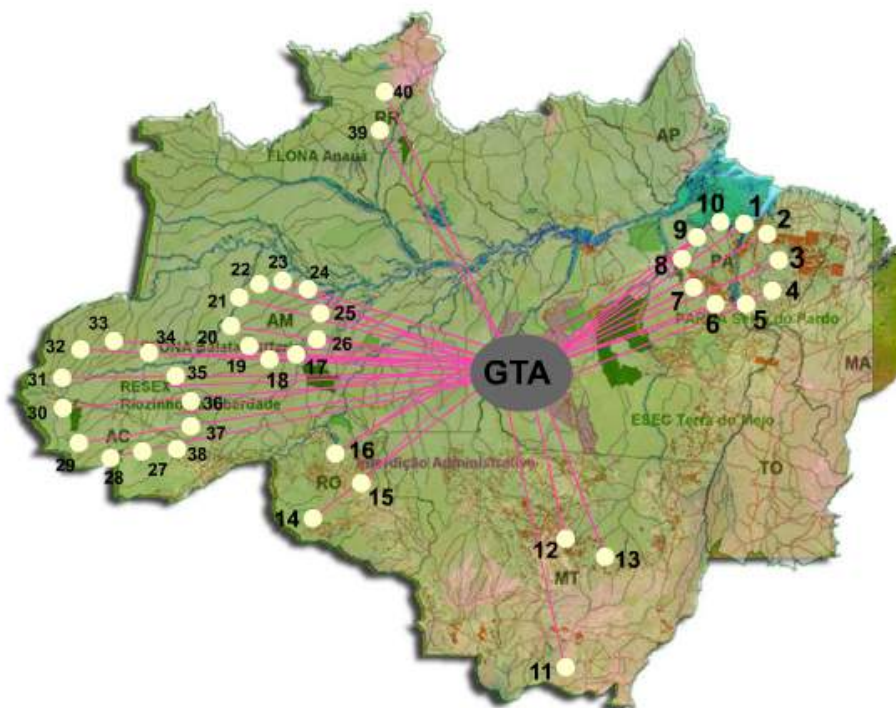


Figura 27 – Entidades ambientais identificadas na Amazônia Legal, relacionadas detalhadamente no Anexo A.

⁶³ Quando a entidade tem escritório em mais de um lugar no Brasil, deu-se preferência a divulgar os escritórios da Amazônia.

⁶⁴ Referência: Embrapa. Autores: Evaristo Eduardo de Miranda, Hugh Eva, Marcelo Guimarães, Alejandro Dorado, Alexandre Camargo Coutinho.

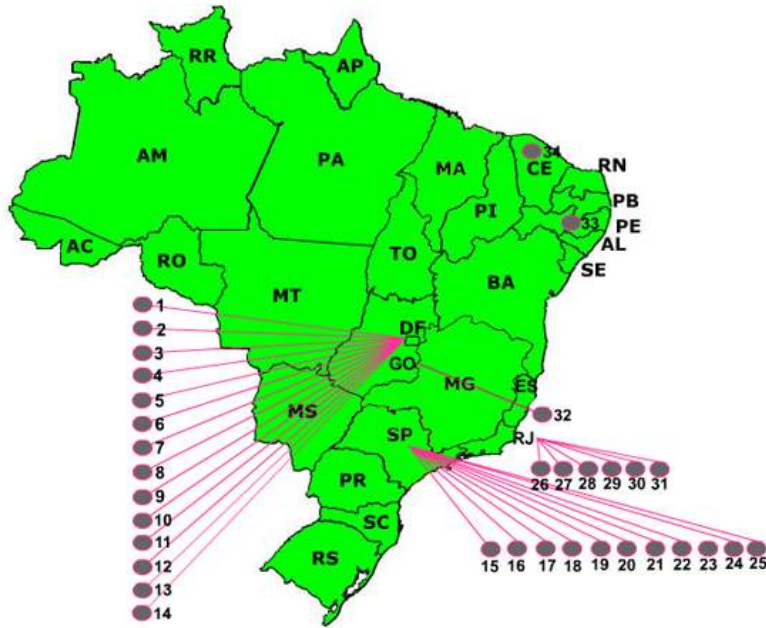


Figura 28 – Entidades da rede com sede fora da Amazônia Legal, relacionadas detalhadamente no Anexo B.

Coincidência ou não, existem muito mais ‘entidades’ ambientais nas áreas mais conservadas, índice de que o trabalho de preservação ambiental dessas entidades pode estar dando resultado, mas por outro lado pode ser o fato de não haver grandes populações no local, por isso maior procura de entidades transnacionais pela região. Já a Figura 28 demonstra que a maioria das entidades que pauta a Amazônia em suas ações possui sede em Brasília (15 entidades), seguida de São Paulo (11 entidades), Rio de Janeiro (seis), Recife (duas) e Goiânia, Recife e Fortaleza (uma em cada).

Embora qualificar quantitativamente a natureza e tipo de representação das entidades na internet seja útil para um primeiro panorama geral de mapeamento, é mais interessante interpretar esses dados tendo por base as diretrizes conceituais do projeto de pesquisa, ou seja, notar que conceitos de ambientalismo emergem da capacidade interativa trans-institucional. Por isso, a

navegação exploratória priorizou a observação dos seis seguintes dados: a) nome e natureza institucional, b) teste de navegabilidade e arquitetura da informação, iniciado pela busca de endereço local, c) mensagens contidas nas imagens, d) periodicidade das últimas publicações, e) elos para outros sites externos e f) estrutura profissional de produção do site.

Ao analisar as entidades das redes que compõem o mapa identificado, notamos que é uma prática bastante comum entre elas a reprodução de notícias umas das outras, o que causa redundância dos mesmos textos no espaço virtual. Dessa forma, as entidades podem funcionar como fontes e ou reprodutoras de informação, neste caso modificando ou não os textos originais. Um exemplo de fonte é o site da Rede de Informações para o Terceito Setor (Rits). Através de uma revista eletrônica diária, são disponibilizados conteúdos exclusivos para outras entidades, em sistema de *'copleff'*, ou seja, a reprodução é permitida desde que citada a fonte. Podem ser consideradas entidades assim, na rede estudada, as agências de notícia (Carta Maior, Notícias do Planalto, Adital e outras), entidades mais estruturadas financeiramente, como o WWF-Brasil, o Greenpeace Brasil, o Instituto Ethos, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e outras.

Nessa dinâmica de reprodução de conteúdos, percebemos que as 'entidades sociais' tentam fazer emergir no senso comum padrões que consideram essenciais para as interações da humanidade, e que podem ser considerados parâmetros globais, como a não poluição das águas, o combate ao trabalho escravo, liberdade de comunicação, a internacionalização da Amazônia etc. Isso pode ser feito de várias formas.

O Instituto Ethos, por exemplo, possui um programa de conscientização de profissionais da comunicação sobre o tema 'responsabilidade social', fornecendo banco de dados e formação em seminários e cursos. Ou seja, a entidade não quer apenas fornecer a notícia pronta sobre o tema, mas formatar os limites da compreensão do autor/jornalista para olhar e escrever sobre a questão. Outra entidade que se propõe a este trabalho de conscientização é a ONG Justiça Global, embora essa seja voltada não só para jornalistas, mas para técnicos e ativistas em geral.

As entidades que não possuem recursos ou iniciativas de produzir suas próprias notícias, muitas vezes oferecem um serviço de *clipping*, uma seleção sobre temas de interesse. Essa reprodução pode ser feita de maneira direta (um *link* externo, no qual o usuário é redirecionado para a página original da informação), como no blog Ecologia Digital, ou indireta, quando o texto é copiado da fonte e colado em uma página com design da entidade reprodutora, como é o caso do feito pelo Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). As notícias de seu boletim eletrônico diário, embora contenham no final do texto o *link* para a fonte original, são geralmente alteradas.

Outros sites, no entanto, se aproximam mais do discurso institucional, como é o caso das notícias produzidas pela CPT (não as que reproduzem, mas sim as inéditas), ou pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), este último promovendo a interação de povos indígenas de todo país. Dessa forma, cada entidade quer colocar na ‘agenda ambiental’ um tema que considera prioridade, que pode variar de ecoturismo a proteção de terras indígenas.

Segundo um entrevistado do WWF-Brasil, existe uma ‘agenda de conservação’, com uma tendência mundial de valorizar, por exemplo, o que chamam de ‘elementos bandeira’ da biodiversidade, ou seja, animais ou plantas do ecossistema do país, e deu o exemplo da campanha pela salvação do mico-leão-dourado na mata atlântica, há 10 anos atrás, quando o WWF iniciou seus trabalhos no país. Ele explica que, agora, o eixo temático de trabalho da instituição no Brasil não se prende mais a um ‘elemento bandeira’⁶⁵, ou a conservação de apenas um animal específico, e sim às estratégias de conservação de ecossistemas, principalmente na Amazônia, no sentido de aperfeiçoar ações da cadeia florestal, desde o manejo até o formular de estratégias de marketing que formem um público consumidor de produtos certificados.

Segundo esse entrevistado, após avaliações dos projetos em reservas extrativistas, na Amazônia, percebeu-se que não é suficiente apenas o engenheiro florestal passar para o caboclo (que mora na reserva) orientações técnicas sobre manejo, mas é preciso uma ação que começa no mercado,

⁶⁵ Isso, especificamente ao caso do WWF-Brasil, porque outros WWFs priorizam a conservação de um espécie específica, como o panda na China.

passa por cooperativas e organizações comunitárias, no sentido de sensibilizar para as vantagens da certificação. Ação que exige capital para ser efetivada.

Todos os entrevistados do WWF-Brasil concordam e afirmam que a entidade tem uma agenda própria de conservação, que não é pautada por outros elementos da rede transnacional. Por outro lado, é notório que isso – de não haver influência externa - não ocorre. Existe um fluxo de capital de alguns WWFs mais ricos, como Alemanha e Holanda, para outros mais pobres, como Brasil e América Central. Eles podem financiar projetos, mas querem também impor sanções de utilização do capital em grandes 'objetos de conservação', como a Amazônia. Nesse caso, segundo um entrevistado, como as instituições são feitas de pessoas, o que ocorre é um processo de convencimento mútuo entre os técnicos do Brasil e dos outros WWFs para definirem diretrizes. Mas, ele ressalta que a realidade do planeta é que ajuda a definir esses rumos. Atualmente, ela é mais baseada na catástrofe anunciada de superaquecimento e seus desdobramentos, como furacões, aumento do nível da água, disseminação de doenças etc., e menos nas questões de sobrevivência das populações locais, embora se reconheça que essas questões estão emergindo como de grande importância a nível global. Mas, este técnico reconhece que muitas vezes esses diálogos de reconhecimento não são nada fáceis, e que este é um dos desafios de uma rede transnacional que se pretende sem hierarquia, com relações de poder descentralizado.

Esses diálogos de 'convencimento' para a formação de uma agenda de estratégias faz, por exemplo, que os técnicos se esforcem para oferecer não só argumentos de planejamento anteriores à ação, mas também resultados de avaliação que legitimem a aplicação de capital. Isso acontece tanto em projetos locais (na própria Amazônia), como em estratégias de comunicação para a internet (para atingir um público global). Por exemplo, o editor de conteúdo web do WWF-Brasil justifica as mudanças do site em uma apresentação de slides, numa reunião institucional, com detalhamento das novas ferramentas e suas vantagens⁶⁶, na qual divulga os seguintes números, para legitimar suas futuras ações (e as pretéritas):

⁶⁶ São apontadas nessa apresentação de slides: melhor navegabilidade; melhor exposição em ferramentas de busca; recursos de estatísticas detalhadas; ações de ciberativismo (IR Ecológico, Agenda Energética Sustentável, Passaporte Panda); desenvolvimento de conteúdos especiais (Seção

- 81 mil visitantes únicos em outubro (60% de aumento);
- 41% de aumento na produção de notícias (12 publicadas em julho / 29 em outubro);
- 5 associados em média por dia, 75% das associações;
- 37% de economia no orçamento para Internet em 2006;
- 4.º lugar em “natureza brasileira no Google”.

Outros entrevistados de outros sites da rede identificada também possuem mecanismos de avaliação da navegação dos sites, através dos quais medem o retorno das mensagens que emitem. Eles afirmam que há momentos de pico de visitação coincidentes com fatos da atualidade, como por exemplo, a morte da missionária norte-americana Dorothy Stang, que causou um *boom* de visitas em março de 2005. Um entrevistado da CPT, por exemplo, afirma que a visitação aumenta no final do ano, próximo do lançamento anual de um censo que realizam sobre conflitos de terra, com dados sobre assentamentos. E também freqüentemente são procurados por jornalistas para saber mais detalhes sobre as matérias inéditas publicadas.

Portanto, percebe-se que os veículos dos grandes centros, em suas publicações impressas e online sobre meio ambiente e Amazônia, começam a se pautar por publicações de entidades que emergem de populações locais. Isso coincide com um fenômeno cultural urbano de emergência de culturas marginalizadas, como o Rap e o Funk das favelas, que fazem sucesso com canções populares, assimiladas e reinterpretadas pelas produções para televisão, como ‘Antônia’ e ‘Central de Periferia’, da rede Globo, este último que afirma a nova ordem com o slogan de Regina Casé: ‘periferia não é o que está por fora, mas o que está por dentro’. Se a favela é a periferia das cidades, a Amazônia e a África podem ser consideradas periferias do mundo.

Essa *glamourização* de culturas marginais é feita, como processo de tradução simbólica, com a intenção de romantizar a realidade indígena e das populações tradicionais da Amazônia, como ribeirinhos e caboclos. Isso acontece em vários sites que representam os índios de maneira lúdica, como

de imprensa, Dicas, Consulta sobre RDS); Blog da COP; Recursos como formulários, flash, vídeos, áudio, RSS/XML; Integração técnica com a Rede WWF.

nos da Associação Kanindé, da Operação Amazônia Nativa e da Amazônia Brasil, que utilizam imagens (Figura 29) de crianças indígenas:



Figura 29 – Sites de entidades que utilizam imagens de crianças.

Essa última imagem da Figura 29, do site da Amazônia Brasil, faz uma montagem da bandeira nacional com a floresta, e personaliza as cores dos idiomas disponíveis (francês, espanhol, inglês e português) de acordo com as cores das bandeiras dos países de maior predominância desses idiomas. Na televisão essa formatação ‘nostálgica’ também ocorre, como por exemplo na minissérie da rede Globo ‘Amazônia – de Galvez a Chico Mendes’, que romantiza a migração de nordestinos para o local no início do século passado. A representação de pessoas em ‘situação’ de extrativismo (Figura 30) também é recorrente na rede, como na página do programa piloto de conservação da floresta amazônica brasileira do Banco Mundial:



Figura 30 – Página do programa piloto de conservação da floresta amazônica brasileira do Banco Mundial.

Outros sites da rede, no entanto, tem uma representação majoritariamente textual, quase sem imagens, como é o caso da Associação Cris-Brasil e da Abong, enquanto outros mesclam bem a imagem e texto, como o site da Imazon. Sobre a questão dos links, com exceção do Greenpeace e do WWF-Brasil, todos os outros sites da rede possuem uma página de links para outros endereços externos, principalmente para agências financiadoras internacionais, no caso de as entidades receberem capital estrangeiro. Há também uma tendência geral de 'linkar' órgãos governamentais, como o Ministério do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e da Cultura.

Essa estratégia do WWF-Brasil e do Greenpeace pode ser considerada como um planejamento de não permitir que o usuário (que pode contribuir financeiramente) saia do ambiente virtual da instituição, já que somente as duas trabalham com esquema de filiação. Todas essas representações, no entanto, são reflexos da efervescência de discussões culturais e ambientais em que vivem as cidades da Amazônia atualmente. Rio Branco, no Acre, a cidade com maior representatividade de entidades ambientais da rede, pode ser considerada a capital mundial da conservação da Amazônia e esse movimento de conscientização tem conseguido, junto às populações, fazer emergir um senso comum sobre questões de direitos humanos e de valorização cultural local.

8. CONCLUSÕES

De um lado, as quebradeiras de coco babaçu cantam suas músicas com a Nega Giza da Central Única de Favelas, do outro, o antropólogo Otávio Velho⁶⁷ profetiza: “Não há mais grotões no Brasil”. De fato, as expressões culturais mais de ‘periferia’ são utilizadas pelo capitalismo como elementos de criação de novidades do consumo. E mais, quem está à margem deseja isso, querem ser *mediatizados*, celebrados, destacados como funcionais nas agendas culturais e ambientais, para obterem recursos para projetos.

Se houve um ápice de investimentos diretamente no terceiro setor da Amazônia nas duas últimas décadas, impulsionado pela morte de Chico Mendes, com grandes somas de dinheiro para pequenas associações ou grandes líderes, podemos afirmar que atualmente esse sistema de distribuição mudou. Cresce o número de redes para intermediar, definir diretrizes para as relações entre as entidades locais e agências internacionais que fornecem recursos, como o GTA e o WWF-Brasil, ambas beneficiadas por recursos internacionais. Hoje em dia, nota-se a tendência de redução do número de organizações capazes de avaliar, monitorar e certificar resultados de conservação esperados. Ou seja, há uma ‘seleção natural’ das melhores organizações, que se consolidam ao longo do tempo, que são mais

⁶⁷ Em citação de Hermano Viana, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1412200610.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2006.

profissionais, enquanto as menos estruturadas sentem dificuldade de se colocar. A tendência é de profissionalização do setor.

Observa-se que o desenvolvimento proposto por essas entidades, de maneira geral, prioriza a conservação da natureza, mas não somente em detrimento das populações tradicionais, e sim as considerando. Isso ocorre no caso da valorização das terras indígenas (muito citada por todos os entrevistados), consideradas unidades de conservação cultural e natural. As terras indígenas, junto com as reservas extrativistas, têm papel fundamental para impedir o desmatamento da floresta amazônica. Se os povos indígenas ficam preservados em suas tradições, isso é muito bom para conservação. Portanto, providencia-se a transformação do saber indígena, institucionalizado e disponibilizado digitalmente, acadêmico.

Se por um lado essas tradições culturais são protegidas como em uma redoma, 'reificadas', por outro são oferecidas ao cidadão urbano – que tem acesso a internet – em pacotes de informação formatada, traduzidas de acordo com uma visão às vezes muito romântica, como as viagens de exploração ao Tumucumaque e as fotos de ensaios com temas indígenas. Essa nostalgia do mito do homem e natureza selvagem, portanto, persiste e atualiza-se de acordo com as novas tecnologias, com mais glamour, porque as possibilidades de construção imagética oferecem isso com muito mais qualidade.

As entidades transnacionais, especialmente o WWF, apropriam-se de elementos culturais de cada país ou região, principalmente de imagens de espécies da fauna e flora da natureza local, com a finalidade de atualização em relação às identidades nacionais, no intuito de formar valores ambientais que definem ações políticas. Essa re-contextualização dos objetos da natureza (a representação imagética nos sites), tem seu laboratório de ponta, sua matéria prima, nas culturas locais. Por outro lado, essas culturas locais são domesticadas, através de projetos educativos de conscientização, como cartilhas impressas e eventos. Essas mensagens para o público das comunidades tradicionais são bastante personalizadas e funcionam como facilitadoras para a trans-nacionalização de padrões ambientais de relacionamento com a natureza.

Assim, o ciberativismo ambiental direcionado para o homem urbano, nos moldes ensinados pelo WWF, é alimentado pelas sensações provocadas

por imagens, composições visuais e textos, de maneira geral, para depois esse sentimento se limitar em alguma ação mais prática, que pode ser um clique para a doação, processo medido diariamente. Através da sua representação imagética na internet, o WWF consegue tornar os indivíduos isolados sua extensão, mais do que receptores, eles se sentem 'sócios', enquanto a instituição, por outro lado, também se transforma, assumindo diversas nacionalidades e seus símbolos culturais, espirituais e naturais.

Portanto, não há mais periferia, cada sujeito, independentemente do país, torna-se peça central do processo de tradução dos elementos da natureza representados na internet para a sua vida urbana. Pela navegação, ele escolhe as narrativas que lhe interessam, por algum motivo de identificação e assim determina o grau dessa relação homem x natureza.

A tradução intersemiótica das culturas locais para as representações da rede transnacional WWF na internet é uma dinâmica que envolve não somente meios técnicos (veículos de linguagem), mas também meios culturais. Cinco milhões de pessoas foram convencidas no mundo a contribuir com essa causa, moradores de cidades que têm uma visão de natureza construída como algo 'externo' da sua realidade. Esse padrão de pensamento promove o fortalecimento da imagem do urso panda como signo de valores ambientais, em ações de marketing que associam empresas à luta de preservação da natureza.

Mais detalhadamente, essa inserção de valores transnacionais no Brasil é determinada por questões econômicas. WWFs mais ricos, como Alemanha e Holanda, movimentam um fluxo de capital para o Brasil (e outros países, como na África e América Central), ao mesmo tempo que impõem a garantia de resultados de conservação. Entre os técnicos de diferentes países, dentro da mesma rede, existe uma negociação ideológica para definirem diretrizes de utilização do dinheiro. Esses rumos, atualmente, estão mais justificados na realidade de superaquecimento da terra e menos nas questões de desenvolvimento das populações, embora a questão étnica esteja emergindo na agenda ambiental.

A formação de uma agenda faz com que os técnicos, no Brasil, apresentem resultados para as entidades financiadoras, para obterem créditos em futuros planejamentos. Mas se, por um lado, a entidade nacional precisa

negociar e convencer o parceiro internacional, por outro, o investidor das agências financiadoras internacionais tem a necessidade de mapear as instituições e florestas da Amazônia. Ou seja, não é somente um favor para a conservação das culturas tradicionais, mas sim uma maneira de domesticar, de as agências estrangeiras se informarem sobre o que está acontecendo nestes locais, de pessoas pobres, com seus pequenos problemas, sem desenvolvimento. Isso porque há uma tragédia anunciada. A situação climática da terra, de superaquecimento, é um fato. Para ambos, isso é um dos desafios das relações de poder descentralizado.

Após essas negociações internas da rede, é necessário identificar e construir a informação que pode convencer o usuário da internet a se interessar por questões ambientais. Emerge, no momento, a valorização da preservação da natureza em harmonia com as populações tradicionais, fator potencializado pela mundialização cultural (que provoca a emergência da representatividade de comunidades na internet, mesmo que de maneira desorganizada, e faz surgir padrões globais de direitos humanos). A etnoconservação está na moda. Após a educação ambiental executada por várias organizações externas na Amazônia, nas últimas duas décadas, surgem mais lideranças para ações de preservação, em localidades consideradas como 'periferia', ou 'interior', que bombardeiam os centros urbanos de manifestações ideológicas. Há a emergência de culturas marginalizadas, assimiladas e reinterpretadas por regras de comunicação profissional, que resultam em uma nova ordem mundial, muito distante da antiga divisão entre primeiro e terceiro mundo. Nas publicações impressas e online sobre meio ambiente e Amazônia transparece o fato de que há uma variável transnacional, a 'conservação da natureza', sendo inserida no contexto local. E uma variável local, a 'valorização das comunidades locais', sendo inserida no contexto transnacional.

Simultaneamente, a mídia dos grandes centros se pauta por publicações de entidades que emergem de populações locais, que por sua vez se pautam nas próprias pessoas e ecossistemas locais. (Mais dois exemplos de traduções intersemióticas). E o tema principal é o modelo do consumo descontrolado, do cidadão urbano, orientado por esses padrões ambientais

globais a rever regras de consumo, de qualidade de vida e perpetuação da espécie.

Quanto ao produtor de informação ambiental das próprias entidades aqui analisadas, existe uma grande diferença entre aquele especializado, das redes transnacionais, mais estruturadas, e o das entidades domésticas, o 'especialista em generalidades'. Mas ambos têm em comum a coincidência ideológica com a instituição que trabalha, com a diferença que o funcionário do WWF é formatado por sua instituição, enquanto o do GTA formata a rede de acordo com suas ideologias pessoais.

Isso possibilita que o site do GTA (embora de difícil navegação), reflita uma certa fluidez comunicativa mesmo em dificuldade econômica. As confusões cognitivas provocadas por fronteiras mal definidas entre as seções do site do GTA, resultantes de uma grande oferta de links, demonstram a necessidade urgente de um serviço de consultoria em web, mas também são índices da não prioridade dessas demandas entre os membros da organização interna da rede.

As conexões externas que partem do site do GTA oferecem múltiplos caminhos de saída para outros sites institucionais, estratégia que pode favorecer a democratização da informação, mas que pode também confundir o usuário. Por ser um site basicamente textual, que utiliza pouquíssimas imagens, necessita de muito mais do que sensações para poder ser compreendido, o que nos faz concluir que é dirigido muito mais para as pessoas que pertencem a outras instituições ambientais da rede do que ao cidadão urbano definido pelo WWF como público alvo. Esse público mais especializado do GTA é atingido, embora de maneira não muito planejada, um pouco intuitiva, mas satisfatória. As trocas simbólicas entre as entidades acontecem, com a fundamental presença mediadora do editor do site.

São negociações simbólicas muito ricas, pois o GTA não é apenas um reprodutor de dados provenientes de outras fontes. Ele interage com as informações que publica, em atos intencionais de manipulação. Embora seu site apresente falhas de inadequação à linguagem da internet, de certa forma consegue catalisar os processos de democratização da informação para a deliberação de políticas públicas na Amazônia. De maneira um pouco desordenada, aponta para o crescimento da participação dos povos

tradicionais no planejamento de projetos direcionados para a ocupação desse território.

A prática de reprodução e tradução de informações ambientais na rede de entidades identificadas é bastante comum. A publicação de notícias umas das outras causa redundância do tema no espaço virtual (assim como acontece com milhares de outras temáticas veiculadas na internet). Dessa forma, as entidades podem funcionar como fontes e ou reprodutoras de informação, estas últimas que modificam ou não os textos originais. As 'entidades sociais', nessa dinâmica de reprodução de conteúdos, fazem emergir no senso comum parâmetros que consideram essenciais para as interações da humanidade, regras globais, como o combate ao trabalho escravo, a não poluição das águas, a liberdade de comunicação etc.

Então, embora com particularidades na maneira de comunicar e produzir informação, as duas redes funcionam de maneira similar, no que diz respeito à formação de uma ideologia para o relacionamento do homem com a natureza, resultante de negociações simbólicas entre a necessidade de preservar (prioridade global) e a necessidade de desenvolvimento das populações locais.

Dessa forma, concluímos que não há um padrão de ambientalismo transnacional definido, finalizado no tempo e espaço. Cada etnia expressa sua própria relação com a natureza de maneira distinta, de acordo com fatores de sua formação cultural, que são elementos de peso na formação da cultura global. Mas esse processo, embora constitua uma evolução natural de trocas cognitivas entre culturas diferentes, na Amazônia, pode ser considerado uma forma de reificação da floresta, traduzida e interpretada de acordo com sua importância para o cidadão urbano.

REFERÊNCIAS

ALTHEIDE, D.L.; SNOW, R.P. **Media worlds in the postjournalism era**. New York: Aldine de Gruyter, 1991.

ARRUDA, R. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. In: DIEGUES, A.C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização, as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, B.K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BLACK, J.A.; CHAMPION, D.J. **Methods and issues in social research**. University of Tennessee, 1976.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BULIK, L. **Doutrinas da informação: no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1990.

BURKE, S. **The death and return of the author: criticism and subjectivity in Barthes, Foucault, and Derrida.** Edinburgh: Edinburgh University, 1998. Disponível em: <<http://209.85.165.104/search?q=cache:uAv0xfxEbSsJ:www.personal.psu.edu/mat1/comm501final.pdf+BURKE+1998+%22barthes%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2>>. Acesso em: 3 set. 2006.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 11, n, 5, 1991.

COELHO NETTO, J.T. **Semiótica, informação e comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

COSTA, L. **Redes, uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização.** WWF-Brasil, 2003.

DIEGUES, AC. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A.C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Hucitec: 2000. p. 1-46.

ECO, H. **Tratado geral de semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

GARCIA, D.; LOVINK, G. **ABC da mídia táctica.** Disponível em: <www.multitudes.net>. Acesso em; 12 dez. 2003.

GOMES, E.A.A. **O processo histórico de formação da periferia urbana de Rio Branco-Acre a partir da década de 1970.** 1977. Monografia (Graduação em Economia) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC.

HABERMAS, J. **Três modelos normativos de democracia.** São Paulo: Lua Nova, 1995. (Cedec, 36).

HARTSHORNE, C.; WEISS, P. (Eds.). **The collected papers of Charles Sanders Peirce.** Intelix. CD-ROM (v. 1-6, 1 licença).

JOHNSTON, H. Verification and proof in frame and discourse analysis. In: KLANDERMANS, B.; STRAGGENBORG, S. (Eds.). **Methods of social movements research**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2002. p. 62-91.

JOHNSON, S. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KECK, M.E.; SIKKINK, K. **Activists beyond borders**: advocacy networks in international politics. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

KLANDERMANS, B.; STRAGGENBORG, S. (Eds.). **Methods of social movements research**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2002.

KOOPMANS, R.; RUCHT, D. Protest event analysis. In: KLANDERMANS, B.; STRAGGENBORG, S. (Eds.). **Methods of social movements research**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2002.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas, SP: Papirus, 2002, 2ª edição.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MANOVICH, L. **The language of the new media**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001.

MEIRELLES FILHO, J. **O livro de ouro da Amazônia**: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

NOTH, W.; SANTAELLA, L. **Imagem**: cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

PEIRCE, C.S. **The collected papers**. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

PEIRCE, C.S. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

PINHO, J.B. **Jornalismo na internet**: planejamento e produção da informação online. São Paulo: Summus, 2003.

ROSA, J.G. **Tutaméia**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

SANTAELLA, L. **A assinatura das coisas**: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. Completar, 2001.

VIRILIO P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

WOLTON, D. **Internet et après**: une theorie critique dès nouveaux médias. Paris: Flammarion, 1999.

ANEXOS

ANEXO A

RELAÇÃO DAS ENTIDADES DA REDE IDENTIFICADAS NA AMAZÔNIA LEGAL, DIVIDIDAS POR ESTADOS

Pará

1. FASE
2. IMAZON
3. REDE NORTE
4. IPAM
5. ADA
6. INSTITUTO PEABIRU
7. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
8. FÓRUM DA AMAZÔNIA ORIENTAL
9. PROJETO SAÚDE E ALEGRIA
10. ARGONAUTAS

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

11. COALISÃO RIOS VIVOS
12. OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA
13. FÓRUM MATOGROSSENSE DE DESENVOLVIMENTO

Rondônia

14. INSTITUTO BIO-FLORESTAL
15. FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL DA AMAZÔNIA
16. CAMPANHA RIO MADEIRA VIVO

Amazonas

17. INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL
18. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ
19. ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO (ASSEMA)
20. COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (COIAB)
21. ASSOCIAÇÃO SILVES DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL (ASPAC)
22. FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA (FVA)
23. GREENPEACE
24. CENTRO DE MEDICINA DA FLORESTA
25. OFICINA ESCOLA DE LUTHERIA DA AMAZÔNIA
26. FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO MESORREGIONAL DO ALTO SOLIMÕES

Acre

27. FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS DO ACRE (FETACRE)
28. CENTRO DE TRABALHADORES DO ACRE (CTA)
29. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO
30. KANINDÉ (ASSOCIAÇÃO DE DEFESA ETNOAMBIENTAL)
31. CAMPANHA CONTRA A BIOPIRATARIA
32. SOS AMAZÔNIA
33. COMITÊ CHICO MENDES
34. PESACRE (GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS DO ACRE)
35. WWF-BRASIL
36. REDE ACREANA DE MULHERES E HOMENS
37. AMAZONLINK

38. CENTRO ECLÉTICO FLOR DO LÓTUS ILUMINADO

Roraima

39. CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

40. COMISSÃO PRÓ-YANOMAMI

ANEXO B

RELAÇÃO DAS ENTIDADES DA REDE IDENTIFICADAS NO BRASIL (PODENDO SER TRANSNACIONAIS), DE ACORDO COM AS CIDADES EM QUE ESTÃO LOCALIZADAS

Brasília-DF

1. FUNDAÇÃO CENTRO BRASILEIRO DE REFERÊNCIA E APOIO CULTURAL
2. CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA (CTI)
3. CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS
4. CONSELHO BRASILEIRO DE MANEJO FLORESTAL (FSC BRASIL)
5. REDE BRASIL
6. FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL
7. FÓRUM BRASILEIRO DE ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS
8. MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS
9. MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (MCT)
10. MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
11. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
13. PROJETO PROTEGER – de Alternativas ao Desmatamento da Rede GTA
14. REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL

São Paulo-SP

15. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS
16. AMIGOS DA TERRA
17. CARTA MAIOR
18. COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO
19. ETHOS
20. EXPEDIÇÃO VAGA-LUME
21. FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
22. FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT
23. INTER-REDES
24. MERCADO FLORESTA
25. SEBRAE

Rio de Janeiro-RJ

26. ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
27. FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE
28. PLATAFORMA DE VOLUNTARIADO EM DIREITOS HUMANOS, ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS DAS NAÇÕES UNIDAS (DHESC)
29. REDE BRASILEIRA DE INTEGRAÇÃO DOS POVOS (REBRIP)
30. REDES DE INFORMAÇÃO DO TERCEIRO SETOR (RITS)
31. REDE DE JUSTIÇA AMBIENTAL

Goiânia-GO

32. COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)

Recife-PE

33. SERVIÇO INTERNACIONAL (IS)

Fortaleza-CE

36. AGÊNCIA FREI TITO DE INFORMAÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA (ADITAL)

ANEXO C

O CASO CEFLI

A 'entidade ambiental' Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado (Cefli) foi escolhida entre os parceiros do GTA para uma pesquisa de campo por reunir um grupo que possui grande material simbólico publicado em um site institucional, e também por realizar anualmente em janeiro um encontro cultural e religioso que atrai pessoas de várias partes do mundo, no qual pôde ser percebida a interação entre várias nacionalidades.

Outro fator considerado na escolha dessa comunidade foi a presença de uma forte liderança local, o que inclusive está exposto no título do login (www.luizmendes.org), característica que denota explicitamente a intenção de construir uma identidade em torno da pessoa, chamado pelos membros de 'mestre conselheiro', que é o chefe de uma comunidade virtual e irmandade religiosa transnacional, pois possui núcleos conectados em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, França e Canadá. Ao mesmo tempo em que desenvolve projetos ambientais locais, este grupo publica na internet material audiovisual e notícias opinativas, com declarações sobre posições ideológicas, espirituais e políticas.

O Cefli se situa na comunidade Fortaleza, município de Capixaba, no Acre⁶⁸, localizado a 100 km de Rio Branco, na divisa com a Bolívia (local denominado Regional do Baixo Acre). Sua atuação nesta localidade é um exemplo típico de como padrões de conservação ambiental transnacionais são inseridos, e vice-versa. O que se chama 'Fortaleza', atualmente é um conjunto de quatro colônias, que medem entre 60 e 90 hectares cada uma, de

⁶⁸ O Estado do Acre está situado no extremo sudoeste da Amazônia brasileira, com superfície territorial de 153.149,9 km², correspondendo a 3,9% da área amazônica. Está dividido em cinco regionais político-administrativas (Alto e Baixo Acre, Purus, Juruá e Tarauacá/Envira), tendo atualmente 22 municípios.

propriedade do líder e três de seus filhos, que foram beneficiários de um programa de reforma agrária do INCRA.

Esse programa, denominado Projeto de Assentamento (PA São Gabriel), é uma política pública com o objetivo de levar o caboclo de volta para o campo, pois há uma grande evasão populacional dessas pessoas para a cidade de Rio Branco, desde o início do século passado. Criado através de decreto em 20 de dezembro de 1993, o PA São Gabriel situa-se à margem da BR317 (estrada para Brasília, na fronteira com Cobija, na Bolívia), e ocupa uma área de 8.869 hectares. Foi palco de vários conflitos entre posseiros e proprietários e, desse processo de disputa política, teve parte da área disputada destinada à Reforma Agrária. Hoje existem 163 lotes de terra, com tamanhos que variam de 20 a pouco mais de 80 hectares, sendo a disposição dos lotes condicionada à infra-estrutura interna dos ramais. A população estimada é de 640 pessoas e a maioria (67%) tem até 30 anos de idade, sendo que deste total 47% têm até 15 anos. Esses aspectos são de suma importância para avaliarmos, na seqüência, o quanto é importante o trabalho do CEFLI para reverter o quadro de exclusão e abandono da zona rural.

Um fator negativo é o desmatamento para a agropecuária e exploração madeireira, que não só é incentivado pelo INCRA, mas inclusive é imposto como condição para posse das colônias. A maioria dos beneficiários são pessoas pobres da cidade de Rio Branco e, por isso, não possuíam recursos para investimento na área, nem mesmo para a exploração da madeira, por isso muitos lotes já foram vendidos, de forma ilícita, pois que os 'proprietários' nem bem chegaram a receber os títulos definitivos e já fizeram um contrato formal para transferirem a posse.

No campo da saúde, a única atuação do poder público no PA São Gabriel é através de duas Agentes Comunitárias (uma delas nora do líder do CEFLI), que não conseguem atender a toda a comunidade. Cabe às agentes orientarem a população sobre tratamento da água, prevenção de doenças parasitárias, DST etc., sendo que este serviço é prestado a pé ou de bicicleta, pois não há recursos para transporte. As condições sanitárias melhoraram nos últimos dois anos, após a instalação parcial do PSF (Programa de Saúde da Família), que apesar de contar apenas com as duas agentes, conseguiu implementar cerca de 70% de sanitários nos domicílios. Esses sanitários são

bastante rústicos, mas evita uma maior contaminação da população por doenças parasitárias.

Atualmente existem três escolas no PA, sendo uma de ensino infantil e duas de ensino fundamental, uma para alunos dentro da faixa etária e outra de Educação de Jovens e Adultos. O índice de evasão é bastante alto, principalmente nas épocas de plantio e colheita das culturas típicas locais.

Segundo um entrevistado 'caboclo' que colocou sua terra à venda, ele está há 10 anos morando no local, mas nunca conseguiu caminhar dentro da sua propriedade, pois tem medo dos animais (onça, cobra) e não tem recursos para abrir trilhas seguras. Como demonstrativo de sua concepção de preservação da natureza, esse nativo, de 47 anos, desmatou na sua colônia apenas em volta dos mananciais, segundo ele, para ter mais sol para secar as roupas (somente dele) que lava no igarapé, justamente onde não deveria ser desmatado de forma alguma, para proteção do curso d'água.

Se para este morador, inicialmente, a terra significava um retorno às suas origens, no momento significa a esperança de conseguir um dinheiro para comprar um veículo e se mudar para a cidade, com sua namorada de lá (que não quer de jeito nenhum se mudar para a colônia). Com isso, muitos fazendeiros latifundiários da região compraram por preço irrisório lotes no assentamento, e exploram a área dessa forma, sem fiscalização. Não obstante a intervenção do INCRA, segundo Gomes (1997, p. 49), que emite documentos comprobatórios da posse, com cláusulas determinantes de que as terras devolutas pertencem a União, os grupos empresariais do Centro-Sul não tiveram grandes barreiras contra a aquisição de terras na região acreana, transformando os seringais em grandes latifúndios.

Na contramão dessa exploração desordenada, está o movimento ambiental da Fortaleza, dirigida pelo professor aposentado Luiz Mendes, acreano filho de cearenses que migraram para a região no início do século passado. Destacado líder do Santo Daime, doutrina que faz uso ritualístico da ayahuasca⁶⁹, guia sua comunidade na utilização desta e de outras práticas xamânicas, como o uso de rapés, óleos e lambedor⁷⁰, e facilita também a

⁶⁹ Ayahuasca, vinho das almas, yagé, chá do cipó, são várias as referências à bebida composta das plantas *B. caapis* e *P. viridi*, originais da Amazônia, muito utilizada em rituais de cura xamânica e expansão da consciência.

⁷⁰ Xarope feito de mel e cascas de árvores da Amazônia.

aplicação de medicinas indígenas exclusivas da Amazônia, como o Kambô⁷¹. Pela aproximação com essas práticas, o líder resolveu se desligar da vida urbana de Rio Branco em 1993 e buscar a floresta, o que foi realizado com muita dificuldade, pois no local sempre há ocorrência de malária, hepatite, problemas de transporte e somente no ano de 2006 a energia elétrica foi instalada.

Esse movimento migratório inverso ao que ocorre atualmente na região, da cidade para a floresta, foi seguido por vários adeptos da doutrina. As famílias mais organizadas fundaram a Escola Estrela do Cruzeiro, de educação infantil até a quarta série. Anteriormente empregados em Rio Branco, alguns conseguiram transferir seus contratos de funcionários e professores do Estado para atuarem em Capixaba, fixando-se na área e trabalhando nos serviços de saúde e educação local, em busca de resgatar as tradições culturais do seringueiro – o caboclo – do qual a doutrina do Santo Daime é uma manifestação cultural e religiosa (LABATE; OLIVEIRA, 2004; MACRAE, 1992).

Assim, foi fundado em 1996 o Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado - CEFLI, que agrega moradores do local e também de outras regiões do Brasil, em torno de uma filosofia de vida espiritual cristã de valorização da preservação da natureza, que se consolida através de um encontro anual, realizado desde 2000, chamado “Encontro para o Novo Horizonte”. Nesse evento, durante 10 dias, são realizados festejos culturais e medicinais, e percebe-se que muitos hinos cantados falam da necessidade de proteção das florestas, como este: “contemplando a natureza e vendo toda sua forma, natureza ela é viva, se agredida ela chora”⁷².

O site da entidade funciona desde 2005, mas passou por uma mudança de design em 2006 (Figuras 31 e 32). Feito inicialmente por voluntários de Minas Gerais e São Paulo, com a ajuda de produção de imagens e vídeos de outros colaboradores, percebe-se que o principal assunto é o encontro, representado cronologicamente, ano a ano. Segundo os produtores, os vídeos sobre a floresta e os rituais, publicados no Youtube⁷³, mas adaptados

⁷¹ Vacina natural extraída de uma rã, hábito medicinal dos índios Katukina, do vale do Juruá-Amazonas e difundida no Acre.

⁷² Nos rituais daimistas, são cantados e bailados hinos. Este citado corresponde ao n.º 30 do hinário ‘Novo Horizonte’. Disponível em: <<http://www.luizmendes.org/hinarios.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2007.

⁷³ Site no qual qualquer pessoa pode publicar vídeos, em <<http://www.youtube.com>>.

ao design do site, alcançaram mais de 25 mil visitas, o que faz desta seção a mais visitada e geradora de mensagens diárias com comentários dos usuários.



Figura 31 – Alterações do design do site do CEFLI.

Mestre Conselheiro Luiz Mendes

Santo Daime - Comunidade Fortaleza
Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado - CEFLI

quem é Luiz Mendes
hinários
links
fotos e vídeos
amigos da Fortaleza

[veja a programação do Encontro para o Novo Horizonte de 2007](#)

Figura 32 – Alterações do design do site do CEFLI.

O design da página inicial de ambas as versões valorizam a projeção do líder da comunidade. Em destaque no cabeçalho da versão atual, sua imagem consta em todas as páginas do site. Além desta imagem, são utilizadas outras nas páginas iniciais, como o *looping* de fotos de paisagens e de pessoas em festejos religiosos.

Mas a arquitetura da informação continua basicamente a mesma. As outras seções do site são: 'quem é Luiz Mendes' (biografia em português, inglês e francês); 'hinários' (publicação, em PDF, dos cadernos dos hinos cantados nos festejos); 'links' (com indicação de sites e livros comentados, acerca do uso ritualístico da ayahuasca); 'fotos e vídeos' (dispostos por assuntos – por exemplo, viagens 'gravação de CD' – e organizados pela ordem cronológica do evento) e 'amigos da Fortaleza', na qual consta uma lista das instituições conectadas com o CEFLI, podendo ser autônomas ou não, e textos sobre os projetos de preservação da natureza.

Há também uma página específica sobre o encontro⁷⁴, em três idiomas, que divulga a programação religiosa, custos de hospedagem, contatos telefônicos e outras programações paralelas, como feitiço do chá, teatro, forró e trabalhos comunitários. Como as pessoas que vêm da cidade não tem costume com as atividades diárias dos caboclos (como cozinhar e lavar roupa no barranco dos igarapés, para as mulheres, e capinar e ajudar na construção de casas rústicas etc.), isso se torna uma atividade exótica e de entretenimento. Segundo uma entrevistada francesa, empregada de uma agência de turismo, 'lavar roupas' na Fortaleza é um prazer, enquanto seu marido carrega toras de madeira para a construção de um espaço de educação ambiental para as crianças. Outras narrações do cotidiano do evento podem ser conferidas nessa seção 'encontro', em dois depoimentos de pessoas dos Estados Unidos.

Nesses encontros, percebe-se, por parte dos visitantes, um interesse em compartilhar dos problemas da realidade local, que são muitos. Segundo um entrevistado, esse interesse começou em 2005, quando foram realizadas reuniões entre pessoas nativas e de fora, para definição das principais demandas sociais. Nesse primeiro contato, foram identificados graves problemas: desemprego, falta de informação geral, desvios de comportamento sexual e gravidez na adolescência, violência e falta de oportunidades de aprendizado técnico em harmonia com a preservação ambiental.

Essas reuniões continuam durante o ano, embora somente com a presença de nativos e pessoas de Rio Branco. O processo é acompanhado por uma moderadora da capital, cedida pelo governo estadual, no papel de sistematizar os processos de discussão e encaminhamentos, e organizar as propostas, em encontros na própria comunidade (em Capixaba) e também em Rio Branco. Um dos principais resultados dessas reuniões foi a implementação do parque 'Encantos da Floresta', uma iniciativa da própria comunidade - que faz sua parte na preservação, pois a floresta representa a manutenção de seus costumes e sua religião, sendo tirada dela o cipó *Banisteriops Caapis* e a folha *Psycotria Viridis*, plantas utilizadas no preparo da bebida sagrada da doutrina do Santo Daime, as quais, como forte bactericida e antibiótico natural,

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.luizmendes.org/encontro.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

se constituem a principal fonte de cura, aliadas a ervas medicinais empregadas de maneira natural.

Inicialmente, foram formuladas propostas de trabalho junto à comunidade do Assentamento, de educação social e ambiental para jovens. Mas, após algumas experiências fracassadas em 2005 e 2006, o objetivo das propostas mudou. Isso porque, percebe-se claramente, há um forte contraste cultural, dentro do próprio assentamento, entre os 'daimistas' (usuários do chá) e os outros moradores.

A primeira diferença marcante é a forma de utilização da floresta. A comunidade desenvolve pequena produção agrícola familiar, baseada num sistema próximo do conceito de *agroecologia*, com o mínimo de impacto ambiental, sem a utilização do fogo, que é instrumento comum na região para preparação de áreas para o cultivo⁷⁵. Já os outros moradores utilizam indiscriminadamente o fogo, desmatam em torno de cursos d'água e a própria valorização da terra está condicionada ao quanto ela está 'limpa', ou seja, mais desmatada, mais cara no mercado de compra e venda.

Além desse fator econômico, há outros culturais que impedem um relacionamento amistoso, como a caça ilegal. Como as colônias da Fortaleza são as únicas praticamente intocadas, os animais fogem para lá, e os caçadores entram ilegalmente para caçá-los, o que já foi motivo de denúncias no Ibama, segundo um comunitário, e de brigas entre vizinhos. Outra diferença é o uso da cachaça, que não é permitido na Fortaleza, mas é largamente utilizado pelos moradores locais. Há também questões de conflito religioso, porque os daimistas são considerados por outros moradores (principalmente os evangélicos), como feiticeiros da floresta, que fazem usos de práticas até então esquecidas. O atual prefeito de Capixaba, por exemplo, é de uma religião protestante e, segundo um morador, persegue o Cefli, não atendendo solicitações para manter os acessos dos ramais em condições de uso, o que obriga a comunidade a se mobilizar em mutirões de manutenção da estrada. Segundo os entrevistados, é mais comum o Cefli receber apoio estadual do que municipal, como por exemplo, o governo fez no último encontro o

⁷⁵ Está em experimentação também a reativação da atividade extrativista com a produção de látex em pequena escala e coleta de castanha do Brasil.

empréstimo de quatro lonas de circo para abrigar as barracas de camping dos turistas.

O Cefli organizou também uma 'brigada de incêndio', para ajudar a apagar o fogo acidental de vizinhos que pedem socorro e também para ajudar a proteger sua floresta, pois na época da seca há um grande risco de incêndio. Como essas propriedades ficam na fronteira com a Bolívia, e nessa região não há ocupação dos bolivianos, a brigada se preocupa também em preservar as terras do outro lado do rio Chipamano, estrangeiras, mas mesmo assim não conseguiram evitar um grande incêndio no ano de 2006, que queimou no país vizinho uma área similar ao PA São Gabriel. Embora haja uma interação social inevitável no assentamento, percebe-se que os moradores da Fortaleza são vistos como 'muito diferentes', isso de maneira negativa, o que torna difícil a comunicação e gera conflitos.

Por isso, segundo o líder da comunidade, por todos esses motivos que dificultam a preservação em parceria com as populações locais, associado ao fato de que os fazendeiros estão a cada dia derrubando mais a floresta, no encontro de 2007 as estratégias de ação foram alteradas de acordo com uma visão de preservação total das matas. Em reuniões nas quais o assunto foi amplamente exposto pelos comunitários para os visitantes, foi defendida a lógica de que, se os fazendeiros podem comprar terras ilegalmente dos beneficiários da reforma agrária, sem a fiscalização do Incra, para desmatar, eles também podem comprar terras ilegalmente, para preservar. Essa ação foi estimulada, com a vantagem de que as colônias ainda 'intocadas' são bem mais baratas do que as desmatadas.

Essa proposta foi muito bem aceita entre os visitantes e, após algumas negociações, de acordo com as possibilidades de compra de cada um, chegou-se à conclusão de que seria possível comprar mais quatro colônias, todas com divisa com as quatro que formam a Fortaleza, para duplicar a área preservada e criar um corredor de biodiversidade. Uma foi comprada por um aposentado que pretende se mudar para o local com a família. Outra foi comprada por um professor universitário da Bahia que não deseja se mudar nunca para a região, mas apenas visitar anualmente, por interesse de satisfação pessoal (ele afirma que isso o faz pensar que ajuda na salvação do planeta) e interesse antropológico. A terceira foi comprada por um grupo 'transnacional': duas

brasileiras (uma delas que mora na Alemanha), um francês e um americano. E a quarta está em processo de compra através de um consórcio de 18 pessoas, tanto da capital Rio Branco, como de outras partes do Brasil, que podem dispor de menos de R\$5mil cada um, mas que têm interesse de criar uma eco-vila no local, com estrutura para funcionamento nas férias.

Questionados os visitantes sobre o uso sustentável das terras adquiridas, todos afirmaram que não há intenção de explorar comercialmente o manejo, pois já têm outras fontes de renda em suas cidades de origem. O objetivo da compra é simplesmente de preservação, turismo e pesquisa, motivada por uma série de afinidades sociais. Inclusive os moradores da Fortaleza, devido a suas atividades diárias, não teriam condições de explorar o extrativismo de toda essa área, pois a própria conservação já exige muito trabalho, como manter as trilhas limpas, afastar o fogo e vigiar contra os caçadores.

Outro assunto tratado nas reuniões foi o funcionamento do site. O principal desafio do site, segundo os produtores iniciais, é coincidir o que publicam com a realidade do pensamento das pessoas da Fortaleza, pela dificuldade de comunicação durante o ano. Os produtores cobraram mais participação de todos e algumas tarefas foram distribuídas para o ano de 2007, como o destaque de pessoas responsáveis para atualizar as seções. Ficou definido também que haverá uma separação entre conteúdos institucionais formais fixos, como histórico da entidade, dos líderes e da religião, hinários para impressão e arquivos de música, e os conteúdos móveis, como imagens e vídeos, atualizados sempre. Para isso, será criado em março de 2007 um fórum para a publicação de imagens por qualquer pessoa que for cadastrada à lista virtual de discussão já existente. Os moradores da Fortaleza, que não têm costume de acessar a internet, por sua vez, se comprometeram a enviar uma mensagem mensal do dirigente para ser publicada e de conferir as mensagens da lista pelo menos semanalmente.

Outro fator importante de agregação dessa comunidade virtual, dispersa geograficamente, mas unida por laços de afinidade, são as viagens realizadas pelo líder, acompanhado de comitiva para a realização dos trabalhos espirituais (geralmente cantores e músicos da própria família). Essas viagens são solicitadas e pagas pelos integrantes dos grupos externos e cumprem a

função de mostrar a realidade dos 'caboclos' para os membros da doutrina que ainda não conhecem a Amazônia. Nessas oportunidades, além da vivência que estimula o conhecimento sobre a realidade da floresta, são feitas entrevistas e coleta de dados históricos, que depois de editados resultam em material de divulgação distribuído na rede, como alimento ideológico para a comunidade virtual. É uma possibilidade também de a família conseguir recursos para o desenvolvimento da região, através de doações de pessoas que se sensibilizam com sua situação. Apesar da existência dessas doações, que não são contabilizadas, mas utilizadas 'conforme as necessidades', como na compra de motores, quando ainda não havia chegado a luz, percebe-se que a vida da família do dirigente é muito simples, não possuem nem carro (um dos filhos têm uma moto) para se locomoverem.

Foi definido também que o site precisa, mais efetivamente, publicar manifestos em favor da preservação da floresta. Por isso, será publicado um texto⁷⁶ que denuncia a situação de desmatamento do assentamento, e o mesmo será enviado para o governo e para redes de ativismo ambiental transnacional. Essa estratégia foi inclusive colocada como uma forma de protesto, em proteção ao ato ilícito da compra de terras (pois os beneficiários originais da reforma agrária não podem vendê-las). Segundo percebe-se nas reuniões, não é intenção das pessoas serem contra uma lei federal, que determina regras para a ocupação das terras amazônicas, mas não há outra forma de preservar a floresta, neste momento.

O exemplo do que ocorre por intervenção dessa comunidade virtual em uma área local ilustra, portanto, a dinâmica de negociações simbólicas anunciada nessa dissertação, entre culturas locais e globais, unidas em torno da criação de objetos de conservação. Se a comunidade da Fortaleza considera como prioridade uma ação 'urgente' de conservação, por estar relacionada à preservação de costumes medicinais e religiosos, isso ocorre também como um 'retorno', pois o próprio líder veio da área urbana. No entanto, não é o comportamento normal da maioria dos 'caboclos', pelo contrário, é uma exceção. A denúncia dos próprios moradores da Fortaleza da dificuldade de conscientizar seus vizinhos sobre a necessidade de não

⁷⁶ Como essas reuniões aconteceram em janeiro de 2007, foi definido um prazo até março para as pessoas cumprirem com as tarefas a que se propuseram.

desmatar fortalece a idéia generalizada da dificuldade de se lidar com populações locais, que ainda não têm conscientização do uso racional das florestas. Aponta como estratégia mais fácil (e mais urgente) a compra e colônias apenas para conservar, conforme a legenda da Figura 33.

Localização de Capixaba no Acre:



Mapa de Capixaba



Região do Projeto de Assentamento São Gabriel



LEGENDA	
■ FORTALEZA	■ CENTRO DE CULTURA CÔSMICA
■ FORTALEZA	■ A VENDA - LEANDRO
■ FORTALEZA	■ A VENDA - JOÃO
■ FORTALEZA	■ A VENDA
■ FORTALEZA	■ A VENDA - TIRIRICA
● VIZINHOS PROBLEMÁTICOS	

Figura 33 – Mapa de localização de Capixaba.

